

## Textos e versões

---

Termidor. Drama Histórico em  
Quatro Atos, de Victorien Sardou.

Carlos Alberto da Fonseca  
Tradução e notas.  
Universidade de São Paulo.

## Resumo

Tradução e notas da peça *Termidor*, de Victorien Sardou, a partir de eventos da Revolução Francesa.

Palavras-chave: Termidor, Victorien Sardou, Revolução Francesa

## Abstract

*Translation and notes from the drama Termidor, de Victorien Sardou, from events of the French Revolution.*

*Keywords: Termidor, Victorien Sardou, French Revolution.*

## Termidor

### Drama histórico em quatro atos de Victorien Sardou

Representado pela primeira vez em 24.01.1891 na Comédie-française, retirado de cartaz no dia 27.  
Reapresentado em nova versão em 02.03.1896 no Théâtre de la Porte Saint-Martin.

A versão aqui traduzida é a segunda, disponível em <https://libretheatre.fr/>

Apresentação, tradução e notas de  
**Carlos Alberto da Fonseca**



**Figura 1.** Victorien Sardou (1831-1908) em 1880.

## O Terror no calendário da Revolução francesa

*Thermidor*: a denominação corresponde ao período da Revolução Francesa em que se desenvolveu a fase conhecida como *La Terreur*, compreendida entre 5 de setembro de 1793 (queda dos girondinos<sup>1</sup>) e 27 de julho de 1794 (prisão de Robespierre,<sup>2</sup> precursor da ideia de ‘terrorismo de Estado’). Entre junho de 1793 e julho de 1794, cerca de 16.594 pessoas foram executadas na França, 2.639 só em Paris. Há um consenso de que esse número seja muito maior, com cerca de 10.000 mortes ocorridas sem julgamento ou em prisões.

Até então, cada etapa da Revolução tinha sido um aprofundamento e uma radicalização da etapa anterior – o partido mais à esquerda subia ao poder e conduzia o processo revolucionário. Com o golpe de 9 Termidor (27 de julho) e os eventos posteriores, entretanto, iniciou-se um retrocesso no processo da Revolução: embora se confirme o caráter burguês da Revolução, ela vai culminar no estabelecimento do Império Napoleônico.

O período é assim conhecido porque o golpe que resultou na queda dos robespierristas aconteceu durante o Termidor, décimo-primeiro mês do Calendário<sup>3</sup>

---

1 **Girondino**: Girondino era a denominação de um grupo político moderado, mais conservador, da Assembleia Nacional e da Convenção Nacional francesa, chefiado por Jacques-Pierre Brissot, durante a Revolução Francesa. Seus membros pertenciam, em sua maioria, à burguesia provincial.

2 Maximilien François Marie Isidore de **Robespierre** (1758-1794) foi um advogado e político francês e uma das personalidades mais importantes da Revolução francesa. Seus apoiadores o chamavam de “Incorruptível”. Principal membro dos *Montagnards* “montanhese” durante a Convenção, ele encarnou a tendência mais radical da Revolução, transformando-se numa das figuras mais controversas do período. Seus críticos o chamavam de “Tirano” e “Ditador sanguinário” durante o Período do Terror. É mais conhecido por seu papel como membro do Comitê de Segurança Pública, onde assinou pessoalmente 542 prisões, especialmente na primavera e no verão de 1794. Acabou caindo em razão de sua obsessão com a visão de uma república ideal e sua indiferença aos custos humanos de instalá-la, o que colocou os membros da Convenção Nacional e o público francês contra ele. O Período do Terror terminou quando ele e 50 de seus aliados foram presos na prefeitura de Paris no dia 9 de Termidor. No dia seguinte, ele e seus aliados foram guilhotinados. Tendo encarnado a guerra civil e o Terror, foi excluído de ser enterrado no Panthéon.

3 O **calendário revolucionário francês** ou **calendário republicano** foi criado pela Convenção Nacional em 1792, para simbolizar a quebra com a ordem antiga e o início de uma nova era na história da França. Tinha características marcadamente anticlericais e baseava-se no ciclo da natureza. Era de base solar, composto de doze meses de 30 dias (três semanas de dez dias, as ‘décadas’) totalizando 360 dias. Os dias de cada década eram chamados *primidi*, *duodi*, *trididi*, *quartidi*, *quintidi*, *sextidi*, *septidi*, *octidi*, *nonidi* e *decadi*. Para completar o número de dias do ano, eram acrescentados cinco dias (ou seis, nos anos bissextos) no fim do ano, de modo que este ficasse alinhado ao ano trópico (aproximadamente 365,25 dias). O sexto dia complementar, acrescentado a cada quadriênio, era consagrado à celebração da república. O ano começava no equinócio de outono (22 de setembro, no hemisfério norte), data da proclamação da República francesa, e os nomes dos meses eram alusivos às condições climáticas da época e à correspondente fase do ciclo agrícola, na França. O dia era dividido em dez [horas](#), que se subdividiam em cem partes (como minutos), as quais se subdividiam em mais cem (como segundos). Cada mês do ano tinha uma designação única mas, em vez dos nomes de santos do [calendário gregoriano](#), tinham nomes que remetiam à sua principal característica (Vendemiário, Brumário, Frimário, Nevooso, Pluvioso, Ventoso, Germinal, Floreal, Prairial, Messidor, Termidor e Frutidor). Os nomes dos dias e dos meses foram concebidos pelo poeta [Fabre d'Églantine](#) (1750-1794, guilhotinado) com auxílio do jardineiro do Jardin des [Plantes de Paris](#).

Revolucionário francês, que vigorou de 22 de setembro de 1792 a 31 de dezembro de 1805,<sup>4</sup> quando Napoleão Bonaparte ordenou o restabelecimento do calendário gregoriano. O mês de *Termidor* (o nome faz referência ao ‘calor’, pela palavra grega *thermos*) correspondia geralmente ao período compreendido entre 19 de julho e 17 de agosto no calendário gregoriano, o ápice do verão no hemisfério norte, recobrando aproximadamente o período em que o Sol atravessa a constelação zodiacal de Leão.

O Comitê de Salvação Pública (*Comité de Salut Publique*)<sup>5</sup> voltou-se inicialmente contra os royalistas e os girondinos, encarregado de proteger a nova república contra seus estrangeiros e inimigos domésticos, lutando contra a Primeira Coalizão e a revolta da Vendéia, terminou, como medida de tempo de guerra, por receber amplos poderes de supervisão e administração sobre as forças armadas, o judiciário e o legislativo, bem como sobre os órgãos executivos e ministros da Convenção, terminando por se tornar uma perseguição geral a todos os ‘inimigos’ da Revolução, inclusive alguns elementos jacobinos e revolucionários, como Danton. Era o órgão que conduzia a política do Terror; sua figura de maior destaque era Robespierre. Após a instituição da Convenção, o governo, precisando do apoio das massas populares (os *sans-culottes*)<sup>6</sup>, promulgou diversas leis que visavam consolidar a Revolução. Houve resistência interna contra essas leis, que se somava à pressão externa das potências europeias contra a França.

O Terror terminou com o golpe de 9 Termidor (27 de julho), que desalojou Robespierre do cargo de presidente do Comitê de Salvação Pública e no dia

---

4 Voltou a vigor também durante a [Comuna de Paris](#) (18 de março a 28 de maio de 1871).

5 O **Comitê de Salvação Pública** (*Comité de salut public*) formou o governo provisório na França, liderado principalmente por Robespierre durante o Reinado do Terror (1793–1794), uma fase da Revolução Francesa. Complementando o Comitê de Defesa Geral criado após a execução do rei Luís XVI em janeiro de 1793, o CSP foi criado em abril de 1793 pela Convenção Nacional e reestruturado em julho de 1793. Tornou-se mais poderoso à medida que levantou a defesa contra a coalizão monarquista de nações europeias e forças contrarrevolucionárias dentro da França. Em dezembro de 1793, a Convenção lhe conferiu formalmente o poder executivo. Entre agosto de 1793 e julho de 1794, seu poder atingiu níveis ditatoriais ao organizar e dirigir o Reinado do Terror. Entre seus membros, o radical jacobino Maximilien Robespierre emergiu como um líder. Após a prisão e execução das facções rivais de Hebertistas e Dantonistas, o sentimento na Convenção, eventualmente, voltou-se contra Robespierre, que foi executado em julho de 1794. Na seguinte Reação Termidoriana, sua influência diminuiu e ele foi abolido em 1795.

6 **Sans-culottes**: O termo é anterior à Revolução. Impõe-se com o jornal de Marat, *L’ami du peuple*. O homem do povo, os operários e artesãos vestiam uma calça listrada. Diferentemente da nobreza, a seção masculina, que usava uma calça bastante ajustada, da cintura até os joelhos, chamada *culotte*. A gente comum era, então, “sem culote”. Muito em voga nos anos 1792-1793... Os revolucionários se apoderaram desse nome, a princípio pejorativamente, com orgulho. Os *sans-culottes* são os defensores de uma República igualitária. São considerados pelos outros revolucionários como “radicais”, pois enaltecem a democracia direta. O *sans-culotte* é uma personagem importante da RF que se opõe ao aristocrata. Torna-se mesmo um fenômeno de moda com sua roupa, sua cozinha, suas ideias...

seguinte Robespierre, Saint-Just e mais de uma centena de jacobinos<sup>7</sup> foram executados na guilhotina.

Uma das marcas do Terror foi o aumento da violência institucional, gerada para a repressão e o controle das forças contrarrevolucionárias. A repressão generalizada e a limitação dos direitos individuais certamente eram contrárias aos princípios iluministas da Revolução.

Maximilien de Robespierre foi um dos mais influentes jacobinos no governo revolucionário; em 25 de Dezembro de 1793 ele expôs à Convenção os princípios que determinavam que a função fundamental do governo revolucionário era a fundação da república. Após a criação e estabilização do novo regime, a função do governo constitucional seria conservá-lo. Robespierre afirmava ainda que o governo revolucionário deveria a todos os bons cidadãos a proteção e a morte aos inimigos do povo. Nessa perspectiva, a instituição do terror se fazia necessária para a proteção da república, da revolução e das conquistas iluministas que surgiram delas.

O terror teve início com a invasão dos *sans-culottes* à Convenção Nacional em 1793 e com a expulsão dos girondinos. A partir desse ponto, os jacobinos tomaram o poder, com o apoio dos *sans-culottes*. O radicalismo do Terror era organizado legalmente e oficializado por meio de leis, tais como a [Lei dos Suspeitos](#) (17 de setembro de 1793) - que permitia uma longa lista de enquadramento de suspeitos de oposição e facilitava as suas prisões e a Lei de 22 de Prairial - que inaugura o “Grande Terror” (ápice da violência terrorista), e que tornou os procedimentos jurídicos mais rápidos, por conta da quantidade de presos, resultando em julgamentos sumários e execuções frequentes. Ainda nesse sentido, foi criado o Tribunal Revolucionário, que julgava os presos e os suspeitos de crime político. Foi criado também o [Comitê da Salvação Pública](#), que tinha o objetivo de “salvar” a República – das guerras e dos problemas internos do país - e, por isso, dispunha de poderes plenos, sendo passíveis de autoritarismo.

No ano II, já sob o regime do Terror, Hebert,<sup>8</sup> um dos líderes do Comitê de Salvação

---

7 **Jacobino:** O Clube Jacobino (*Club des Jacobins*) foi um grupo político da Revolução francesa, sendo seu fundador Maximilien de Robespierre. Seu nome se deve ao Convento dos Jacobinos, onde se instalara em 1719. A palavra designava os dominicanos, após a construção de seu convento principal na rua Saint Jacques (*Jacques* em latim: *jacobus*), em Paris. Oss jacobinos foram dos mais radicais partidários da Revolução francesa que, apesar de liderarem a França apenas por um ano, entre 1793 e 1794, deixaram uma marca de audácia e sanguinarismo que espantou o mundo. Procuraram conciliar a democracia de massas com uma direção política centralizada, tirânica; o sufrágio universal masculino, com a decisão única, a virtude republicana coletiva com o cultivo do talento privado. Foram apontados como o primeiro grupo revolucionário moderno, inspirador de uma série de outros movimentos do seu tempo e posterior.

8 Jacques **Hébert** (1757-1794), político e jornalista francês. Redator do *Père Duchesne*, um jornal extremamente radical, exerceu preponderante influência na [Comuna de Paris](#). Chefe da facção ultrarrevolucionária, da [extrema-esquerda](#) jacobina, entrou em luta com Robespierre, que mandou aprisioná-lo. Subiu ao cadafalso com seus partidários, chamados hebertistas. Jacques Hébert, também foi responsável por propor na França, no período de Terror, o processo de des cristianização. Matéria do número 25: “Indignação do Velho Duchesne contra a indissolubilidade do casamento e sua moção pelo divórcio”, que iniciava: “Como, caralho, ainda uma mulher assassinada por seu marido!? Essa moda se libertina sem parar.”

Pública, iniciou um movimento de descristianização do país com a destruição de igrejas e o estímulo à perseguição dos sacerdotes que não haviam jurado a constituição (os refratários). Contudo, o próprio Robespierre era contrário ao movimento e o via como potencialmente perigoso, sendo um dos motivos para a posterior repressão aos hebertistas. Para Robespierre a existência de uma divindade significava o triunfo da virtude, logo, como era a virtude que justificava o Terror, o ateísmo poderia desqualificar o sentido das ações do governo revolucionário.

O fim do Terror acontece com a desmobilização do movimento popular de Paris, enfraquecido com os expurgos dos hebertistas e com a crescente resistência na própria Convenção ao poder pessoal de Robespierre e de sua facção. Em 9 de Termidor, 27 de julho de 1794, a Convenção tramou contra Robespierre e seus apoiadores, que foram presos e guilhotinados. Houve, ainda, uma tentativa malsucedida de insurreição para resgatar Robespierre. Nos meses seguintes, as instituições e as leis terroristas foram encerradas, os comitês de vigilância foram desmanchados e o Clube dos Jacobinos foi fechado.

O movimento *sans-culotte* foi sistematicamente reprimido, os Jacobinos não se fizeram mais presentes no governo e os levantes populares contra a reação termidoriana foram derrotados. O crescimento do movimento monarquista, principalmente da Juventude Dourada, estimulou o fenômeno do Terror Branco, entre dezembro de 1794 até o final 1795, com a perseguição aos antigos militantes Jacobinos.

É esse clima de Terror que perpassa e estrutura a peça de Sardou que se lê a seguir.

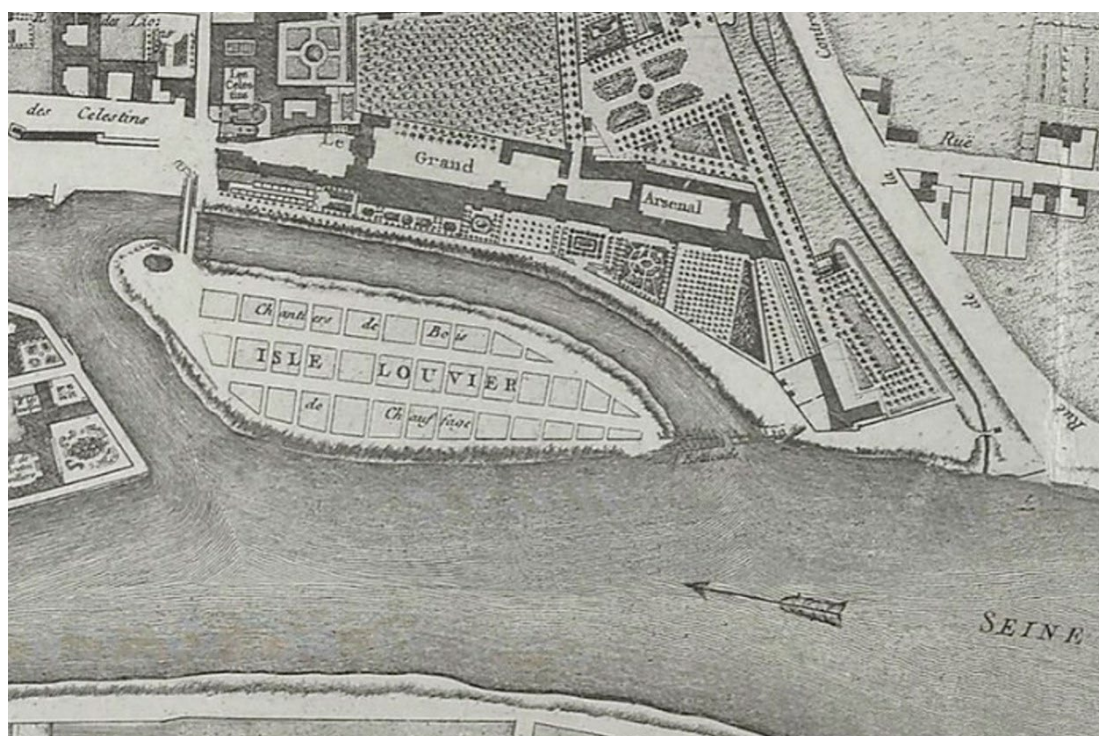


Figura 2. A île Louvier (cf. ato I).



**Figura 3.** *A ponte de Grammont, na île Louvier* (Antoine Perrot, 1830).

## Personagens

**CHARLES LABUSSIÈRE** – funcionário do Comitê de Salvação Pública

**MARTIAL HUGON**

**LUPIN** – comissário da delegacia de polícia

**PESCADOR DE VARA**

**SANSON** – carrasco

**CHATEUIL** – empregado do Comitê

**POURVOYEUR** – procurador

**SIMONET** – escrivão do Tribunal

**LÉCRIVAIN** – escrivão do Tribunal

**JUMELOT** – funcionário do Comitê de Salvação Pública



**VASSELIN** – funcionário do Comitê de Salvação Pública

**BRICARD** – funcionário do Comitê de Salvação Pública

**RIBOT** – empregado do Comitê de Salvação Pública

**BOUCHARD** – membro da divisão do Arsenal

**GASPARD** – delegado de Bérillon

**BRAULT** – concierge da Conciergerie

**GAUTHIER** – empregado da Conciergerie

**OLIVON** – empregado na Conciergerie

**PIERRE** – criado da delegacia de polícia

**DEBUSNE** – tenente da gendarmaria

**RIVIÈRE** – criado da Conciergerie

**FABIENNE LECOULTEUX**

**JACQUELINE BÉRILLON** – mulher de Bérillon

**FRANÇOISE**

**LA MARIOTTE**

**MLLE BRAULT**

Lavadeiras, crianças, passantes, empregados, deputados, espectadores das tribunas, carcereiros, guardas da polícia nacional, gendarmes, auxiliares do carrasco.

## Ato 1



**Figura 4.** A chalupa do Port Saint-Paul, ato I.

*Pequeno braço do Sena entre a ilha Louvier<sup>9</sup> e o Arsenal. No fundo, a ponte Grammont e a perspectiva da chalupa do porto Saint-Paul, atulhada de barris e coroadada pelos sinos de Saint-Gervais, de Saint-Jean e pelo campanário do Hôtel de Ville. À esquerda, a ilha com uma bordadura de grandes árvores, freixos, plátanos, salgueiros, álamos etc. À direita, a silhueta da pista do jogo de malha plantada irregularmente entre outras árvores, cujas ramagens se encontram com as da ilha e formam uma abóbada sobre o rio. Desse lado direito, a margem sobe em talude até a rua, cujos tetos mascaram o Arsenal. Desce-se da rua para a chalupa por uma espécie de escada*

---

<sup>9</sup> No Sena existiam outras ilhas naturais além das preservadas Île de la Cité e Île de Saint-Louis. A Île Louvier (ou des Javiaux) situava-se abaixo dessa última e não era mais que um atoleiro de areia e lodo trazidos pelo Sena e pelo Bièvre. A partir de 1700, quando foi comprada e incorporada à *ville* de Paris, transformou-se em pastagens, alugadas a criadores de gado bovino. Uma ponte, a Grammont, a ligava ao quai des Celestins. A peça refere sua conformação e utilização no final do século XVIII. Nos anos 1840, com ordem do rei Louis Philippe, o braço do Sena que separava a ilha da margem direita será aterrado e a ponte de Grammont que as ligava será destruída. A realidade geográfica antiga ainda pode ser vislumbrada numa foto aérea da área.

rústica de madeira, que confronta o espectador na altura do segundo plano. Na margem, no primeiro plano, tábuas apoiadas à parede, tonéis vazios deitados ou em pé. Mais longe que a escada, do mesmo lado no quarto plano, barco-lavatório com seu teto de telhas. Além, uma outra escada, semelhante à primeira – mas que não pode ser usada – na cabeça da ponte Grammont, que é de madeira, construída sobre estacas, igualmente impraticável. À esquerda, a silhueta da ilha é toda verdejante, umbrosa e fresca. Só o alto das grandes árvores, já amarelecidos pelos grandes calores, é vivamente iluminada pelo sol da manhã, cujos raios perfuram a folhagem das árvores da direita deixando-as na sombra. Através das árvores, que rodeiam a ilha, percebem-se confusamente filas de árvores alinhadas na ilha; à esquerda, no primeiro plano, um barquinho na margem. Toda a dianteira do palco é ocupada por um tablado de madeira formado por pranchas que formam uma espécie de ponte que liga as duas margens; sobre essas pranchas, à direita, no primeiro plano, um carrinho de mão sem carga e um tonel vazio deitado. Mais longe, do barco-lavatório à margem da ilha, pranchas igualmente colocadas sobre um barco fazem uma espécie de passarela.

São cinco horas da manhã, em julho; o céu está muito limpo e sem nuvens.

## Cena 1

Lupin, depois Labussière.

*Ambos descem pela escada da direita, Labussière com sua vara de pesca e um cesto, Lupin com uma linha e uma pequena rede de pesca. Lupin é o primeiro a entrar. A um gesto de Labussière, Lupin atravessa o palco sobre os barcos e segue para a esquerda dar uma olhada na ilha, depois volta sobre seus passos, enquanto Labussière, que permaneceu nos degraus, observa o cais.*

**LUPIN** (para Labussière)

Por aqui nada nem ninguém.

**LABUSSIÈRE**

E lá na ilha?

**LUPIN**

Nem um gato pelado!

**LABUSSIÈRE**

Nem ali no cais! (ele desce) O fato é que às cinco horas da manhã... (deposita o cesto no chão)

**LUPIN**

A menos que se esteja furioso como nós...

**LABUSSIÈRE**

Veja você, rapaz, de todos os lugares que tentamos nesses últimos quinze dias, esse aqui é mesmo o melhor. O cais do jogo de malha está sempre quase deserto...

**LUPIN**

Sobretudo nesta hora.

**LABUSSIÈRE**

E a ilha Louvier só é frequentada à tarde pela gente boa do bairro que ali vai tomar a fresca e passear sob o luar. Nós estamos aqui, debaixo dessas árvores, ao abrigo dos curiosos e do sol... *(ajoelha-se à beira d'água)*

**LUPIN** *(lavando a frente, de pé, perto de Labussière)*

Lugarzinho que já está ficando diabolicamente quente.

**LABUSSIÈRE**

Agora, mão na massa! De boa! Antes que as mulheres do bairro venham lavar sua roupa suja. *(ele abre o cesto)*

**LUPIN**

Desconfia! Vem vindo aí um ser humano! *(Labussière fecha de novo o cesto)*

## Cena 2

Os mesmos, um pescador com uma vara.

*Um pescador desce a escada com uma parafernália de pesca,  
um banquinho dobrável, uma cabaça etc.*

**LABUSSIÈRE** *(à meia voz)*

Um pescador!

**LUPIN** *(do mesmo modo)*

E é de verdade esse aí!... Ele é mesmo bem capaz de se instalar aqui!

**LABUSSIÈRE**

Deixa comigo.

**PESCADOR** *(perto deles, e querendo passar para ir à ilha)*

Saudação, cidadãos!

**LABUSSIÈRE & LUPIN** (*juntos, gravemente, sem resmungar*)  
Sem parar, tá, vai andando.

**PESCADOR**  
Eu só queria passar!...

**LABUSSIÈRE** (*afastando-se*)  
Pois então passe! (*o pescador passa para a esquerda*)

**PESCADOR**  
Obrigado!

**LUPIN** (*à meia voz*)  
Ótimo! Ele vai pra ilha.

(*O pescador para e arma seu banquinho à esquerda, colocando suas linhas sobre a canoa com sua cesta de trecos e sua rede*)

**LABUSSIÈRE** (*à meia voz*)  
Não, ele vai é acampar na chalupa!...

**LUPIN**  
Diabo, ele vai é perturbar a gente!...

**LABUSSIÈRE**  
Vamos fazer ele cair fora!

**PESCADOR** (*completando sua instalação*)  
Vocês aí... são bem madrugadores, cidadãos!

**LABUSSIÈRE**  
Você também!... (*vai para a esquerda, com Lupin, preparar as linhas que Lupin colocou à direita contra a parede*)

**PESCADOR** (*preparando sua linha fora da canoa*)  
Faz tanto calor que não dá nem pra dormir. A madeira do meu quarto estalava a noite inteira! E minha mulher me casquetava as orelhas: “Maldição, que que você tem pra ficar se virando desse jeito?” Nem é preciso dizer que a gente se deitou brigados.

**LABUSSIÈRE** (*vai se sentar no carrinho preparando sua linha, com a ajuda de Lupin*)  
ha! ha!

**PESCADOR** (*dando nó em sua linha, descendo o palco, à direita da canoa*)  
Sim, por causa de um espetáculo!... Ela foi comigo ontem à noite no teatro da Cité<sup>10</sup> ver uma peça que está ficando famosa... Ah! nela se respirava o mais puro patriotismo!... Imagine um marido que descobre que sua mulher chora pelo Antigo Regime<sup>11</sup> e chora também pelo Tirano!<sup>12</sup>... Então, o que ele faz?... denuncia a mulher ao comitê do bairro, que despacha a mulher para o cadafalso.

## LABUSSIÈRE

Ah! que fofo!

## LUPIN

Um canalha, esse marido aí.

**PESCADOR** (*volta para os seus trecos, instala seu banquinho e joga sua linha na corrente; durante o que segue, Labussière se levanta e vai jogar sua linha à direita; Lupin faz o mesmo; os três pescando, pegando peixe, preparando seus anzóis etc*)  
Ah! todo mundo aplaudia! Eu principalmente!... Minha mulher estava quase sufocando, de tanto gritar. O autor, um tal de cidadão Pompigny,<sup>13</sup> foi para a frente do palco, de carmanhola,<sup>14</sup> saudar o público e nos dizer, com emoção: “Cidadãos, sempre faz bem quando o coração conduz a pena.” (*murmúrio de estupefação de Labussière e de Lupin*) “tenho certeza de que não existe na sala um só marido que não imite meu herói!” E então todo o público... os maridos... “Sim, sim, todos! Todos!” foi aí que minha mulher me mandou a chinela!...

---

10 Pode ser o **Théâtre de la Cité-Variétés**, na rua Barthélemy, na Île de la cité, construído pelo arquiteto Nicolas Lenoir, inaugurado em 20.10.1792. A última performance de uma peça no teatro aconteceu em 10.08.1807. Em 1809 o arquiteto o transformou num salão de baile, que em 1846 recebeu o nome de Bal du Prado, destruído em 1859/60 para a construção do Tribunal do Comércio de Paris.

11 **Ancien Régime**: sistema político, econômico e social da monarquia, anterior à Revolução francesa, de 1789.

12 Maximilien Robespierre (1758-1794), o maior **Tirano** da Revolução Francesa, tinha pavor de ser assassinado. Sempre que precisava falar em público, sofria com contorções compulsivas nas mãos e na face e exibia um manuseio descontrolado dos óculos. Sua insegurança e timidez juvenis o acompanharam na idade adulta e se tornaram sua marca registrada. Autoproclamou-se *L'Incorruptible* e foi idealizador do regime de terror durante a RF. O temperamento reservado, no entanto, ocultava uma personalidade vaidosa e megalomaniaca que acreditava ter o legítimo direito de legislar sobre vidas alheias. Assinou de próprio punho nos últimos cinco meses que esteve no poder 2.217 sentenças sumárias de execução – todas as vítimas eram acusadas de conspirar contra a Revolução. Sua vaidade legislava também em questões mais prosaicas: a alfaiataria. Ele apreciava os coletes com bordados elaborados; suas roupas eram bem cortadas, o cabelo cuidadosamente arrumado e sempre usava o mesmo modelo de óculos, que deveriam ter lentes esverdeadas.

13 Baptiste Maurin de **Pompigny** (1766-1823), dramaturgo francês. Era “diretor de palco” (*régisseur de scène*) do Théâtre de l’Ambigu-Comique. A peça referida pelo pescador é *L'époux républicain* (O marido republicano), drama patriótico em 2 atos em prosa, criado no Cité-Variétés em 08.02.1794, dia 20 Pluviose.

14 **Carmanhola**: nesta ocorrência, espécie de casaco estreito, com gola caída sobre os ombros e muitos botões, usada na França, especialmente pelos revolucionários de 1789.

**LABUSSIÈRE**

Porra, coloque-se no lugar dela!

**PESCADOR**

E começou tudo de novo quando ela teve que se levantar, às quatro da madrugada, pra ir na fila do pão e da carne...

**LABUSSIÈRE**

Coitada! Isso é duro mesmo.

**PESCADOR**

E pra cúmulo de tudo, depois de seis, sete horas de canseira na fila, só uma porcaria de um pedaço de carneiro a trinta centavos a libra ou umas batatas a três libras o punhado.

**LABUSSIÈRE**

Então, enquanto a burguesada fica dormindo e roncando, o senhor vem aqui pescar?

**PESCADOR**

Natural. (*tira a linha da água, não há nada nela*) Falhou essa vez. Mas tudo bem, o lugar aqui é bom.

**LABUSSIÈRE**

Acredita que tem dois anos peguei aqui, uma tarde, quase vinte libras de peixe-prego. Era aquele dia 10 de agosto,<sup>15</sup> acredita!

**PESCADOR**

E não é mesmo?! (*rindo*) A gente pesca o que pode, não é?

**LABUSSIÈRE** (*para Lupin*)

Que idiota!

**PESCADOR** (*volta ao barco para mudar a isca*)

Mas, com tudo isso, se isso durar mais tempo, vai ser fome no duro. Os camponeses nem querem mais trazer suas mercadorias pra cidade. São roubados nas portas da cidade. Sem falar nesses aristocratas patifes que se unem com

---

15 **10 de agosto:** O autor se vale propositadamente desta referência a essa data na fala do pescador para ir fixando uma data para os eventos dramatizados na peça: no dia **10 de Agosto** de 1792, os parisienses, liderados por um grupo de revolucionários conhecidos como *sans-culottes*, tomaram o palácio das Tulherias, onde vivia a família real, e nesse momento, a monarquia francesa acabava de vez, dando lugar à República, proclamada no dia 21 de Setembro.

os hebertistas<sup>16</sup> pra deixar o povo faminto. Tem que dizer que o tribunal revolucionário tem uma preguiça!...

**LUPIN** (*estupefato*)

Oh! (*Labussière lhe faz um sinal para que se cale*).

**PESCADOR** (*voltando para o banquinho*)

Quando penso que o pão de quatro libras está a catorze, quinze centavos, e que tem um monte de loucos aí que se enchem as cabeças de farinha!<sup>17</sup>...

**LABUSSIÈRE** (*para Lupin, baixo*)

Vou pegar esse sujeito! (*alto*) Oh! Essa gente que ainda se dá ao luxo de empoar os cabelos!... (*jogando a linha*) Canalhas, vai! (*tranquilamente*) Por exemplo, Robespierre!

**PESCADOR** (*intervindo*)

Oh! Não, esse aí... Não digo nada...

**LABUSSIÈRE** (*recolhendo a linha*)

Ora, ora...

**PESCADOR** (*inquieta*)

Todo o mundo sabe muito bem que o virtuoso Robespierre...

**LABUSSIÈRE** (*severamente*)

Tá sempre empoado!

**PESCADOR** (*movimentando a cabeça*)

Eu acho que... quer dizer...

---

16 **Hebertista:** Também chamados “exagerados”, “enraivecidos” ou “raivosos” e ultrademagogos, eram, durante a Revolução Francesa, na Assembleia Nacional Legislativa (1791-1792) e na Convenção (1792-1795), os partidários de Jacques-René Hébert, líder da extrema-esquerda jacobina e líder de um grupo ultrarrevolucionário durante o período do Terror, e de Jean-Nicolas Pache. O grupo era formado por membros do Clube dos Cordeliers. Ardorosos adeptos do ateísta “Culto da Razão”, pregavam o uso da força contra a França cristianizada e se opunham ao culto deísta do Ser Supremo, pregado por Robespierre.

17 Referência ao costume de os nobres empoarem suas cabeças e perucas com talco ou farinha de trigo para imitar o cabelo dos idosos. Começou com Louis XIV (1638-1715) para esconder a calvície. O resto da nobreza gostou da ideia e o costume pegou. A peruca passou a indicar, então, as diferenças sociais entre as classes, tornando-se sinal de status e prestígio. A Revolução Francesa extirpou a maioria das cabeças com perucas. Símbolo de uma nobreza que se desejava exterminar, as perucas e o empoamento foram caindo em desuso. Na verdade, tratava-se de um costume bastante nojento: as perucas eram o habitat de toda sorte de insetos.



**LABUSSIÈRE** *(do mesmo modo, jogando a linha à direita, enquanto Lupin se aproxima do pescador)*

Quer dizer que é ele que você está focando?

**PESCADOR** *(assustado, descendo perto da canoa)*

Nunca jamais!...

**LABUSSIÈRE** *(ameaçando sem olhar o pescador)*

Então, se explique...

**LUPIN** *(vivamente, ao pescador, à meia-voz)*

Nem se explique e voe daqui senão vai ser um homem morto.

**PESCADOR** *(balbuciando de medo, baixo, recolhendo sua tralha em desordem)*

Sim, sim, mas quem é que que é esse cara aí?

**LUPIN** *(baixo)*

Um observador do espírito público.

**PESCADOR** *(baixo)*

Um dedo-duro!... Misericórdia!

**LUPIN**

Dá no pé e não volte aqui!

**PESCADOR** *(saindo)*

Nunca mais!... Ah! meu guarda-chuva! *(corre para trás das árvores e pouco depois é visto atravessando no fundo correndo sobre as pranchas, e depois desaparece à direita atrás do barco-lavatório)*

**LABUSSIÈRE** *(gritando ao pescador antes que ele desapareça)*

Hebertista!

### Cena 3

Labussière, Lupin, depois Martial

**LUPIN** *(chegando-se a Labussière)*

Tá feito!

**LABUSSIÈRE**

Ufa! Vamos acabar depressa com isso, as lavadeiras vão chegar logo. Fica de butuca. *(Lupin vigia. Labussière abre o cesto)* Não tá vendo ninguém?

**LUPIN** *(vigiando, à direita na escada)*

Não. *(Labussière tira do cesto uma grossa bola de papel em pasta que atira na água, desfazendo-a em pedacinhos. Nisso, Martial surge no cais, no alto à direita, afastando os ramos da árvore para olhar na direção do barco-lavatório)*  
Cuidado!... Vem vindo alguém!...

**LABUSSIÈRE** *(fechando de novo o cesto)*

Essa agora!... Vamos pra ilha! *(levanta-se para se afastar)*

**MARTIAL** *(do alto)*

Eh!... mas não estou enganado mesmo: é você, Labussière.

**LABUSSIÈRE** *(virando-se)*

Hein? *(olha com alegria)* Martial!... Mas como, é você?

**MARTIAL**

Eh! Sim. Não se mexa, eu desço aí. *(ele desaparece um instante atrás das árvores)*

**LABUSSIÈRE** *(para Lupin)*

É um amigo e, desse aí nada a temer. Mas porém, pega o cesto e, enquanto eu conversar com ele, atravessa a ilha e faz aquilo com precaução.

**LUPIN**

Combinado!... *(pega o cesto e desaparece na ilha, enquanto Martial desce a escada)*

## Cena 4

Labussière, Martial

**LABUSSIÈRE** *(caminhando na direção de Martial e apertando suas mãos afetuosamente)*

Ah! meu caro... querido Martial! Que acaso trouxe você aqui?

**MARTIAL**

Não foi nenhum acaso... mas logo vou lhe explicar a razão. *(lança um olhar para o barco-lavatório vazio)* Você estava pescando?

**LABUSSIÈRE**

Meu café da manhã! *(mostra Lupin que desaparece nesse momento)* Mas o moleque vai pescar por mim. Ah! Meu bom Martial, tem um século que não aperto essas boas mãos entre as minhas.

**MARTIAL**

Três anos pelo menos.

**LABUSSIÈRE**

Sempre um soldado!

**MARTIAL**

Sempre.

**LABUSSIÈRE**

Oficial.

**MARTIAL**

Comandante de artilharia, esperando promoção, e ajudante de ordens de Jourdan.<sup>18</sup>

**LABUSSIÈRE** (*surpreso*)

E você está em Paris?

**MARTIAL**

Faz dois anos, trazendo para a Convenção as bandeiras conquistadas em Fleurus<sup>19</sup> e despachos para o cidadão Carnot<sup>20</sup>. (*volta um pouco atrás e dá uma olhada para o fundo na direção do barco*)

**LABUSSIÈRE** (*olhando para o mesmo lado e indo para a direita*)

O que está olhando?

---

18 Talvez Jean-Baptiste Jourdan, 1º Conde **Jourdan** (1762–1833): militar francês. Participou na [Guerra da Independência dos Estados Unidos](#), ao lado de La Fayette; nas [Guerras revolucionárias francesas](#) e nas [Guerras Napoleônicas](#). Foi um dos mais brilhantes generais da [Revolução Francesa](#) e do [Primeiro Império](#). Recebeu o título de [Marechal do Império](#) em 1804.

19 **Batalha de Fleurus**: Ocorrida em 26 de junho de 1794 em Fleurus, na Bélgica, foi importante e decisivo confronto entre o Exército Revolucionário Francês e as forças da [Primeira Coligação](#) (união de diversas monarquias europeias contra a [França revolucionária](#)). O exército presente em Fleurus, era constituído por forças que tinham origem em três outros exércitos e que, a partir de 29 de Junho de 1794, iriam formar oficialmente o *Armée de Sambre-et-Meuse*, corpo militar que existiu até Setembro de 1797. Esse novo exército estava sob o comando do general de divisão Jean-Baptiste Jourdan e tinha um efetivo total de aproximadamente 77 500 homens. No dia da batalha, estavam formados três corpos de tropas de infantaria e um de cavalaria: Armé de la Moselle, Armé du Nord e Armé des Ardennes, além de uma Reserva de Cavalaria. Foi o primeiro confronto em que foi utilizado um meio aéreo (balão) para ações de reconhecimento.

20 Lazare Nicolas Marguerite **Carnot** (1753-1823): Matemático e físico francês, político e militar, republicano burguês; durante a Revolução Francesa aderiu aos jacobinos; foi um dos organizadores da defesa da França contra a coligação de Estados europeus.

**MARTIAL** (*descendo de novo*)

Nada... E você, sempre representando feito um ator?

**LABUSSIÈRE**

Eh! Sim, mas no momento de férias.

**MARTIAL**

Ah! Teria feito melhor continuando como soldado!

**LABUSSIÈRE**

Duvido!... Cada um com sua vocação. Meu bravo pai se enganou redondamente me fazendo entrar com quinze anos no regimento Savoia-Carignano.<sup>21</sup> Eu gostava demais de minha independência pra me ligar à disciplina militar. Quem sabe disso melhor que você, que me salvou a vida correndo pra mim quando eu ia estrangular aquele tenente fracote que me tinha esbofetado? Foi então que, enjoado com o serviço, decididamente traí, como dizia nosso velho capitão, “Belona com Melpômena”.<sup>22</sup>

**MARTIAL**

E pelo menos você se deu bem com essa aí?

---

21 A Casa de **Savoia-Carignano** é um ramo mais jovem da Casa de Savoia. Ela surge em 1620 com a elevação da cidade de Carignano, nas cercanias de Torino, a principado pelo duque de Savoia [Charles-Emmanuel I em favor de seu filho caçula Thomas. Ele e seus sucessores detêm o título de “príncipe de Carignano”](#). Com a morte do rei da Sardenha Charles-Félix de Savoia, a linha direta dos Savoia se extingue e foi preciso recorrer ao ramo dos Savoia-Carignano para designar o herdeiro ao trono do reino da Sardenha: foi ele: Charles-Albert da Sardenha ([1798–1849](#)). Todos os reis da Itália descendem, pois, do ramo Savoia-Carignano. A Casa de Savoia, fundada em 1003, integrava o Sacro Império Roman-Germânico e suas propriedades abrangiam a Savoie, França, e o Valle de Aosta e o Piemonte, na Itália, uma extensão única de terras. A Casa alinhou-se do lado dos monarquistas nas guerras revolucionárias francesas e alinhou-se a Giuseppe Garibaldi pela unificação italiana. No século XX, Marguerita Maria Teresa Giovanna (1851-1926), duquesa de Mântua, foi primeira rainha-consorte da Itália Unificada até a morte do marido Humberto I em 1900; era profundamente religiosa e uma fervorosa nacionalista, apoiou a ascensão de Benito Mussolini e do [Partido Nacional Fascista](#). A pizza *margherita* (criada em 1889) foi assim denominada em homenagem a ela, citando em suas cores a [bandeira da Itália](#): o branco pela [mozarela](#) Fior di Latte, o verde pelo manjeriço e o vermelho pelo molho de tomates (e não rodelas do fruto).

22 **Melpômena**: “aquela que é melodiosa”, uma das nove musas da mitologia grega, filha do Oceano e Tétis; era a musa da tragédia, representada com uma máscara trágica, uma coroa de cipreste, segurando um bastão ou uma faca e uma máscara e vestindo botas de couro (coturno), tradicionalmente usadas pelos atores trágicos. **Belona** é a deusa da guerra, na mitologia romana; tem origem etrusca; no sincretismo com a mitologia grega, foi associada à deusa Ênio. Por maior que seja a [analogia](#) de Marte como deus romano da guerra, Belona era a fúria da guerra, ou seja a [carnificina](#), enquanto Marte era ligado aos armamentos, à virilidade e ao árduo trabalho.

**LABUSSIÈRE**

Mas sim, claro! Fui bastante aplaudido ainda recentemente no teatro Mareux.<sup>23</sup>

**MARTIAL**

No Mareux?

**LABUSSIÈRE**

Uma saleta burguesa, na rua Antoine, aqui pertinho, onde se encena a comédia da sociedade e sempre cheia mesmo nesse calor. A propósito, tão cedo assim, você veio se banhar, sem dúvida?

**MARTIAL**

Oh! Não... Eu vim...

**LABUSSIÈRE** (*vivamente*)

Por uma mulher!

**MARTIAL**

Sim.

**LABUSSIÈRE**

Já? Dois dias em Paris e já...

**MARTIAL**

Oh! Isso é mais certo do que você pensa.

**LABUSSIÈRE** (*apontando o carrinho de mão*)

Senta ali e conta tudo pro mais fiel dos teus amigos.

**MARTIAL**

Mas te previno que é um pouco longo.

**LABUSSIÈRE** (*sentando-se a cavalo no barril vazio, perto do carrinho*)

Começa e não para! Não temos nada melhor pra fazer.

**MARTIAL** (*sentado no carrinho, colocando o chapéu no chão*)

Vamos lá: tem uns seis ou sete meses, depois de um ferimento na perna, fui mandado aqui pra Paris de folga, com uma missão para o Comitê de guer-

---

23 Théâtre **Mareux**: aberto em 1786 por Toussaint Mareux, no 46 da rue Sant Antoine, próxima do local da cena; tornou-se Théâtre de Thalie em 1792 e Théâtre des Élèves Dramatiques et lyriques em 1802, dirigido por Pelletier-Volmeranges; extinto em 1807 por decreto imperial.

ra.<sup>24</sup> Como não podia andar a cavalo, fiz a viagem de carruagem, por etapas. Eu tinha requisitado, em Creil, um cabriolé que eu devia devolver em Paris no “Albergue e Bar Prato de Estanho”;<sup>25</sup> e eu estava, perto das oito da noite, a um tiro de fuzil de La Chapelle,<sup>26</sup> e, com a neve chicoteando meu rosto, eu apertava o passo do meu cavalo, quando, bruscamente, ele passou por cima de alguma coisa, e parou... desci, olhei. Era uma jovem desmaiada na neve. Coloquei ela no cabriolé, enrolei no meu mantô, fiz ela beber um gole de aguardente... ela se reanimou e me olhou, inquieta, assustada... eu a tranquilizei e perguntei onde podia levar ela... e, chorando, ela me respondeu: “Ai de mim! Pra onde eu vou? Não tenho onde ir!...”

## LABUSSIÈRE

Oh! Oh! Vamos agora cuidar de uma aventureira!...

## MARTIAL

Não!... Então, eu disse, precisa logo é de um bom prato de sopa perto de uma lareira; vamos depressa para um albergue onde você vai ter tudo isso!... E saímos dali. Ela fechou os olhos e parecia suspirar enquanto fazíamos nosso caminho em silêncio. No “Prato de Estanho”, onde era bem conhecido, confiei minha protegida à chefe do lugar, Madame Aurèle, uma brava mulher que veio me dizer logo depois: “Ela comeu e está dormindo.” Tranquilizado, fui cuidar de mim. No outro dia de manhã, corri pra ver minhas coisas, e, quando voltei pro albergue... “Sabe que, me disse a Madame Aurèle, ela é uma moça bem interessante; é órfã, seu pai (vi os documentos dela, cartas dele) foi do comitê

---

24 A Convenção, como as assembleias precedentes, instituiu, desde sua instalação em 1792, 18 comitês alojados no palácio das Tulherias e encarregados de elaborar os elementos de sua obra legislativa: **Comitê de guerra** (22 membros), Comitê das finanças (10, um dos quais Cambon), [Comitê de instrução pública \(26, um dos quais o abade Grégoire\)](#), [Comitê de legislação \(17, entre os quais Cambacères\)](#), [Comitê da marinha e das colônias \(20, entre os quais Barras e Fouché\)](#), etc. Em 18 de março de 1793, os membros do Comitê de defesa geral, considerando que as dificuldades econômicas acarretavam em Paris uma onda de agitação comandada pelos “raivosinhos”, propõem a criação de um Comitê de salvação pública, de duração mensal, formado por 9 membros, com poderes para vigiar e acelerar a ação do Comitê executivo provisório (ministério formado em 1792), podendo até cancelar seus decretos, autorizado que foi a tomar medidas de defesa geral externa e interna; logo se tornou um verdadeiro governo ditatorial. Na primavera de 1794, ele se divide: a maioria, hostil a Robespierre, prepara sua queda; após o 9 Termidor, a Convenção limita seu poder: ele apenas dirige a diplomacia e os negócios militares; desaparece com a Convenção de 1795.

25 **Auberge et bar Plat d’Étain:** ainda existe em Paris, no 69 da rue Meslay (perto do local do antigo Les Halles) um hotel e bar Plat d’Étain. Todo reformulado, mas guarda os ares de um albergue, com quartos para 1 e até 5 pessoas, com vigas de madeira aparentes amarrando paredes e sustentando tetos.

26 **La Chapelle:** A personagem bem poderia estar nas imediações da Sainte-Chapelle, vizinha da Conciergerie (cf atos finais desta peça) ou da barreira da Porte de la Chapelle, no norte da cidade, na saída para Saint-Denis.

da guerra do finado rei. Ela se chama Fabienne Lecoulteux e seu único irmão, preso lá na Vendéia, foi fuzilado em Nantes!<sup>27</sup> Quanto a ela, desde os catorze anos foi internada no Convento das Ursulinas de Compiègne pra fazer lá seu noviciado. Ela já ia pronunciar seus votos quando o convento foi fechado e todas as religiosas tiveram de voltar para suas famílias. Mas qual família existia para aquela infeliz? Então o passarinho do bom Deus abriu sua gaiola dizendo “Foge!” e ela não sabia onde ir. Primeiro se refugiou na casa de um burguês de Saint-Denis, cuja filha era sua companheira no convento. Mas, quando o homem soube que hospedava a filha de um chuã, ele demonstrou tanto medo que, sem dar um pio, ontem de tardinha, ela tomou o caminho de Paris onde espera encontrar um dos seus parentes. A fadiga, o frio, o medo naquela estrada! O resto o senhor sabe. Sem nada dizer, ajudou aquela pobre freirinha. Ela deseja lhe agradecer. Quer falar com ela?” Eu segui Madame Aurèle e encontrei a senhorita Fabienne Lecoulteux ao pé da lareira, toda temerosa e bastante confusa me expressando seu reconhecimento. Imagina só uma mocinha que nunca saiu de seu convento, que não sabe nada do mundo e que procura o que pode, o que deve, o que não deve dizer. É comovente isso, de um encanto maravilhoso... e eu estava bastante emocionado quando a deixei. Primeiro me pus à procura de um parente, um certo Lecoulteux de la Noraye.<sup>28</sup>

#### LABUSSIÈRE

Executado!

#### MARTIAL

Exatamente. O senhor sabe disso?

#### LABUSSIÈRE

Santo Cristo!

#### MARTIAL

Com essa notícia ruim, a pobre criança ficou desolada... eu me lembrei então que tenho neste bairro, na rua da Cerisaie, uma velha prima muito devota que vive sozinha. Onde minha protegida estaria melhor do que na casa dessa boa mulher?... A oferta foi aceita por ambas as partes e a instalei na casa de minha

---

27 Indicações de que deve se tratar de nobre fugida da Vendéia – palco da *Chouannerie* (ver peça *Cadio*, de George Sand, publicada nesta mesma DRAMATURGIAS, nos números 17 e 18). A verdadeira origem e natureza da personagem Fabienne Lecoulteux será revelada principalmente nos dois atos finais.

28 Escolha arbitrária de um sobrenome? Entretanto, o Arquivo Bossu do Fundo Maçônico do Departamento de Manuscritos da Bibliothèque Nationale de France revela fichas com o nome Lecoulteux “fichados” por algum serviço de espionagem/delação... Existiu, também, um M. **Lecoulteux de la Noraye**, a quem Honoré Gabriel Riquetti (1749-1791), conde de Mirabeau, enviou algumas *Lettres sur la Banque de Saint-Charles et la Caisse d'Escompte* (1785).

prima, onde a via pela manhã e à tarde. Preciso lhe dizer que o amor se meteu nessa história? Mas minha folga terminou, tive que deixar Paris e adiar nossos projetos de futuro. Não pensei, porém, que nosso casamento fosse coisa acertada para antes do final daquela campanha militar... Aí teve a partida, o adeus, as cartas!... depois, um desastre! Num combate entre postos avançados, fui feito prisioneiro e levado para a cidadela de Anvers. Três meses de um cativeiro duro sem saber nada dela... Finalmente, uma troca de prisioneiros me deixou livre, três dias antes de nossa vitória de Fleurus, cujas bandeiras levo comigo. Desde minha chegada corro todo dia até a rua da Cerisaie... Ninguém!... A prima havia morrido!... Fabienne desaparecera. Interrogo os vizinhos. Procuo por todo o bairro. Nenhuma pista. Ah! passei lá vinte e quatro horas... as mais cruéis da minha vida! Ontem, de manhãzinha, após uma noite sem dormir, voltei pela centésima vez ao bairro, o único onde posso encontrar algum sinal dela. Um ruído de vozes e de bateção de roupa chamou minha atenção para aquele barco ali. *(ele se levanta e aponta o barco-lavatório)* Fui até à passarela. Olhei. No mesmo instante uma mulher se levantou, carregando sua roupa lavada e, sob seu vestido, sua touca... acreditei reconhecer!... Eu reconheci!... Era ela!... Eu me lancei na direção da escada *(ele indica)* que desce para a margem; mas ela tinha se afastado e desaparecido no cais!... Corri, chamei. Em vão! Voltei para o barco. Só uma mulher ali, que me respondeu com gracejos. Não sabia de nada, aliás, sobre aquela jovem, que chegava ali todas as manhãs à mesma hora. Compreende agora porque vim aqui tão cedo... *(aproxima-se de Labussière, sempre sentado no barril)* e esteja assim tão inquieto, pois sou obrigado a partir amanhã... e, se ela não aparecer, só você pode descobrir ela para mim. Ah! meu bom Charles, que sabe de minha admiração por você, mas você não vai me culpar se eu admitir que essa ideia me surgiu em parte pela alegria de te rever.

#### LABUSSIÈRE

E que eu te perdoe! Foi daquele barco ali que você falou?

#### MARTIAL

Sim, aquele ali. *(pega novamente seu chapéu e vai para o centro do palco)*

#### LABUSSIÈRE *(em pé)*

Encha-se de paciência. As mulheres nunca chegam antes das seis.

#### MARTIAL

Paciência então!

#### LABUSSIÈRE *(perto dele)*

Pelo menos, com todas essas suas pesquisas, você achou tempo para cumprir sua missão de ver o cidadão Carnot?



**MARTIAL** (*olhando para o fundo*)

Muitas vezes! Ele tem por mim alguma afeição, tendo me conhecido em Wattignies,<sup>29</sup> onde deu tiros de fuzil ao meu lado, como um simples soldado.

**LABUSSIÈRE**

Sim, sim, esse aí era um verdadeiro patriota! Ele te contou sobre a tomada de Anvers?<sup>30</sup>

**MARTIAL**

Ele estava me falando dela ontem na antessala da Convenção quando Robespierre chegou e me lançou um olhar inquieto por trás de seus óculos azuis...

**LABUSSIÈRE**

Naturalmente... ele desconfia de todo o mundo. (*conversando, chegam à esquerda do palco*)

**MARTIAL**

Carnot disse meu nome e lembrou a ele nossos feitos! O outro, com seu tom arrogante: “Essa gente fala demais de nossas vitórias!” E saiu.

**LABUSSIÈRE**

Sim! A glória militar ofusca os olhos dele. A glória dele empalidece e sua retórica se perde na barulheira dos canhões.

**MARTIAL**

Ah! aquele homenzinho feio com seus olhinhos falsos, aquele tique de pescoço, aquela voz que guincha e sua testa chata! Esse gatigre derrotou Danton!

**LABUSSIÈRE**

Para quem ele escrevia “Te admiro até à morte” alguns dias antes de o despa-

---

29 **Wattignies**: comuna francesa, situada no Departamento do Norte, na região de Altos da França. Lembrada por ter sido, em 1708, o local da batalha decisiva perdida pelos franceses contra o [duque de Marlborough](#) que realizou o cerco de Lille defendida pelo [marechal de Boufflers](#).

30 **Anvers**: A guerra dos 80 anos, também chamada revolta dos Países Baixos, foi o levante armado de 1568 a 1648 contra a monarquia espanhola por uma parte das 17 províncias dos Países Baixos espanhóis. Ao final da guerra, a realeza dos Habsbourg espanhóis sobre os Países Baixos do Sul foi transferida, por um acordo feudal, para os Habsbourg da Áustria, contra os quais se desenvolveu uma forte oposição, bem como contra os espanhóis. Disso resultou um levante em 1787-1789 e os austríacos foram vencidos. O Estado independente dos Estados belgas unidos foi proclamado em Bruxelas e Anvers participou dele. Mas o retorno dos austríacos em 1790 e o ataque dos exércitos republicanos da Revolução francesa pôs fim a essa breve independência em 1792.

char; como ele fingia chorar pelo pobre Camille<sup>31</sup> no momento mesmo em que redigia com Saint-Just<sup>32</sup> seu decreto de acusação.

### MARTIAL

Hipócrita! (*estão diante do barco*)

### LABUSSIÈRE

Ah! vocês soldados são felizes. Só veem da Revolução suas grandezas e suas virtudes, nossas armas triunfantes e as águias régias fugindo diante da bandeira tricolor. Volta pro exército, vai! É lá que está o patriotismo puro! Aqui você só vai ver coisas que desolam uma alma verdadeiramente republicana como a sua.

### MARTIAL

Ah! Que verdade você diz! Fui à Convenção, procurei lá em vão os grandes homens daquela Assembleia Nacional que minou o Ancien Régime, os heróis da Constituinte que fundou o novo, os girondinos que nos conquistaram a liberdade, os dantonistas que nos conquistaram a república! (*senta-se na borda do barco*) Todos desaparecidos, fugitivos, degolados! Fui até os jacobinos. Ali ouvi o dulçuroso Couthon<sup>33</sup> apoiar a súplica dos indulgentes e de outros frenéticos e engrossar aquelas insanidades sanguinárias. Percorri a cidade... em todas as paredes, cartazes de vendas; em todas as portas, mobília em leilão e

---

31 Pode ser **Camille** Desmoulins (Lucie-Simplice-Camille-Benoist Desmoulins, 1760-1794), advogado, jornalista e revolucionário francês. Recebeu boa educação, tendo sido premiado num concurso geral, no mesmo ano em que seu colega Maximilien de Robespierre, Apesar da notável gagueira, tornou-se um dos maiores oradores da Revolução francesa. Seu primeiro grande discurso foi realizado diante da multidão reunida nos jardins do [Palais-Royal](#) em frente ao café du Foy em 14 de julho de 1789 após a demissão de Necker. Mais tarde, neste mesmo dia, a Bastilha foi tomada. Denunciou constantemente a ideia de uma conspiração aristocrática. Outra de suas grandes lutas foi pelo voto das mulheres. Após o 10 de agosto, tornou-se secretário do Ministério da Justiça, chefiado por Danton. Em 31 de março de 1794, considerado dantonista, é preso ao mesmo tempo que eles e, apesar de sua antiga amizade com Robespierre, o decreto de sua prisão é assinado também por ele.

32 Louis-Antoine-Léon de **Saint-Just** (1767-1794), aspirante a literato, pensador e político revolucionário francês. Foi eleito para a Convenção em 1792 e votou pela morte do rei. Toda a sua ação política visava criar uma “[democracia](#)” de pequenos proprietários, de trabalhadores e artesãos, fiéis à [República](#). Foi guilhotinado em 28 de julho de 1794. Por sua intransigência durante o período de Terror, foi apelidado “arcanjo do Terror” e “arcanjo da Revolução”.

33 Georges **Couthon**, 1755 – 28/7/1794, foi um político francês, personalidade da Revolução e amigo de Robespierre. Eleito deputado em 1791 na Assembleia Legislativa e depois na Convenção Nacional, membro do grupo denominado *montagnards* (‘montanhistas’). Aliou-se a Robespierre e Saint-Just, formando o famoso “*triumvirato*” acusado, por seus adversários, de traição. Relator da lei do 22 Prairial – que priva os acusados do direito de defesa - reorganizou o Tribunal revolucionário e deu início ao chamado *Grande Terror*. Foi guilhotinado em 10 Thermidor, junto com Robespierre, fiel até a morte aos seus ideais e à sua amizade.

pedintes por toda parte, “enfurecidos”<sup>34</sup> disfarçados de galerianos com seus cabelos ensebados, seus bonés vermelhos, suas carmanholas e seus porretes. Mal cai o dia as lojas fechadas, as ruas silenciosas e escuras; a cada passo uma patrulha exigindo o passe cívico e, ao mínimo ruído, a voz de gritalhães ber-rando a lista dos ganhadores do dia na loteria de Santa Guilhotina; porque todos os dias, às quatro horas, seis, sete charretes percorrem os cais levando para o açougue homens, mulheres, velhos, mocinhas, crianças; ontem ainda um moleque de quinze anos. E Paris é isso, nossa bela, nossa gloriosa Paris, a Paris do catorze de julho, a Paris da Federação!...

### LABUSSIÈRE

Ah! meu caro Martial, está longe o dia em que, tão alegremente, a gente em-purrava o carrinho de mão no Champ-de-Mars!<sup>35</sup> Que entusiasmo então de todo um povo livre de suas amarras! E os belos sonhos de futuro? Mais arbitrarie-dade, nada de privilégios! Mais os grandes humilhando os pequenos, os ricos oprimindo os pobres! A justiça para todos, o poder para os melhores, as hon-ras para os mais dignos, a guerra para todos os abusos, a praça para todos os direitos, a chamada para todos os deveres! Lua de mel da liberdade, onde você está?... Um sonho tão bonito terminar num pesadelo!... Ter chegado a isso!... A esses costumes de canibais, a esses matadouros de carne humana!... Que re-pugnante! (*senta-se perto de Martial*)

### MARTIAL

Enfim, aqueles mesmos que conduzem para a morte aquelas moças e aquele ra-paz de quinze anos não acreditam que elas e ele fossem capazes de conspirar...

### LABUSSIÈRE

Aquele pivete Maillé! Ele só era culpado por ter jogado na cara do carcereiro o arenque podre que trouxe pra ele comer. “Mas o que importa! Diria Herman ou Fouquier-Tinville!”<sup>36</sup> Eu não julgo, eu condeno! Não se trata de saber se o

---

34 Os *enragés* - No contexto da [Revolução francesa](#), eram um grupo de revolucionários radicais cujo representante mais notório foi o [padre constitucional Jacques Roux](#). Reivindicavam não só a igualdade civil e política, mas também a social, preconizando a taxaço dos gêneros alimentícios, a requisição dos grãos e o pagamento de [tributos](#) pelos ricos. Pode-se situá-los à esquerda do grupo dos [montanhistas](#). Foram combatidos tanto por Robespierre quanto por Danton, Marat e os hebertistas.

35 Até 1765, a *plaine de Grenelle* era uma vasta área destinada à *maraîchage*, à cultura profissional de vegetais para uso alimentar. Naquele ano, a instalação da École Militaire mudou sua destinação: um amplo campo de manobras ocupou toda a área.

36 Antoine Quentin **Fouquier-Tinville**, 1743-1795, personalidade da Revolução francesa, acusador público do Tribunal revolucionário em 1793. Era ele o agente ativo do tribunal, que indicava os juizes e os jurados, escolhia a sala, redigia os protocolos de acusação, fazia aplicar a lei, recebia o carrasco, fixava o número de carroças de condenados e, finalmente, prestava contas ao Comitê de Salvação Pública. Guilhotinado em 1795 na Place de Grève.

acusado é culpado ou não, mas se ele é suspeito de lamentar o Ancien Régime. Basta para que morra, não queremos mais nada do passado, nenhum lamento, nenhuma lembrança!...” e aí está, despojada de suas declamações hipócritas e posta às claras, toda a teoria do despotismo que nos esmaga. “Um retorno, disse Camille Desmoulins, que aliás foi morto por ter ousado dizer isso, um retorno aos bons tempos de Nero e de Calígula, quando dez mil patifes fazem a lei para toda uma cidade intimidada; onde o medo tem assento em todos os lares; infames onde o marido desconfia de sua mulher, o pai de seus filhos; onde os bandidos não mais temem o rigor das leis; pois lhes basta ser do comitê de sua seção para forçar a porta sob pretexto de visita domiciliar, te despojar de seus bens a título de confisco e cometer em tua casa todos os abusos se glorificando de virtudes cívicas; onde tua vida está à mercê de um criado velhaco que você persegue, de um devedor insolvente, de uma mulher ciumenta, de um herdeiro impaciente, de um juiz impiedoso que, por alguma lei atroz de Prairial, te condena sem investigação, nem testemunhas, nem debates, nem defesa! Porque esse é seu prazer! No qual sempre e por toda parte a palavra “suspeito” te espreita, te importuna, te ameaça, te denuncia! Você vai pra Vincennes<sup>37</sup> sem passaporte: “suspeito”. Você esconde, então, quem você é; mas não se apressa em conseguir um, porque, então, “suspeito”, você só quer fugir! Você fala polidamente, tuas cuecas são brancas, “suspeito”. Tua limpeza tem cheiro de aristocrata!... você vai pelas ruas, em silêncio e cabeça baixa, então você se culpa! “Triste”, é então que você deplora! “Gaiato”, é então que você caçoa! “Inquieto”, é então que você tem alguma razão para temer! Cuida que tua palidez não te denuncie. Camille disse isso repetindo Tácito. Trema até mesmo por ter medo! São suspeitos o talento, o saber, o espírito; tudo isso é anti-igualitário! Suspeitas a benemerência e a caridade; é testemunha o jovem Micaut, condenado, diz o julgamento, por ter corrompido o povo com seus benefícios! Não vista luto pelo pai supliciado, exibição de *anticivismo*: morte! Não se esqueça de tirar da lareira uma placa com a flor-de-lis! *Royalismo*: morte! Não guarde, como fez Pierre Gondier, num bufê, fatias de pão seco para dar às galinhas, avareza, *hebertismo*: morte! Não testemunhe, como Capote Feuillide e Prédicant, em favor de um acusado, indulgência e *moderantismo*: morte! E, para todos esses casos, sem apelação, nem recurso, nem sursis: morte!

## MARTIAL

E toda Paris sofre, aceita esses horrores?

---

37 **Vincennes**: Vincennes é uma cidade, situada no vale do Marne, na periferia oriental de Paris. O castelo de Vincennes foi, a princípio, um pavilhão de caça, de 1150. Ao longo da Idade Média, foi transformado numa fortaleza militar; em 1796, o palácio foi convertido em arsenal, abrigando depois a seção histórica do exército; em 1804, o Duque d’Enghien foi fuzilado no fosso do palácio (cf. *A morte do duque de Enghien*, em DRAMATURGIAS 17), tendo-se constituído em prisão do Estado, onde também esteve preso o Marquês de Sade.

## LABUSSIÈRE

Ah! pobre gente, ignorante e crédula, mas tão devotada à República e tão valente em defendê-la. Dizia-se dos condenados do primeiro dia: “Conspiradores, traidores que pactuam com o estrangeiro para te difamar e te tornar servo. Suprima-os, a abundância há de renascer e virá a era de ouro!” O povo acreditou nisso. E, durante meses e meses, ele viu passarem as charangas: os royalistas, os feullants,<sup>38</sup> os girondinos, os hebertistas, os dantonistas, todas as facções, todas as idades, todas as classes, todas as profissões, tudo jogado em desordem na mesma carroça. Mas, quanto mais copiosa a colheita de cabeças, tanto maior parece a era de ouro. O povo se espanta, se irrita. Os comerciantes da rua Honoré<sup>39</sup> só choram quando, na hora em que passa o cortejo fúnebre, o bairro fica deserto, suas lojas se esvaziam. No dia da festa do Ser Supremo<sup>40</sup> na praça da Revolução,<sup>41</sup> os oito bois que puxavam o carro das Artes e Profissões se recusavam a avançar, ofuscados pelo odor do sangue que impregnava a praça e o povo se emocionou com essa lição dada ao homem por aqueles brutos. O cadafalso ameaçava se tornar impopular. Subitamente ele foi transportado para a praça fronteira à Bastilha. Depois, com base em novas reclamações, para a barreira Trône-Renversé, nos confins da cidade, quase nos campos... as primeiras charretes contratadas no faubourg foram acolhidas com um silêncio morno, hostil, e, depois, à sua passagem, as janelas se fecham, os homens se distanciam, as mulheres se escondem. Pense que em quarenta e nove dias a rua Antoine viu passar mais de mil e trezentos condenados!... *(ele se levanta)*

## MARTIAL *(também se levanta e ambos descem para o proscênio)*

E, nessa cidade indignada, ainda não se encontrou dez homens de coração para se atirarem contra o cadafalso! Nenhum bom republicano, nenhum republicano verdadeiro, como você e eu, protestou contra uma causa que o desonra nem gritou alertando esse povo desiludido: É isso a República, é isso a Revolução! É isso a Liberdade! Mas, é o contrário!... mas, é tudo o que execra-

---

38 **Feillant:** O grupo dos *Amigos da Constituição*, mais conhecido como o *Clube dos Feullants* foi um grupo político de tendência monarquista constitucional que se opunha à destituição do [Rei Luís XVI](#). Opuseram-se aos realistas intransigentes e aos Jacobinos. O clube desapareceu depois de 10 de agosto de 1792.

39 A rua era a via de passagem das carroças que abandonavam a Place de Grève e sua guilhotina.

40 O Culto do **Ser Supremo** (*Culte de l'Être suprême*) foi um tipo de deísmo estabelecido na França por Maximilien Robespierre durante a Revolução Francesa.. Pretendia-se torná-lo a religião oficial da nova República Francesa, substituindo tanto o [Catolicismo](#) como a sua rival, o [Culto da Deusa Razão](#). Esse culto foi imposto no clima de insegurança do Terror. Ele marca uma ruptura com a descristianização que acompanhou a Revolução francesa e a tentativa dos hebertistas de impor o Culto da Razão. Robespierre, deísta, quis dar um fim ao ateísmo militante dos revolucionários e unificar os franceses ao redor de um culto comum, sempre reforçando o embargo do Estado sobre a religião.

41 **Praça da Revolução:** Nome passageiro do Champ de Mars, palco de realização da Festa do Ser Supremo de 20 Prairial Ano II (8 de junho de 1794).

mos no passado e que consideramos impossível no futuro! É a noite de Saint-Barthélémy,<sup>42</sup> as dragonadas, a inquisição, o auto-da-fé... pelo ferro em vez do fogo!... Não, bandidos, não, não, isso não é a República, é o despotismo! É a tirania, de todas, a pior: a da canalha!

**LABUSSIÈRE** (*de pé*)

Danton sonhou como eu, o fim dos castigos; ele, que dizia a Fabricius:<sup>43</sup> “prefiro ser guilhotinado a ser guilhotinador!”, Camille gritou como eu, era mesmo isso? E todos os dois pagaram com sua cabeça o crime de indulgência e de moderantismo e nenhuma voz da multidão protestou contra seu suplício, e eles eram Camille, eram Danton!

**MARTIAL**

Ah! meu Deus! não é possível!

**LABUSSIÈRE**

Ah! santo Cristo! Se a gente honesta tivesse a bravura da honestidade deles, como esses patifes têm a da vilania! Mas a covardia e o egoísmo! Cada um só pensa em sua própria salvação, se aplasta sobre a terra, fazendo-se de morto! A gente honesta geme, claro! É sua função, gemer sempre e nunca fazer nada; mas, para se atirar no chão diante da charrete e gritar: “Abaixo o patíbulo!”, ninguém! Ninguém!...

**MARTIAL**

Pois bem, eu vou ser esse, eu, eu vou estar lá!

**LABUSSIÈRE**

Você? E sozinho?

**MARTIAL**

Eu! E sozinho!

---

42 A **Noite de São Bartolomeu** (24 de agosto de 1572) foi o massacre dos protestantes, levado a efeito em Paris, sob o comando do duque de Guise. A matança durou vários dias, alcançando muitas outras cidades. Fechados numa cidade esquadrihada pela milícia burguesa, os protestantes tinham pouca chance de escapar. As portas da cidade foram fechadas; suas casas eram pilhadas e incendiadas e os corpos dos mortos eram desnudados e atirados ao Sena. Alguns conseguiam se refugiar em casa de conhecidos, mas as casas dos católicos suspeitos de auxílio eram igualmente atacadas.

43 Talvez Johan Christian **Fabricius** (1745-1808), entomólogo e economista dinamarquês. Trabalhou principalmente com artrópodes e era um especialista em insetos, tendo classificado muitas aranhas, inclusive a aranha negra. Muito amigo do zoologista francês Pierre André Latreille, que se negou a prestar juramento de lealdade ao comando da Revolução, tendo sido preso e levado para um cárcere em Bordeaux.

**LABUSSIÈRE**

Você vai ser só um degolado a mais! Paciência, a hora ainda não chegou.

**MARTIAL**

E quando essa hora vai chegar?

**LABUSSIÈRE** *(à meia-voz)*

Amanhã, esta noite talvez.

**MARTIAL**

E o que te faz acreditar nisso?

**LABUSSIÈRE**

Oh! Eu tenho meus meios de saber das coisas, porque ainda não lhe disse meu novo emprego...

**MARTIAL**

E o que é?

**LABUSSIÈRE**

Estou encarregado de toda a escrita da repartição. *(grande ruído de vozes e risos à direita)* Mas te conto isso mais tarde!. As lavadeiras chegaram.

**MARTIAL**

Finalmente! *(ele desce um pouco para a margem à esquerda para olhar na direção do barco. As mulheres do bairro descem pela escada do fundo e pela da direita, uma a uma ou em grupos, com seus cestos de roupas, se instalam no barco rindo, tagarelando e começam a ensaboar e a bater sua roupa)*

## Cena 5

Os mesmos, Lupin, lavadeiras no fundo.

**LABUSSIÈRE** *(para Lupin, à meia-voz)*

Tá pronto?

**LUPIN** *(voltando, cesta vazia; batendo na parte de baixo)*

No papo.

**LABUSSIÈRE**

Sem problema?

**LUPIN**

Nenhum. É a ilha do Robinson Crusóé. Nem um gato.

**LABUSSIÈRE**

Leva essa tralha pra minha casa.

**MARTIAL** *(descendo de novo, para Labussière, enquanto Lupin vai para a direita e junta toda a tralha de pesca)*

Não tô vendo ela!...

**LABUSSIÈRE**

Paciência!...

**MARTIAL** *(interrompendo a passagem de Lupin e levantando a cobertura da cesta)*

É sua pesca, isso aí?

**LABUSSIÈRE**

Sim.

**MARTIAL**

Mas não tem nada aí.

**LABUSSIÈRE** *(segura as mãos dele)*

Justamente! *(Martial olha para ele, surpreso)* Te explico depois. *(para Lupin, passando a cesta para ele)* Vai tomar café! Me vê depois no escritório.

**LUPIN**

Falou! Té mais, então, chefe! *(desce vivamente pela escada da direita e some)*

**LABUSSIÈRE**

Ao meio dia. *(um ruído de risos o faz virar a cabeça para o barco onde Françoise, de pé cruzando os braços, conta para as lavadeiras alguma coisa que as deixa alegres)*

**MARTIAL**

Oh! Oh! Essa algazarra!

**LABUSSIÈRE**

É a Françoise mexericando. *(os risos continuam em surdina)*

**MARTIAL**

Aquela uma lá, de boné vermelho.



## LABUSSIÈRE

A amante de um comerciante de vinho da rua Antoine, uma dessas raivosinhas que vai toda tarde se esguelar lá nos jacobinos, depois de se inflamar o dia inteiro no tribunal revolucionário. Todas as saias do bairro tremem na frente dessa fanchona! Dessas mulheres que vêm aqui lavar sua roupa, não tem uma que, vendo um suspeito na água, não lhe jogue uma vara pra ele se salvar! Mas é só a Françoise aparecer e todos os batedores caem em cima do pobre diabo! E toda Paris é assim, feito esse barco! O fanatismo diz: “Mata!”, o medo grita: “Dá uma canseira nele!”

## Cena 6

Os mesmos, Fabienne, Françoise, lavadeiras,  
crianças, passantes, depois o procurador

*(Tumulto de vozes e gritos explode de repente no barco;  
as lavadeiras se erguem, se agitam)*

**MARTIAL** *(inquieto, voltando)*

O que foi agora?

## LABUSSIÈRE

Estão se pegando lá! *(Labussièr e Martial olham para o fundo, onde a agitação aumenta subitamente. Uma jovem sai pela prancha que liga, ao fundo, o barco das lavadeiras à margem da ilha, seguida por cinco ou seis mulheres, enquanto as outras descem pela margem à direita correndo, para lhe barrar o caminho pela escada; tudo isso com gritos, ameaças contra aquela que está fugindo. Françoise comandando)*

## AS MULHERES

Joga a rainha no rio!

## MARIOTTE

Joga ela na água!

## TODAS

No Sena! Joga no Sena!

**MARTIAL** *(reconhecendo Fabienne, que desapareceu por um momento atrás das árvores da ilha e reaparece correndo na direção do proscênio à esquerda)*

Mas é a Fabienne!

**LABUSSIÈRE** *(tentando segurá-lo)*

Toma cuidado!

**MARTIAL** *(soltando-se)*

É ela, tô dizendo!... *(gritando)* Aqui! Tô aqui! Fabienne, tô aqui!... *(atira-se para a margem, ao lado das árvores, no momento em que Fabienne chega confusa, sem fôlego e, sem vê-lo nem entender nadam corre para Labussière)*

**FABIENNE** *(para Labussière)*

Por piedade, me salva! Elas querem me matar!

**MARTIAL** *(descendo e a tomando nos braços)*

Sou eu aqui!

**FABIENNE** *(reconhecendo-o, dando um grito de alegria)*

Ah! você! Martial! Que felicidade! Você! Ah! meu Deus! Que felicidade! Vocês aqui! *(ela se gruda a ele, balbuciando, com medo)* Me salve! Martial! Tenho medo! Oh! Ah que medo! *(durante o que segue, pouco a pouco a escada e o deck do cais se enchem de curiosos, atraídos pelo barulho; por todo o proscênio na margem, sobre os barcos e as pilhas de pranchas, espalham-se as mulheres e os que vão chegando; um moleque subiu numa árvore, outros estão trepados nos barris. Fabienne está entre Martial e Labussière)*

**FRANÇOISE** *(chegando ao proscênio, à direita, passando pelo carrinho de mão)*

Segurem ela! Peguem essa vagabunda!

**MARIOTTE** *(chegando atrás de Fabienne, pela esquerda, com outras lavadeiras)*

É isso aí! Segurem ela!

**TODAS** *(chegando daquele lado)*

Joga a rainha no Sena! No Sena!

**MARTIAL**

Jogo eu no rio a primeira que tocar nela! Pra trás! Cadelada raivosa! Sai daqui! *(gritos de espanto ou cólera de todas as mulheres, que recuam)*

**FRANÇOISE**

Chamando a gente de cadela, esse porco aí!

**TODAS** *(estupefatas)*

Insultando a gente!

**LABUSSIÈRE**

Vamos! Vamos! Calma todo mundo... que confusão estão arrumando! E o que é que foi que esta jovem fez pra vocês pra quererem jogar ela assim na água?

**MARIOTTE**

O que foi que ela fez

**FRANÇOISE**

É uma espiã, essa aí!

**LABUSSIÈRE** (*protestando*)

Oh!

**FABIENNE**

Eu?!

**TODAS**

Sim, sim! Você! Espiã!

**JEANETTE**

Tá amanhecendo, não fala mais nada!...

**FRANÇOISE**

Ela escuta tudo o que a gente fala no barco pra contar tudo pros chuãs e pros ingleses.

**MULHERES**

Sim, é isso que ela faz, é um dedo-duro!

**MARTIAL**

E com que provas vocês ousam acusar a moça, digo, essa bruxa? (*exclamações*)

**LABUSSIÈRE** (*acalmando-as com um gesto; friamente para Françoise*)

Chut! Chut! ele tem razão, com base em quê? (*Fabienne está entre Martial e Labussièrre*)

**FRANÇOISE**

Ah! a linguaruda! Taí pra ver! Eu lhes contei da execução de seis na barreira Renversée! E aquela cega decrépita abadessa de Montmartre, com suas muletas... e aquela outra, parálitica, que foi preciso levar pra guilhotina sentada numa poltrona! E aí essa escarrenta gritando: "Jesus! Que horror!"

**MARIOTTE** *(atrás de Martial e Fabienne, querendo passar entre eles)*

E: "Jesus!" ela disse: "Jesus!"

**MARTIAL** *(pegando-a pelo braço e fazendo-a se virar diante dele, colocando-a na esquerda)*

E agora? Como é que fica?

**LABUSSIÈRE**

Como é que fica o quê?

**FRANÇOISE** *(passando na frente de Labussièrre)*

Essa agora! Querem mesmo mais uma prova? Aquele que pulou do pescoço dela pra se salvar! *(ela mostra uma cruz de ouro que sai do lenço de Fabienne)*

**JEANETTE**

Uma cruz!

**TODAS**

Uma cruz!

**FRANÇOISE**

Uma cruz! Jesus! *(segura o braço de Fabienne)* E suas mãos, seus braços! Olha essa brancura de galinha despenada! Não é bem a pele de uma aristocrata? *(mostrando seu braço)* Aqui o braço de uma republicana... não tem medo de sol! *(bate nos braços)* Isso é lealdade! Isso é patriota! *(murmúrio de aprovação)*

**LABUSSIÈRE** *(galantemente)*

Oh! Que belos braços! *(beija um dos braços)*

**FRANÇOISE** *(sem se perturbar)*

Eh! Mas não seja tímido! Vá em frente!

**LABUSSIÈRE**

Com patriotas, jamais! Eu confraternizo com patriotas! *(ele beija o ombro de Françoise, que passa para a direita)*

**FRANÇOISE** *(rindo, amolecida)*

Tá fingindo, essa afrontada! Ainda assim ela é uma suspeita, tanto é verdade que me chamo Françoise!...

**LABUSSIÈRE**

Pois bem bela Françoise, você tá enganada! Ela é uma boa cidadã como você, tá aqui o namorado dela, um defensor da pátria!...

**MARIOTTE**

Esse um aí?

**LABUSSIÈRE**

Martial Hugon, um vencedor de Fleurus!

**UM MOLEQUE** (*trepado numa árvore, à direita*)

Eh sim! (*todas as cabeças se viram para ele*) Aquele que estava na Convenção, segurando bandeiras!

**TODAS**

Ah!

**LABUSSIÈRE**

Você ouviu?

**FRANÇOISE** (*amolecida*)

E é seu namorado, esse soldado aí?

**LABUSSIÈRE**

E seu pretendente! Ela não é uma princesinha que se casa com um bravo soldado republicano; ele é filho de um carpinteiro. (*rumor de aprovação*)

**MARIOTTE**

Oh! Então, gente, tá tudo certo.

**FRANÇOISE**

Ninguém tem mais nada pra dizer...

**MARIOTTE**

Se abracem então!

**FRANÇOISE**

E não vamos mais falar disso!

**TODAS** (*alegremente*)

Sim, sim, se abracem!

**LABUSSIÈRE**

Merda! Só faltava isso!...

**MARTIAL**

Vamos lá, de boa! (*abraça Fabienne bem apertado*)

**FABIENNE** *(emocionada, recusando-o docemente)*  
Oh! Não, não! Chega! Eu lhe peço!...

**FRANÇOISE**  
Ora, ora! O que é que foi agora? *(Fabienne se desfaz em lágrimas. Espanto geral)*

**MARTIAL** *(surpreso e inquieto)*  
Fabienne!...

**FRANÇOISE** *(vendo Fabienne prestes a desmaiar)*  
Ah! coitadinha da xaninha! *(passa pela frente de Labussièrre, segura Fabienne e a faz se sentar na beirada do barco)*

**MARIOTTE** *(também, em pé no barco atrás de Fabienne, ao lado de quem se senta Martial)*  
Olha só o que isso tudo fez pra ela!

**LABUSSIÈRE**  
Ah! essa inocente; assim, diante de todo mundo! *(para Martial)* É a primeira vez?

**MARTIAL** *(inquieto)*  
Sim!

**FRANÇOISE** *(alegremente)*  
E então?

**MARIOTTE**  
Coragem, vai, minha filha. Logo passa, você vai ver!

**TODAS**  
Sim, sim!

**FRANÇOISE** *(batendo amigavelmente nas mãos de Fabienne e fazendo-a se levantar com a ajuda de Martial)*  
Vamos, de pé... ah! amorzinho, você tá toda gelada, veja isso! Pobrezinha da xaninha! Viva os sans-culottes pra beijar... mentira, menina! E morte aos aristocratas!

**FABIENNE**  
Oh!

**FRANÇOISE**  
Vamos, grita comigo, vamos! Vai te fazer bem! Morte aos aristo...

**FABIENNE**

Oh! Não, eu te peço, senhora! *(murmúrios)*

**FRANÇOISE** *(recuando um passo, exasperada)*

“Senhora!” não tem mais essa de senhora, aqui!...

**FABIENNE** *(perturbada)*

Eu quis dizer: cidadã!

**FRANÇOISE**

“Senhora!” Sem essa! Não vê que essa gente toda tá rindo de nós? *(volta-se para Fabienne, brutalmente)* Por que não grita já: “Morte aos aristocratas!”

**FABIENNE**

Oh! Não, morte não! Eu não desejo a morte de ninguém! *(movimento)*

**FRANÇOISE** *(pegando a mão de Fabienne e fazendo-a passar para a extrema direita tirando-a brutalmente)*

Você quer gritar, te pergunto?

**LABUSSIÈRE** *(seguindo-as; vivamente, para Fabienne)*

Bah! Grita, então! O que que isso importa? Vambora!

**FRANÇOISE** *(exasperada)*

E esse aí não fala com ela, não? Não fala nada? *(virando-se para os outros)* quando eu lhes digo que ela é uma chuã disfarçada. *(Martial vai sair na direção de Fabienne, mas é cercado à esquerda por Mariotte e os outros que lhe barram o caminho)*

**TODAS**

Sim, sim, ela é uma chuã!

**LABUSSIÈRE**

Ah! bela Françoise, a gente vai se irritar com você!

**FRANÇOISE**

Ah! tá defendendo ela, é! Pois bem, espera só! *(salta por cima do carrinho e grita para os do cais)* Hei, vocês aí! Chama aí um procurador! *(enquanto ela chama, Labussière faz Fabienne passar depressa para a esquerda, para o lado de Martial, que empurrou as mulheres. Ela se vê entre os dois homens. Mariette correu para Françoise no carrinho)*

**TODAS** *(gritando para o cais)*

Sim, sim, chama um procurador!

**FRANÇOISE** *(de pé, triunfante sobre o carrinho)*  
Pega esses suspeitos aí! Estão aí essa gente boa!

**TODAS**  
Sim, sim! Pega! Prende!

## Cena 7

Os mesmos, procurador

*(O procurador aparece no alto da escada com duas ou três pessoas do povo e desce)*

**MARIOTTE**  
Hei, é o procurador!

**VOZ**  
Olá, Procurador!

**FRANÇOISE**  
Vai chegando, procurador... Tá seu prêmio.

**LABUSSIÈRE** *(baixo para Martial e Fabienne, enquanto se viram para o recém chegado)*  
Um agente, deixa comigo. *(para Martial)* E você, nem uma palavra!

**PROCURADOR** *(que desceu para o proscênio)*  
E então, então, vejamos! O que que tá acontecendo aqui?

**FRANÇOISE**  
Acredita que essa pirralha aí se recusa a gritar “morte aos aristocratas!”

**PROCURADOR**  
Oh! Oh!

**TODAS**  
Sim, Sim.

**MARIOTTE**  
Inclusive o macho dela, que é soldado.

**FRANÇOISE**  
E esse outro ali também, que tá defendendo ela. Se não é que faz mal ao coração que a nação seja traída a esse ponto! *(ela salta para o chão)*



**JEANETTE**

Leva eles lá pra seção.

**MARIOTTE**

É coisa pros agentes Pitt e Coburg.

**FRANÇOISE**

Tá na cara que andaram desenrolando suas tramas.

**TODAS**

Lá pra seção, sim sim!

**LABUSSIÈRE** *(se endireitando, atrevido e olhando-as)*

Ah! tá na hora mesmo de vocês todas irem ensaboar toda aquela roupa lá atrás.  
*(gritos de espanto e indignação)*

**PROCURADOR** *(fazendo as mulheres se calarem)*

Aí, vamos fazendo silêncio! Fechando as matraquinhas!

**MARIOTTE**

Pede a carteira dele.

**TODAS**

Sim, sim, a carteira!

**PROCURADOR** *(ele impõe silêncio com um gesto e caminha lentamente para Labussièrre)*

Sua carteira!

**LABUSSIÈRE** *(que tranquilizava Fabienne, fingindo não ver o procurador, volta-se tranquilamente para ele, chapéu na orelha e olhando por baixo do nariz insolentemente)*

Disse o quê?

**PROCURADOR** *(surpreso com o tom e intimidado)*

Eu disse: sua carteira!

**LABUSSIÈRE**

E com que direito me diz isso, cão sarnento? *(espanto da multidão)*

**PROCURADOR**

Um insolente!... *(para Françoise, inquieto)* Esse vai ser dos nossos!

**LABUSSIÈRE** *(também, caminhando até ele)*

Se eu te fizesse enjaular, ilustre brissotino,<sup>44</sup> até aprender a falar com alguém!...

**PROCURADOR** *(recuando)*

Perdão, eu... *(murmúrio de surpresa)*

**LABUSSIÈRE** *(fazendo-o recuar cada vez mais, ameaçando e mexendo no bolso)*

Ah! quer ver minha carteira?

**PROCURADOR** *(humilde)*

Não, cidadão, não agora.

**LABUSSIÈRE** *(tirando sua carteira e metendo-a no nariz dele)*

Tá aqui. Sabe ler, pelo menos, não reconhece o documento?

**PROCURADOR** *(após ter lido a carteira sem tocá-la; obsequioso, ajeitando o boné)*

Oh! Perdão! Cidadão! Se eu soubesse! Foi essas mulheres bestas aí! *(explosão de gritos das mulheres)*

**MARIOTTE**

O quê? Nós, bestas?

**LABUSSIÈRE** *(impondo silêncio e guardando a carteira)*

Silêncio! Silêncio! Vão lá pra seus tanques... e deixem limpo o lugar, vai, mais rápido que isso!

**PROCURADOR** *(apressado)*

Sim, cidadão, sim! *(faz as pessoas se afastarem para a passagem de Labussière)*  
Vamos! Abram caminho! *(Com um gesto, pede que abandonem o pé da escada e os degraus; empurrando um garoto)* Tira isso daqui, seu traste! *(o menino sai com o carrinho; a multidão se rearranja, estupefata, dando lugar a Labussière, a Fabienne e a Martial)*

**LABUSSIÈRE** *(para Fabienne, polidamente)*

Passa adiante, cidadã, eu a sigo. *(Fabienne e Martial se dirigem para a escada)*

---

44 **Brissotino**: membro de um partido político criado por Jacques Pierre Brissot (1754-1793); muitas vezes, sinônimo de girondino, a quem chefiou. Foi preso por três meses na Bastilha, sob a acusação de escrever contra a Rainha. Participou da [Tomada da Bastilha](#), em 1789, e foi eleito para a Assembleia Nacional pelo Girondinos, partido político burguês considerado moderado na [Revolução Francesa](#), e de oposição aos radicais democratas [jacobinos](#). Seu partido caiu em desgraça e ele terminou sendo [guilhotinado](#) com outros companheiros de movimento pelos jacobinos, que acharam que só tomariam o poder matando a oposição.

**PROCURADOR** (*para Labussière, humildemente*)  
Eu espero, cidadão, que não fique com raiva de mim.

**LABUSSIÈRE** (*protetor*)  
Fico de olho! Mas não lhe faço mal. (*batendo no ombro dele*) Você é só um pau-mandado! Adeus! Vai, vai...

**PROCURADOR** (*lisonjeado*)  
Obrigado, cidadão. (*Aos curiosos que estão no alto da escada*) Se mandem, os outros! (*Martial, Fabienne e Labussière rodeiam a escada, seguem todo mundo com os olhos, enquanto todas as lavadeiras rodeiam o procurador*)

**FRANÇOISE** (*à meia-voz*)  
Mas quem é que é aquele homem?

**PROCURADOR** (*também*)  
Suas broncas estúpidas!... Um funcionário do Comitê de Salvação Pública!

**TODAS**  
Ah! (*elas se viram para Labussière que, nesse momento, está no alto da escada com Fabienne e Martial, que o precedem*)

**FRANÇOISE**  
Fraternidade!

**LABUSSIÈRE** (*graciosamente*)  
E morte! (*um segundo de espanto, depois riso geral*)



**Figura 5.** O cais do Sena - A cena entre Labussière e o procurador, ato I

## Ato II

*Um quarto Louis XVI, simples mas adequadamente mobiliado. Panôs de madeira nas paredes pintados de cinza. No fundo, alcova e leito de madeira Louis XVI. À direita, primeiro plano, porta de entrada. No fundo, de cada lado da alcova, portas de interior, com vidraças de quadrados pequenos com cortinas carmesim. Entre o ângulo da peça e a janela à esquerda, uma pequena cômoda Louis XVI com guarnição de cobre. Entre a porta de entrada à direita e o ângulo: uma secretária com sua cadeira. Duas cadeiras de cada lado da alcova. Toda a roupa de cama, das janelas e cobertura das cadeiras são em cretone Louis XVI. No centro, uma mesa oval de madeira cinzenta. Acima e à esquerda da mesa, cadeiras. À direita, no proscênio, poltrona; à esquerda, idem, poltrona e mesinha de pedestal.*

### Cena 1

Jacqueline e Bérillon.

*Quando a cortina se ergue,  
Jacqueline está ocupada em tirar o pó da mesa e das cadeiras.  
Ouve-se do lado de fora a voz de Bérillon.*

**BÉRILLON** *(chamando)*

Carmagnole! *(Jacqueline continua seu trabalho cantando entredentes)*

**JACQUELINE** *(murmurando)*

E foi que perdi meu fuso / procurei ali na grama

**BÉRILLON** *(chamando, fora da cena)*

Carmagnole, sabe onde está minha pipa?

**JACQUELINE** *(ganhando a direita para espanejar a poltrona)*

Coli, tirando o chapéu / o que procura, pastora? *(novo chamado. Bérillon aparece no limiar da porta de interior à esquerda da alcova. Está semivestido, em mangas de camisa, suspensórios tricolores, roupa de sans-culotte, calça de riscas, barrete frígio azul de cretone vermelho com uma enorme roseta. Numa mão tem uma escova, na outra sua carmanhola e, debaixo do braço, seu sabre e o tiracolo.)*

**BÉRILLON**

Cidadã Bérillon, ficou surda?

**JACQUELINE** *(voltando-se e se espantando. Durante toda a cena, ela continua a fazer a limpeza)*

Me chamou?

**BÉRILLON**

Não, quase!... Você não ouviu, talvez?

**JACQUELINE**

Mas eu ouvi: “Carmagnole!” (*ela atravessa o proscênio e vai para a janela, cujas bandas empurra*)

**BÉRILLON**

E então?

**JACQUELINE**

E então, eu me chamo Jacqueline e já lhe expliquei que jamais vou responder quando me chamar desse jeito!.

**BÉRILLON** (*colocando seu boné sobre a mesa com o sabre e a carmanhola*)

Ah! a cabeça dura das mulheres

**JACQUELINE**

E a burrice dos homens! Essa ideia de me chamar de Carmagnole e de rebatizar nosso pequeno Joseph para chamá-lo de “Ça ira!”<sup>45</sup> Eu disse a ele: todas as vezes que seu pai te chamar de *Ça ira* você não vai.

**BÉRILLON** (*após ter escovado seu boné, vestindo a carmanhola sempre falando e encontrando sua pipa no bolso*)

Ah! tá aqui minha pipa!... (*coloca-a sobre a mesa*) Enfim, você não quer compreender que é uma comédia para os outros, para o bairro! E que esses nomes nos indicam como sólidos patriotas! Assim, eu, Hippolyte Bérillon, acredita que eu não teria outra fama se me chamasse como eu faço: Casca: O cidadão Casca Bérillon?

**JACQUELINE** (*arranjando as cortinas da alcova*)

O que que é isso dessa extravagância agora?

---

45 *Ça ira* (“vai indo / assim será / isto vai / isso dará certo”), canção revolucionária emblemática surgida em maio de 1790, com letra que se modificava ao sabor dos acontecimentos que fizeram a Revolução Francesa, refletindo as ideias e os sentimentos dos diferentes partidos/facções em conflito, acompanhando a radicalização dos movimentos populares e, conseqüentemente, do próprio processo revolucionário francês, sendo manipulada pelo próprio como símbolo de esperanças e medos em relação ao futuro da Revolução, e acreditada por muitos como um meio de participação no debate político. Seu primeiro grande uso como arma política aconteceu durante a preparação dos arborizados Champs de Mars para a Festa da Federação de 14.07.1790, cujos trabalhos se realizavam como efeito do patriotismo dos cidadãos de Paris. O verso “Ah ça ira, ça ira, ça ira” (marcado ritmicamente por tambores) do estribilho ainda ecoou fortemente nas manifestações de Maio 68 e, em clima de memória festiva, nas celebrações do Bicentenaire da Revolução Francesa em 1989.

**BÉRILLON**

Casca? É um cara bem antigo que imolou Júlio César... Uma maneira de dizer que vou imolar alguém como ele fez.

**JACQUELINE** *(ela desce e vem ajudá-lo a vestir sua carmanhola)*

Você?... Não, não me faça rir... se esse Júlio César te desse um beliscão! Ah! meu Deus! Como você ia correr!

**BÉRILLON** *(protestando)*

Oh! Mas...

**JACQUELINE** *(passando o tiracolo sobre o ombro)*

Mas fica tranquilo! Você nem passa graxa no seu sabre com medo de ver ele nu. *(ela recua para olhar para ele)* E por que é que ainda usa esse boné? fica parecendo um galo velho.

**BÉRILLON** *(caminhando para a direita)*

E meu isqueiro? Se você acha que me divirto o tempo todo com ele me batendo nas panturrilhas.

**JACQUELINE** *(retomando o trabalho)*

Então, tira isso aí, paspalhão! Que corajoso esse homem esse marido, esse comerciante! O primeiro lampadeiro do bairro, que não tem igual como acendedor de lâmpadas do distrito e que fica o tempo todo fora de sua loja para ir gritar como os outros lá no comitê da seção.

**BÉRILLON**

Oh! minha boa Jacqueline, se você soubesse como eles são maus. Ah! aqueles patifes cheios de raiva! Mas tanto melhor que eu sinta raiva como eles para não ter cara de suspeito!

**JACQUELINE** *(voltando para perto dele)*

É isso mesmo, é medo!

**BÉRILLON** *(apavorado, à meia voz; indo para a secretária)*

Vai querer ficar gritando desse jeito agora?

**JACQUELINE**

Eh! Agora quero ficar gritando, é? É revoltante isso! Não sou mais que uma mulher, mas sou eu que contaria para eles o que você fez.

**BÉRILLON** *(senta-se na cadeira diante da secretária e pega seu chaveiro para abri-la)*

Você não entende nada de política!

**JACQUELINE**

E o que você ainda vai fazer lá, assim logo depois do galo cantar? *(ela abre a porta à direita da alcova e sacode o esfregão do lado de fora)*

**BÉRILLON**

O comitê convocou de urgência. *(abre uma gaveta e tira dinheiro dali)*

**JACQUELINE** *(fechando a porta)*

Para quê?

**BÉRILLON**

Parece que ontem teve um motim na Convenção e o dia vai ser quente.

**JACQUELINE**

E o senhor vai lá aproveitar para beber?

**BÉRILLON** *(fechando a gaveta)*

A gente vai beber um pouco, sim.

**JACQUELINE** *(ela desce com o esfregão, pega a escova sobre a mesa bem como o espanador, que vai deixar na peça à esquerda da alcova)*

Por sua conta?

**BÉRILLON**

*(ele coloca o chaveiro no bolso)* É provável.

**JACQUELINE**

É isso... e, quando tiverem enchido o... *(ela desaparece por um instante)*

**BÉRILLON** *(de pé)*

Vamos tomar as medidas patrióticas próprias para desmanchar os projetos liberticidas dos sediciosos que, sob a máscara do moderantismo, semeiam entre nós os fermentos da discórdia!

**JACQUELINE** *(voltando e fechando a porta)*

Sim, vai, e esse discurso decorado agora, essa algaravia... aprendeu esse charabiá de cor?

**BÉRILLON**

Você acredita? E a minha sopa está pronta?

**JACQUELINE**

Ah! sua sopa! O lampadeiro agora quer sua sopinha. Agora que você está se disfarçando de tigre, não vou mesmo te dar sua sopinha!

**BÉRILLON** *(lamentoso)*

Então, agora acha que não preciso comer?

**JACQUELINE**

Não! Vai embora, vai uivar com os lobos... covarde!

**BÉRILLON** *(prestes a chorar)*

Mas isso não é razão pra me tratar como um negro!

**JACQUELINE** *(expulsando-o)*

Vai!... vai!...

**BÉRILLON** *(lastimoso)*

Quando se tem como marido um pobre sans culote como eu!...

**JACQUELINE** *(ela pela a pipa sobre a mesa e entrega a ele)*

A gente suporta!... Olha aí sua pipa, vai, se manda!

**BÉRILLON** *(avançando a mão para pegar a pipa)*

Então, você não quer me beijar?

**JACQUELINE** *(dando tapa nas mãos dele)*

Não!

**BÉRILLON**

Minha querida mulherzinha, se você soubesse como tenho medo, de verdade, você teria piedade de mim.

**JACQUELINE** *(oferecendo-lhe a bochecha)*

Vai, vai, bestalhão... e trata de não cometer muita maldade hoje.

**BÉRILLON**

Ah! Deus! Quando é que isso vai acabar? Quando vai ser? *(sai pela porta do fundo, à direita da alcova)*

## Cena 2

Jacqueline, depois Gaspard, depois Labussière

**JACQUELINE** *(sozinha)*

Ah! se todo o mundo fosse como eu, isso não durava mais muito tempo! *(ouve-se do lado de fora a voz de Labussière)*



**LABUSSIÈRE** *(no lado de fora)*  
A Sra Bérillon está?

**GASPARD**  
Sim, sim, cidadão! *(abrindo a porta de entrada à direita)* Patroa!

**JACQUELINE**  
O que foi?

**GASPARD**  
É o cidadão Labussière.

**JACQUELINE**  
Labussière!

**GASPARD**  
Tá com um dos amigos dele e uma cidadã. Perguntam se podem entrar!

**JACQUELINE**  
Ah! ele, sempre!... *(à porta)* Entre, entre, cidadão!

### Cena 3

Jacqueline, Labussière, Martial, Fabienne

**LABUSSIÈRE** *(entrando pela direita)*  
Obrigado, querida amiga, eu estava certo de sua boa acolhida para esta jovem...  
*(para Fabienne e Martial)* Entre, entrem depressa! *(Fabienne entra, apoiada por Martial. Gaspard sai)*

**JACQUELINE**  
Meu Deus! O que ela tem?

**LABUSSIÈRE**  
Nada, só um pouco de emoção e de fadiga... Eu a fiz caminhar pelo bairro. *(ele arrasta a poltrona da direita até à mesa e faz Fabienne se sentar, com ajuda de Martial)*

**FABIENNE** *(sentada, sorrindo)*  
Sim, sim!

**LABUSSIÈRE**  
É que se queria despistar dois ou três curiosos que nos seguiam de longe. *(ele vai até a porta de entrada que ficara aberta para ouvir)*

**MARTIAL** *(após um silêncio)*  
E então?

**LABUSSIÈRE**  
Não, nada. *(ele fecha a porta)*

**JACQUELINE** *(na ponta da mesa)*  
Vocês foram perturbados?

**LABUSSIÈRE** *(indo na direção dela)*  
As mulheres do barco da ilha Louvier fizeram um furdunço por causa de uma cruz de ouro que ela tem no pescoço.

**JACQUELINE**  
O barco da Françoise?

**LABUSSIÈRE**  
Precisamente. *(para Jacqueline, acenando para respirar um frasco)* Você tem?

**JACQUELINE** *(indo procurar um frasco na secretária)*  
Oh! Eu sei como são! Os raivosinhos!...

**LABUSSIÈRE** *(entre a mesa e Fabienne)*  
Nós conseguimos, meu amigo e eu, tirá-la de lá.

**MARTIAL** *(à direita de Fabienne)*  
Quer dizer, você!

**LABUSSIÈRE**  
Mas eu tinha pressa em nos refugiarmos numa casa amiga e, a sua era a mais próxima... *(ele pega o frasco que Jacqueline lhe entrega e o passa para Fabienne)*

**JACQUELINE** *(perto de Fabienne)*  
Fizeram bem!

**LABUSSIÈRE** *(para Fabienne)*  
Está melhor?

**FABIENNE**  
Sim, obrigada; senhora. *(ela entrega o frasco para Jacqueline)*

**LABUSSIÈRE** *(para Martial e Fabienne)*  
A propósito... vocês não sabem na casa de quem estão!... A senhora Bérillon... a melhor mulher do mundo.

**MARTIAL**

É, estou vendo.

**LABUSSIÈRE**

E nossa figurinista do teatro Mareux!... seu marido, lampadeiro, como vocês puderam ver pela loja dele aqui do lado, é o encarregado da nossa iluminação... Eu morei por bastante tempo neste quarto que eles me subalugaram todo mobiliado.

**JACQUELINE**

E tudo o mais para servi-lo. Agora o quarto está livre!

**LABUSSIÈRE**

E quem pode saber? Não estamos recusando...

**JACQUELINE**

Agora, eu suponho que a senhora.

**MARTIAL E LABUSSIÈRE** *(corrigindo)*

Senhorita...

**JACQUELINE**

Senhorita, perdão! Aceite uma xícara de leite para se recompor!

**FABIENNE**

A senhora é muito boa, senhora... aceito de coração.

**LABUSSIÈRE**

E nós também.

**JACQUELINE**

Tenho um bom leite que minha mãe, granjeira em Montreuil, me traz de manhã quando vai ao mercado Saint-Jean. Querem quente ou frio?

**LABUSSIÈRE**

Ah! Frio, não é?... com esse calor.

**FABIENNE**

Frio... sim!

**JACQUELINE**

Aqui vocês terão bom ar fresco. A rua Beautreillis está na sombra, as janelas estão fechadas e acabei de arrumar o quarto. *(ela caminha para sair pela porta à esquerda as alcova)*

**FABIENNE**

Eu lhe agradeço imensamente seus cuidados, senhora.

**JACQUELINE** *(voltando-se)*

Ora, não é nada!... isso me distrai! *(ela sai)*

## Cena 4

Os mesmos, menos Jacqueline

**MARTIAL**

Brava mulher.

**LABUSSIÈRE**

Isso consola a Françoise. *(ele vai entreabrir as bandas da janela com precaução para olhar para a rua)*

**MARTIAL** *(para Fabienne, sentado perto dela, à direita, sobre a cadeira da secretária para onde foi durante o que precede)*

Enfim!... Minha cara Fabienne, aqui estamos, sozinhos, um pouco tranquilos, e posso lhe perguntar como você se sentia naquele barco em companhia tão má, exposta a perigos tão grandes?

**FABIENNE**

Ai de mim! Martial, aqueles perigos, me vi mesmo forçada a enfrentá-los a todo instante. Desde que me perdi da mulher a quem você me confiou...tive que procurar um outro abrigo e um meio de vida, e não pude escolher as pessoas que ia frequentar.

**MARTIAL**

Mas eu, Fabienne, eu estava lá!

**FABIENNE**

Mas você, meu amigo... Eu não acreditava que você ainda estivesse neste mundo.

**MARTIAL**

Achava que eu estivesse morto?

**FABIENNE**

E como não acreditar? Durante longos meses, não recebi nenhuma carta sua.

**MARTIAL**

Ah! Eu bem temia isso!... Eu estava prisioneiro e lhe escrevia sem parar... Minhas

cartas não passavam pela fronteira. (*Labussière fecha as bandas e volta para a mesa para escutar discretamente*)

**FABIENNE**

E as minhas voltavam do exército com palavras cruéis: “Desaparecido! Sem notícias!...” Dado como morto, fui ao Comitê de Guerra onde me deram sua morte como certa! Ah!!...a volta triste pra casa, mais uma esperança perdida!

**MARTIAL** (*aproximando a cadeira da poltrona*)

Mas depois... tem cinco semanas... desde que fui posta em liberdade, eu lhe escrevo carta após carta, muito surpresa por não ter resposta...

**FABIENNE**

Eu não recebi carta alguma. Após três meses da morte de sua mãe, não voltei mais à sua casa, de onde seus herdeiros me haviam expulsado como uma criada.

**MARTIAL** (*Pegando a mão de Fabienne*)

Ah! Pobre garota!... E agora, sozinha em Paris, sem recursos...

**FABIENNE** (*se retraindo suavemente*)

Minhas mãos! Tão pequenas e tão maltratadas! Bati em muitas portas, me oferecendo como criada de quarto, babá de criança e não encontrando ganha-pão em nenhuma parte. Eu tinha recursos para viver apenas mais dois dias e não sabia onde dormir sem a caridade de uma quitandeira que me cedia seu sótão na hora que ela ia pro mercado! Eu estava no fim das minhas forças, bem perto do desespero quando uma noite, passando diante da igreja de Notre-Dame, tive a ideia de entrar e pedir a Deus que me ajudasse. A igreja, toda escura, estava deserta. O altar, os ornamentos sagrados tinham desaparecido e a nave, alugada aos mercadores de vinho, estava cheia de barris vazios. Eu olhei tristemente a casa de Deus, mais imponente em sua nudez sacrílega do que havia estado em toda sua história, quando notei uma mulher ajoelhada no chão e desafiando o perigo de ser surpreendida em flagrante delito de piedade. Fiz como ela e, caindo de joelhos, uni minha prece à dela. Ela se levantou, olhou pra mim; era Marie-Thérèse, uma de minhas irmãs Ursulinas. Trocamos em voz baixa nossas confidências. Ela mora com a mãe Angélica e duas antigas irmãs, uma das quais noviça, como eu, um quarteirão perto daqui, rua des Tournelles, e ali juntam todo o dinheiro que possuem com o que elas ganham com trabalhos de costura que Marie-Thérèse coloca nas lojas. Naquela noite mesmo arranjaram um espaço para mim em seu miserável abrigo e na sua mesa e, de minha parte, eu fazia limpeza no quarto e lavava a roupa. E foi assim que me encontraram esta manhã lavando a roupa de nossa pequena comunidade.

## Cena 5

Os mesmos, Jacqueline, uma criada

*Jacqueline e a criada entram pelo fundo, à direita, com o leite, três xícaras, facas, manteiga, etc. uma bisnaga de pão, que colocam sobre a mesa. Jacqueline tem, também, um belo buquê de rosas brancas.*

**JACQUELINE**

Olha aqui o leite! (*Fabienne se levanta*)

**LABUSSIÈRE** (*à esquerda da mesa*)

Que ele seja bem-vindo, não é?

**MARTIAL**

Sim, depois das cinco da manhã... (*empurra a poltrona de Fabienne para perto da mesa, depois se afasta, cedendo espaço para Jacqueline*)

**JACQUELINE**

Como, desde as cinco da manhã?

**LABUSSIÈRE ET MARTIAL**

Sim, sim!

**JACQUELINE** (*para Fabienne, dando-lhe as rosas*)

Flores de Montreuil que peço à cidadã que aceite.

**FABIENNE**

Ah! que rosas bonitas! Muito obrigado, madame! (*a criada entrega guardanapos para Jacqueline, depois pega a cadeira deixada por Martial e a leva para a secretária*)

**LABUSSIÈRE** (*pegando o pão e a faca*)

E Bérillon? Não está aí o Bérillon?

**JACQUELINE** (*colocando os guardanapos na mesa, Fabienne está sentada na poltrona, Martial na cadeira à mesa*)

Na casa dele? Jamais!... está lá na seção!

**LABUSSIÈRE** (*à esquerda, em pé, cortando fatias do pão*)

Raivosinho, sempre?

**JACQUELINE**

Sempre! Pobre homem! (*ela se vira durante o que segue, pondo a mesa*)

**LABUSSIÈRE**

E o teatro?

**JACQUELINE** (*a mesma coisa*)

É uma merda!

**LABUSSIÈRE**

O que você vai representar hoje?

**JACQUELINE** (*a mesma coisa*)

“O vós e o tu”, do Aristide Valcour!<sup>46</sup>

**LABUSSIÈRE**

É o Michelot<sup>47</sup> que representa meu papel de Justin?

**JACQUELINE**

Não, é o Gobin.<sup>48</sup>

**LABUSSIÈRE**

Medíocre!... (*passa diante da mesa e cantarola dando a cada um sua fatia de pão*) O preço da servidão / Tá colado na palavra “vós” / No meu ouvido é porridão / E o “tu” é doce pra nós.

**JACQUELINE** (*servindo o leite para Fabienne*)

E nós nos arrependemos o suficiente no teatro.

**LABUSSIÈRE**

É recíproco! Mas após minha aventura!

**MARTIAL** (*pegando a jarra de leite das mãos de Jacqueline para se servir*)

Qual?

**LABUSSIÈRE**

Uma briga, repetida, com um desgraçado chamado Duclos, que denunciou um de nossos camaradas! Na minha raiva, quebrei a golpes de bengala o busto de Marat colocado em primeiro plano e, já mal avaliado, achei prudente desistir da arte dramática por um tempo. Foi então que aquele bravo covarde do Bérillon

---

46 Philippe-Aristide-Louis-Pierre Plancher de **Valcour** (1751-1815), ator, dramaturgo e diretor de teatro francês. A ópera-vaudeville, em um ato, *Le Vous et le Toi* foi encenada no théâtre de la Cité no mês de fevereiro ano II.

47 Pierre Marie Nicholas **Michelot** (1786-1856), ator francês, sócio da Comédie-Française.

48 Não há de ser Charles Constant **Gobin** (1843-1907), artista lírico e ator do teatro francês.

me deu asilo nesta sala que eu lamento... sobretudo por causa da proprietária. *(beija as mãos de Jacqueline)*

**JACQUELINE**

Vou descer para a loja. Se precisar de mim, basta tocar a campainha.

**LABUSSIÈRE**

Está bem, cara amiga.

**MARTIAL**

Obrigado, senhora.

**JACQUELINE**

E tomem o café tranquilamente, não há nenhuma figura suspeita na rua Antoine.

**LABUSSIÈRE**

Nem ali na rua Beautreillis. Já me assegurei. *(ela sai. Labussière vai, entre Martial e Fabienne, pegar a jarra de leite)*

## Cena 6

Fabienne, Labussière, Martial

**LABUSSIÈRE**

Bom, despistamos os curiosos!

**FABIENNE** *(pegando a mão esquerda de Labussière)*

E eu ainda não lhe agradei, você que me livrou de um grande perigo.

**LABUSSIÈRE**

Sem dificuldade!... Admita! *(consegue um lugar à esquerda da mesa e, em pé, verte leite em sua xícara)*

**MARTIAL**

Mas, enfim, por qual segredo? Por que o que é essa carteira que produziu um efeito tão maravilhoso?

**LABUSSIÈRE** *(tomando um gole de leite)*

Minha carteira tricolor?

**MARTIAL**

Sim.



**LABUSSIÈRE**

Se eu lhe mostrar, me promete não sentir mais medo? (*repete*)

**FABIENNE**

Medo de você?

**LABUSSIÈRE**

Eh! Sim.

**MARTIAL**

Que piada?

**LABUSSIÈRE**

Então, pegue e veja! (*apresenta a ela sua carteira*) E leia em voz alta!

**MARTIAL** (*lendo*)

República Francesa. Comitê de Salvação Pública... Charles Hippolyte, funcionário, delegacia dos detentos. Charles Hippolyte?

**LABUSSIÈRE**

Eu mesmo!

**MARTIAL**

Você?

**FABIENNE**

Oh!

**LABUSSIÈRE** (*tranquilamente*)

Quando eu lhes disse que vocês iam tremer!

**MARTIAL**

Como é possível?

**LABUSSIÈRE**

Veja você.

**MARTIAL**

Mas, enfim, como é que chegou lá?

**LABUSSIÈRE** (*limpando-se, e comendo durante o que segue*)

Depois de minha aventura no Mareux, eu estava à procura de um trabalho provisório, porque precisava viver! Um jovem autor dramático que frequenta nos-

sos bastidores, Guilbert Pixérécourt,<sup>49</sup> funcionário do secretariado do Comitê de Salvação Pública me disse: “Vou falar com Fabien Pillet, diretor da delegacia dos detentos. Um de seus funcionários morreu, e eu falei de você”. E, dois dias depois, eu estava instalado no gabinete de Pillet<sup>50</sup> como comissário registrador com o nome de Charles. Um asilo na própria caverna do monstro que se preparava para me devorar e onde menos podia pensar que eu ia parar, exatamente como meu último papel no Mareux, “O desespero de Jocrisse”;<sup>51</sup> eu peguei a máscara de um estúpido embaraçado com a língua e fiquei mais conhecido pelo nome de Cha-a-arles, o gagá... gagagago.<sup>52</sup>

## MARTIAL

Mas comissário registrador... de quê?

## LABUSSIÈRE

De processos! Todo detento das quarenta e uma prisões revolucionárias de Paris tem seu arquivo que contém as peças de acusação. A comissão popular sediada no Louvre, de acordo com o escritório geral de polícia, repara a lista daqueles que devem ser levados a julgamento e o envia com seu processo para Fouquier-Tanville que organiza as audiências.

## MARTIAL

E sua função, qual é?

## LABUSSIÈRE

É classificar os processos por ordem alfabética e, quando o funcionário da comissão popular se apresenta com a lista dos detentos que vão ser chamados ao tribunal, lhe enviar as peças relativas a aqueles infelizes. (*silêncio embaraçoso de Martial e Fabienne, que se entreolham*)

## MARTIAL

E você aceitou esse emprego terrível?

---

49 René-Charles Guilbert de Pixérécourt (1773-1844), dramaturgo e tradutor literário francês. Fez estudos de Direito em Paris. Quando da Revolução francesa, refugiou-se em Coblença com a família e alistou-se na *Armée des Émigrés* (o Exército dos Príncipes). Dele diz-se que “foi, incontestavelmente, o primeiro diretor de teatro dentro do conceito que a palavra tem atualmente”.

50 Fabien Pillet (1772-1855), ator dramático, cançonetista e jornalista francês. Chefe de gabinete no Ministério do Interior e do Ministério da Instrução Pública.

51 *Le desespoir de Jocrisse*, comédia-loucura de Louis-François Archambault, dito Dorvigny (1742-1812), romancista, ator e dramaturgo francês. Encenou no Théâtre des Variétés-Amusantes, no Théâtre de l’Ambigu-Comique, no Théâtre des Grands-Danceurs du Roi, no Théâtre des Délassements-Comiques, no Théâtre des Associés, no Théâtre d’Émulation, no Théâtre Molière, no Théâtre Montansier.

52 Dorvigny inventou o *janotismo*, que consiste em cometer erros grosseiros de linguagem para a obtenção de efeitos cômicos. Confunde-se com o dandismo, a gamenice, a casquilharia...

**LABUSSIÈRE** (*tranquilamente*)

Sem ele, admita, não estaríamos aqui tomando esse café da manhã tranquilamente.

**MARTIAL**

Deus me livre de ser ingrato, mas o que sinto é que você, Labussière, que até há pouco nutria uma indignação imensa para esse regime atroz, você se condena, mesmo no interesse de sua salvação, a ser uma das roldanas dessa máquina horrorosa de matar.

**LABUSSIÈRE** (*para Fabienne*)

É o que você também pensa, não é? (*ela só responde com um gesto embaraçado*) Vamos, eu estou vendo que preciso lhes contar tudo senão vou passar por um bebedor de sangue. (*esvazia sua xícara e a coloca na mesa*) também, por que esconderia de vocês a verdade?... Aqui está ela... além dos processos dos detentos, estão sob minha guarda os dos denunciados foragidos ou em fuga. Será que eu teria sido incriminado por meus impropérios?... Eu ignorava... mas, nesse caso, meu processo estaria ali seguramente, com os outros, e eu estava interessado em destruí-lo para me fazer esquecer. Apenas, essa destruição só seria possível se eu aceitasse o lugar que me ofereceram: o que fiz foi num interesse completamente pessoal.

**MARTIAL**

Bom, compreendo isso. E depois?

**LABUSSIÈRE**

Paciência, amigo! Uma hora depois, já estava admitido! Nada no meu nome, nenhuma denúncia. E, todo satisfeito com essa descoberta, já estava procurando um jeito de me demitir daquelas repugnantes funções, quando o oficial da delegacia geral de polícia entrou, com uma lista na mão e me disse: "Prepare esses processos para o tribunal, volto em uma hora." ele saiu, depois de ter deixado na minha mesa uma lista dos detentos que estavam sendo levados a julgamento. Eu li... nomes desconhecidos na maioria... apenas um me chocou: Jean-Pierre Florian...<sup>53</sup>

**MARTIAL**

Aquele das fábulas?

---

53 **Jean-Pierre** Claris de **Florian** (1755-1794), poeta, romancista e fabulista francês. Com a eclosão da Revolução francesa, refugiou-se em Sceaux, mas logo foi descoberto e preso; embora a morte de Robespierre o tenha poupado, ele morreu alguns meses depois, ainda na prisão, seriamente atacado de tuberculose.

### LABUSSIÈRE

Sim, eu o conhecia por ter representado no teatro italiano duas arlequinadas... Acusar, condenar aquele homem honesto, excelente!... depois de ter reunido os outros processos, folheei o dele!... que monte de calúnias, insanidades inventadas pela tolice, pela ingratidão. O testemunho mais ignóbil era a carta de um miserável que Florian havia salvo da prisão. Indignado, rasguei essa carta e atirei ao fogo. Estávamos no inverno. O papel derreteu nas chamas e eu me disse: Por que não também o resto? E então queimei tudo. *(levanta-se, distanciando a cadeira da mesa)*

### MARTIAL

Ah! bem feito!

### LABUSSIÈRE

O oficial voltou. Era justo a hora de levar o ator. Me fiz de apressado, sem fôlego, desolado. Com um fluxo interminável de palavras que atordoava, declarei que tinha fuçado por toda parte e não tinha achado o processo de Florian! Meu antecessor, morto subitamente, tinha deixado o arquivo numa desordem total. Coisa de louco! Me arranquei os cabelos e assumi uma tal cara de idiota que ele se pôs a rir e se retirou dizendo: "Vamos, imbecil, por hoje esse aí fica vivo!" E eu caí, esgotado, mas contente de ter feito por um outro o que havia pensado fazer por mim mesmo! *(aproxima-se de Fabienne)*

**MARTIAL** *(em pé, passando pela frente de Labussière e indo para a esquerda)*

Ah! meu bom Labussière... E depois?...

**LABUSSIÈRE** *(entre Martial de pé e Fabienne sentada)*

Então, pensei: Que simples que é isso! Elimino um processo, Fouquier não pode mais proceder à acusação e é um tempo ganho para a vítima! Mas hoje, tudo se resume nisso, ganhar tempo! O que eu fiz por um, posso fazer por outros!... Meu dever não é mais ir embora... vou ficar e fazer de novo! Admita que isso é muito apetitoso!

### MARTIAL

Claro que é!

### LABUSSIÈRE

E, timidamente no começo, escolhendo os nomes de amigos, suprimindo as peças mais comprometedoras, depois escondendo os processos, enfim, destruindo-os e inventando nomes novos para os processos e fazendo por gente desconhecida o que havia feito por Florian, invocando sempre a desordem e sempre com sucesso, encorajado pelo hábito e pela impunidade, em menos de três semanas, tinha destruído vinte, trinta, quarenta processos...

### MARTIAL

Pelo fogo!

**LABUSSIÈRE** (*reacomodando-se na cadeira*)

Ah! não!... O cheiro de papel queimado me teria traído! (*Martial se senta na poltrona à esquerda*) Tranquei à chave, na gaveta de meu secretário, as peças que teria de destruir e saio de lá tranquilamente, mãos vazias, pela saída dos delegados, onde a vigilância é menos ativa. Por volta da meia-noite, uma hora, volto para as Tulherias. Minha sala fica no décimo-segundo andar do Pavilhão de Flore, antes chamado da Igualdade. Toda noite, as portas do palácio são abertas. Graças à minha carteira de funcionário, passo sem dificuldade. Sob o pretexto de um esquecimento, um trabalho atrasado, pego a chave do escritório, debaixo de um tapete, num lugar combinado com Fabien Pillet e Pierre, nosso moleque auxiliar, entro tateando na semiescuridão, tiro os papéis de minha gaveta, eu os mergulho na minha pia, despedaço, amasso, faço uma pasta e coloco nos bolsos do casaco. E saio. É aí que o perigo começa. O Comitê de Salvação Pública está sediado a alguns passos do meu escritório e tem sessões duas vezes por dia, às onze da manhã, antes da reunião da Convenção, e à noite, às nove... dez horas, até duas ou três horas da madrugada. Eu posso encontrar na escadaria, num corredor, alguns membros do Comitê, para quem minha presença àquela hora poderia parecer suspeita. Caminho, então, com passos de lobo, colado à parede, orelhas atentas e às vezes, protegido pela sombra e vendo passar Hermann ou Fouquier-Tanville, já sorri pensando que, de nós três, eu é que parecia estar fazendo algo errado! Uma vez cruzada a portaria, eu estava salvo. Entro em minha casa, durmo, depois, ainda cedinho, junto com meu bravo Lupin, meu pula-esgoto, meu único confidente, vou para o rio, em algum lugar afastado e, fingindo me banhar ou pescar, mijo na água todo aquele lixo que vai embora suavemente sobre as ondas! E, como bom republicano, a cada processo destruído, me parece que sou um filho piedoso que economiza uma má ação.

**MARTIAL** (*alegremente, em pé*)

Então, hoje de manhã...

**LABUSSIÈRE**

Oito aristocratas no Sena de uma vez só! Como Carrier<sup>54</sup> lá em Nantes! Meus afogadinhos!

---

54 Jean-Baptiste **Carrier** (1756-1794), foi um [revolucionário francês](#) famoso por sua crueldade, especialmente contra o [Clero](#). Foi um advogado do interior que, em 1792, foi eleito deputado à [Convenção Nacional](#). Em outubro de 1793, foi enviado a [Nantes](#), para subjugar a revolta que lá havia ocorrido. Foi o principal responsável pelas famosas [Noyades de Nantes](#) (os “Afogamentos de Nantes”): julgando que a guilhotina era muito lenta para as execuções, encheu com prisioneiros algumas [barcaças](#) com comportas de fundo que, quando abertas, deixavam os prisioneiros se afundarem no [rio Loire](#). Em fevereiro de 1794 foi chamado de volta a Paris pelo [Comitê de Salvação Pública](#), tomou parte no golpe contra [Robespierre](#) em 9 Thermidor (27 de julho de 1794), mas foi, ele próprio, chamado perante o [Tribunal Revolucionário](#) e finalmente guilhotinado em 16 de dezembro de 1794. Ver a peça *Cadio*, volume 17 de DRAMATURGIAS.

**MARTIAL** (*caminhando na direção dele, e apertando sua mão*)  
Ah! meu amigo!

**FABIENNE**

Ah! senhor, que bom o que faz!

**MARTIAL**

E você já destruiu muitos processos?

**LABUSSIÈRE** Centenas cujo julgamento ainda não chegou, trezentos e poucos chamados pelo tribunal, entre outros aqueles da Comédie-Française:<sup>55</sup> Fleury,<sup>56</sup> d'Azincourt,<sup>57</sup> La Rochelle,<sup>58</sup> Saint-Prix,<sup>59</sup> Vanhove,<sup>60</sup> as irmãs Contât,<sup>61</sup> Devienne,<sup>62</sup>

---

55 A peça *Pamela ou la vertu récompensée*, adaptada por Nicolas François, dito François de Neufchâteau, do romance epistolar *Pamela, or virtue rewarded*, 1740, de Samuel Richardson, na forma de uma comédia em versos, e encenada na noite de 1 de agosto de 1793 no Théâtre de la Nation. Na noite da nona representação, a 2 de setembro, quando a cortina ia ser erguida, um oficial da polícia se apresentou em nome do Comitê de Salvação Pública e interditou a peça por causa de dois versos considerados sediciosos, subversivos: *Ah! Les persécuteurs sont les seuls condamnables. / Et les plus tolérants sont les seuls raisonnables*. Neufchâteau procedeu às correções exigidas pelo Comitê, mas foi preso junto com os 13 atores que atuavam na peça. Entre os 13 atores do Théâtre Français encarcerados nas Magdelonnettes (as atrizes foram levadas para Sainte-Pélagie) estavam Fleury, Dazincourt, François Molé, Charlotte Vanhove, Saint-Prix, Saint-Fal. O processo dos atores deveria ser instruído no final de junho de 1794, sob os insistentes pedidos dos promotores Barère e Vadier. Mas, no momento de ele ser levado para Fouquier-Tinville, o Comitê de Salvação Pública se viu incapaz de encontrar os processos dos atores. Diz-se que as peças principais sobre as quais se deveriam fundamentar as acusações foram deles retiradas e destruídas por um antigo ator, La Bussière, que então se ocupava de uma função subalterna no hotel de Brionne, sede da polícia política.

56 Joseph-Abraham Bénard, dito **Fleury** (1750-1822), ator francês; particularmente feliz nas suas criações de homens afetados, cortesãos, homens de mau caráter. Preso naquela noite.

57 Joseph-Jean-Baptiste Albouy, dito **Dazincourt** (1747-1809), ator francês. Preso naquela noite.

58 Barthélémy **La Rochelle** (1748-1807), ator francês. Preso naquela noite, foi rapidamente posto em liberdade; atuou no Théâtre Feydeau, na salle Louvois, novamente no Feydeau antes de voltar a se reunir com seus camaradas na reconstituição da Comédie Française em 1799.

59 Jean-Amable Foucauld, dito **Saint-Prix** (1758-1834), militar e ator francês. Preso naquela noite.

60 Charles Joseph **Vanhove** (1739-1803), ator francês. Preso naquela noite, volta à Comédie em 1799. Sua filha, Charlotte Vanhove, dita Caroline (1771-1860), atriz francesa, também presa naquela noite terminará por se casar com o grande Talma, com quem levará uma vida tumultuosa.

61 Louise-Jeanne-Françoise de Forges de Pamy, dita Mademoiselle **Contât** (1760-1813), atriz francesa. A Revolução reforça nela os princípios de toda a sua vida. Toma posição resoluta contra a Revolução e as reformas. Hostil aos autores «liberais», obstina-se de aristocracia, e com o «Noirs», isto é, seus camaradas royalistas Fleury, Dazincourt e Raucourt, chama a atenção pública por seu desprezo pela Revolução. Sua irmã. Emilie Contât, também dita Mademoiselle **Contât** (1770-1846), também foi atriz, atuante na Comédie.

62 Jeanne-Françoise Thévenin, dita Sophie **Devienne** (1763-1841), foi uma atriz francesa. Também foi presa naquela noite. Liberada logo após a morte de Robespierre, voltou, com Molé, para o Théâtre Montensier, [Versalhes, a poucos passos do Palais] criado com o incentivo de Marguerite Brunet, dita Mademoiselle Montansier.

Lange,<sup>63</sup> Mézeray,<sup>64</sup> Raucourt<sup>65</sup> etc.

## MARTIAL

Mas é admirável!

## LABUSSIÈRE<sup>66</sup>

---

63 Anne-Françoise-Élisabeth Lange, dita Mademoiselle **Lange** (1772-1825), foi uma atriz francesa. Triunfava no papel de Pamela quando todo o elenco foi preso naquela noite. Após alguns meses de cativo, conseguiu se fazer transferir para a *pension* Belhomme (um edifício usado como sanatório-prisão), com seu cozinheiro, seu valete e sua criada de quarto, às expensas do banqueiro Montz; é levada novamente para uma prisão, mas protetores poderosos lhe permitem escapar à guilhotina. Libertada, volta ao Feydeau.

64 Marie-Antoinette Joséphine Mézeray, dita Mademoiselle **Mézeray** (1774-1823), foi uma atriz francesa. Também presa naquela noite, passa também para a *pension* Belhomme, Libertada em 1795, integra a trupe da Mlle Raucourt até o fechamento do Théâtre Louvois.

65 Françoise-Marie Antoinette Saucerotte, dita Mademoiselle **Raucourt** ou Françoise Raucourt (1756-1815, foi uma atriz francesa. Presa naquela noite, purgou 6 meses em Sainte-Pélagie e teve fechado pelo Diretório (1795-1799) um segundo Théâtre Français que ela havia fundado (Théâtre Louvois). Lésbica, exibia-se publicamente com suas conquistas. À sua morte, o cura da Église Saint-Roche proibiu que seu corpo ali fosse velado. Uma multidão arrombou as portas do templo e ali introduziu o caixão da atriz.

66 A esta altura, convém apontar aqui alguns fatos da biografia verdadeira desse personagem real de que Sardou se apropriou para expor sua visão da Revolução. Charles-Hippolyte Delpuech de La Bussière, dito La Bussière > Labussière (1768-1808) foi um ator francês. Aos 16 anos ingressou no regimento de Savoie-Carignan, assentado em Dunkerque; após breve permanência ali, retornou a Paris e se fez ator, interpretando com sucesso papéis simplórios e piegas em teatros dos bairros. Após pequena confusão que o levou a passar alguns meses na prisão de L'Abbaye, conseguiu ser empregado no Comitê de Salvação Pública e no Comitê de Segurança Geral, quer dizer, no quartel-geral do Terror, onde alguns de seus amigos haviam conseguido asilo e onde prestou bons serviços aos encarcerados, sem, todavia, salvar seu protetor Gallet de Santerre da guilhotina em 5 Termidor (23 julho 1794). Comprazia-se em criticar e ridicularizar os homens da Revolução, o que poderia ter-lhe conseguido alguns incômodos. Na primavera de 1794, Saint-Just criou sua própria delegacia de polícia, no segundo andar das Tulherias. Era ali que Labussière trabalhava, segundo alguns, pelo simples fato de ter uma boa ortografia e uma bela aparência. Horrorizado com as execuções em massa cujos dossiês passavam por suas mãos, Labussière adquiriu o hábito de passar a noite nos “banhos públicos” Bains Vigier, instalados na margem do Sena, com peças de acusação que levava consigo ao sair do escritório e ali as destruía. Seu chefe de serviço, Fabien Pillet, nunca se espantou com esse sumiço de documentos. Assim, ele teria começado por salvar a diretora de teatro Mlle Montansier e seu amante, o ator Honoré Bourdon dito “de Neuville”. Teria depois surrupiado mais de 50 peças nada menos que das caixas 7, 8 e 9 Messidor do Ano I, dentre as quais as dos atores do Théâtre Français, do mesmo modo que teria atirado ao Sena 924 processos, do 22 Floreal (11 maio 1794) até à queda de Robespierre. Uma vez perdidos os dossiês de instrução, os detentos eram esquecidos em suas prisões, seus nomes não mais apareciam sob os olhos da acusação, era até mesmo muito difícil encontrá-los entre as milhares de pessoas encarceradas. Ele teria salvo, entre outros, a marquesa de Villette, a célebre ‘Belle et Bonne’ de Voltaire; Madame du Buffon, sobrinha do naturalista; o conde de Talleyrand-Périgord, tio do diplomata; Volney, precursor da Antropologia; Delessert, banqueiro suíço; Madame de Vassy, que escreveu suas memórias da prisão; Florian, escritor emblemático de sua época; o visconde de Ségur, autor dramático que atraía sua atenção; Madame de La Fayette, esposa do general; o príncipe de Mônaco; Delphine de Sabran, viúva do general de Custine – ou seja, total 1.153 pessoas. Depois do Termidor, aliou-se a Louis Legendre e se ocupou em fazer libertar os inocentes de que as prisões de Paris estavam cheias. Passou uma curta temporada na prisão por ocasião da tentativa

Na verdade, não tenho lá grande mérito, sem sentir mais medo!... a gente se apaixona por essas causas, por causa do perigo mesmo; como os domadores com suas feras fulvas. Eu domo as feras! E depois, tenho mesmo um gostinho pela mistificação. Mistificar o cadafalso, vocês têm de admitir que não é uma coisa banal. Tomei gosto pela coisa e ia ficar muito chateado se tivesse que renunciar a isso.

**FABIENNE**

Você vai ver que isso é egoísmo.

**MARTIAL**

Em suma, nessa brincadeira, você arrisca a vida todos os dias.

**LABUSSIÈRE**

Como você, soldado.

**MARTIAL**

Oh! Mas não é a mesma coisa!

**LABUSSIÈRE**

Exatamente!

**FABIENNE**

E ninguém nunca viu nada, não desconfiou de nada?

**LABUSSIÈRE**

Ninguém além de Fabien Pillet, que se fez meu cúmplice, aquele bravo rapaz, fechando os olhos... (*ele se levanta*) Todavia, aliás, presto muita atenção e tem alguém que acha decididamente que a desordem é grande demais no meu escritório, é o chefe geral da polícia, o Héron.<sup>67</sup>

---

de golpe de Estado do 13 Vendemiário. Depois foi esquecido. Durante o Consulado, doente e sem emprego, caiu na miséria. Advertidos de sua infelicidade, os atores da Comédie Française organizaram uma noite em seu benefício. Os atores que ele havia salvo escolheram duas peças com inúmeras personagens a fim de que cada um pudesse ter um papel. A representação ocorreu a 5 abril 1803 no Théâtre de la Porte-Saint-Martin, sob iniciativa de Dazincourt. Foram representadas as peças Hamlet, de Ducis, e Augustin et Théodore ou les deux pages, de Dezède. Os principais atores foram Talma, Dazincourt, Fleury e as Mlles Contât, e Raucourt. O Primeiro Cônsul as assistiu, bem como Joséphine de Beauharnais (a primeira esposa de Napoléon I), a quem Labussière havia salvo. Incapaz de economia, Labussière dilapidou rapidamente o produto daquela noite. Vítima de um violento ataque de paralisia, experimentou alguma melhora internado num hospício, onde morreu pouco depois, completamente esquecido. Nicolas Liénart o lembrou em suas memórias. Francis Perrin lhe dedicou o romance L'enfant terrible de la Révolution, 2013, tendo dirigido o Théâtre Montansier de 1992 a 2000.

67 François Louis Julien Simon **Héron** (1746-1796), revolucionário francês, agente do Comitê de Segurança Geral. Sob a Revolução, ligou-se a Marat e participou de diferentes jornadas,



**FABIENNE**

Héron?

**LABUSSIÈRE**

Você o conhece?

**FABIENNE**

François Héron, antigo forrageiro da estrebaria d'Artois!

**LABUSSIÈRE**

E amigo de Marat, espião de Robespierre, familiar de Fouquier-Tinville... Meu Deus! Que relação você tem com esse miserável?

**FABIENNE**

Ele se casou, antes da Revolução, com uma mulher de Saint-Malo que estava a serviço de minha mãe, que tinha conseguido com esse casamento um novo meio de subsistência. Quando tua prima morreu, meu primeiro pensamento foi falar com essa mulher, eu ignorando o que tinha acontecido ao marido dela.

**LABUSSIÈRE** (*com inquietação redobrada*)

E você foi até a casa dela?...

**FABIENNE** (*se levantando*)

Sim! A mulher tinha saído. Eu disse meu nome. Recebida pelo marido, ele estava comendo, um pouco grisalho, foi o que me pareceu.

**LABUSSIÈRE** (*ansioso*)

E então?

**FABIENNE**

Então, explodindo de rir quando me viu: “Ah! ah! é você, mocinha! Os papéis estão mudados agora, bonitinha, e você talvez ficasse feliz em engraxar os sapatos da minha mulher.” Gelada com essa acolhida, eu não sabia o que responder. Ele se levantou e fez menção de se atirar contra mim... Eu o empurrei, ele tropeçou e caiu pedindo ajuda e eu corri para a rua onde fiquei fora de alcance antes que ele me perseguisse.

---

notadamente no 10 de agosto de 1792, quando esteve à frente do batalhão de marseheses. Participou em seguida dos massacres de 2 a 7 de setembro. Tornou agente do CSG, foi o responsável pela prisão do antigo ministro Lebrun-Tondu (dezembro 1793) e do poeta Fabre d'Eglantine. O inquisidor Vadier o encarrega de prender a mística visionária Catherine Théot e o religioso Dom Gerle.

**LABUSSIÈRE**

Mas é assustador o que você me conta! Tem ideia do que ele pode ter pensado?

**MARTIAL**

O que?

**LABUSSIÈRE**

Que você tivesse ido lá para assassinar Héron!

**FABIENNE**

Eu!

**LABUSSIÈRE**

Ele não podia perder uma bela ocasião de se fazer de mártir e eu li, não sei onde, que uma mulher da Vendeia tinha se apresentado à casa de Héron e, armada de uma faca, tinha tentado atingi-lo.

**FABIENNE**

Que indignidade!

**LABUSSIÈRE**

Martial pronunciou seu nome na frente daquele agente hoje de manhã?

**MARTIAL**

Eu a chamei de Fabienne, só.

**LABUSSIÈRE**

Já foi demais... Pourvoyer é um agente da comissão popular. Se ele fizer o relatório e citar seu nome, Héron vai sair atrás de você. Você estava com esse vestido quando foi à casa dele?

**FABIENNE**

Sim, este mesmo.

**LABUSSIÈRE**

Mais uma facilitação para o reconhecimento. *(ele empurra sua cadeira para a esquerda, na frente da mesa, e vai puxar o cordão da campainha, acima da cadeira à direita da alcova. Martial o segue, Fabienne vai para a esquerda)* Ah! isso é mais sério do que a aventura de hoje de manhã.

**MARTIAL**

Você acha que Héron denunciou Fabienne?

**LABUSSIÈRE** (*descendo à direita*)

Se acredito!... Ele fez executarem Follope, seu locador, que teve a audácia de reclamar de seus modos!... e tentou implicar sua mulher numa pretensa conspiração em Saint-Malo para se desembaraçar dela... É esse o homem!

**FABIENNE**

Você não estaria mais neste mundo se ele tivesse sabido prender você!

## Cena 7

Os mesmos, Jacqueline

**JACQUELINE** (*entra pela porta do fundo, à direita*)

Vocês me chamaram?

**LABUSSIÈRE**

Sim, sim, venha depressa, cara amiga. Desta vez vou recorrer à costureira. (*ele a faz descer para o proscênio, à direita*)

**JACQUELINE**

Para?

**LABUSSIÈRE** (*indicando Fabienne*)

Para modificar bem rápido aquela toaleta.

**JACQUELINE**

Rápido?

**LABUSSIÈRE**

O tempo de um intervalo entre dois atos! Você conhece algum figurino lá do teatro que nos convenha?

**JACQUELINE**

Espere! Uma toaleta?...

**LABUSSIÈRE**

Burguesa, bastante simples.

**JACQUELINE**

Já sei qual; o vestido de Cécile na peça “O marido culpado”,<sup>68</sup> da Cidadã Villeneuve, que vamos representar em três dias.

**LABUSSIÈRE**

Que vai ser usado por?

**JACQUELINE**

Pela senhorita Dupré... ela tem o mesmo número.

**LABUSSIÈRE**

Perfeito! Você vai ter tempo de costurar um outro para a Depré... E depressa, disfarce todos nós, rápido. *(faz Jacqueline passar para a esquerda empurrando-a para Fabienne)*

**FABIENNE** *(hesitante)*

Meu Deus, mas esse vestido de teatro...

**JACQUELINE**

Novinho... *(ela vai para a porta do fundo, à esquerda)*

**FABIENNE**

Mas,... mas...

**MARTIAL**

Oh! Eu lhe peço, Fabienne!

**LABUSSIÈRE**

Não vamos correr riscos nós três por causa de um vestido!

**FABIENNE**

É verdade, perdoe-me me esquecer que minha perda também seria a sua! *(ela caminha para Martial)* Mas devem estar preocupados comigo na rua des Tournelles.

**LABUSSIÈRE**

Vista-se primeiro! Vamos pensar mais tarde em suas amigas.

---

68 *Le mari coupable*, comédia em prosa em 3 atos, de Citoyenne Villeneuve, encenada do Théâtre de la Cité no 4º dia complementar Ano II, isto é, 20 de setembro de 1794 – em programa duplo com a peça *Les mœurs et le divorce*, comédia em um ato, de Pigault-Lebrun.

**FABIENNE** *(para Jacqueline, que a espera)*  
Por onde devo segui-la, senhora?

**JACQUELINE** *(indicando uma porta)*  
Por este lado, senhorita, por favor. (abre a porta. Fabienne a segue)

**MARTIAL** *(para Fabienne prestes a sair)*  
Coragem, Fabiana! Coragem... vai dar tudo certo! *(pega a mão dela, que a retira suavemente sem afetação, mas sem responder ao seu abraço, e ela sai)*

## Cena 8

Martial, Labussière

*(Martial, na soleira da porta, segue com os olhos tristemente Fabienne que desaparece. Silêncio.)*

**LABUSSIÈRE**  
Por que estava olhando para ela daquele jeito?

**MARTIAL**  
O jeito que ela me tratou!... Você viu? Nenhuma palavra, nenhum olhar... Viu a frieza de sua mão se separando da minha?

**LABUSSIÈRE**  
Oh! Meu Deus, a pobre mocinha, está inquieta com tudo o que acabou de ouvir.

**MARTIAL**  
Não, essa inquietude não acontece por nada. Não a estou reconhecendo. *(dá um passo na direção da mesa)* Tem nela alguma coisa inexplicável. Não é mais a mesma mulher, a minha Fabienne de antes. Ah! se você a tivesse visto quando parti para ingressar no exército!... Naquele dia ela também tinha razões para temer por ela e por mim. Mas que ternura em seus medos! E que sofrimento ao se afastar dos meus braços!

**LABUSSIÈRE** *(caminhando para ele)*  
Mas ela se atirou nos seus braços, hoje de manhã, e ainda ouço seu grito de alegria!

**MARTIAL**  
Foi um grito de medo! A mulher em perigo que encontra um defensor e se agarra a ele.

**LABUSSIÈRE**

Seu ingrato!

**MARTIAL**

E quando aquela megera me forçava a abraçá-la, Fabienne se encolhia ao meu beijo? Suas mãos, seu corpo, seus lábios, sua alma, tudo me foi recusado! E aquelas lágrimas repentinas?... Por que aquelas lágrimas?

**LABUSSIÈRE**

Uma jovem honesta... diante de todo mundo!

**MARTIAL**

Não, melhor você dizer... há entre ela e eu... *(vai para a esquerda da mesa)*

**LABUSSIÈRE** *(seguindo-o)*

Havia eu, ora, cuja presença a intimida! Vamos, pare com isso, ficou louco. *(Martial se senta na poltrona à esquerda, olhando para a porta por onde Fabienne saiu)* Vamos deixar disso e falar seriamente. Você planejava partir amanhã?

**MARTIAL**

Sim.

**LABUSSIÈRE**

Alguma coisa impede que adiante sua partida?

**MARTIAL**

Nada.

**LABUSSIÈRE**

Então, parta esta noite!

**MARTIAL**

Por quê?

**LABUSSIÈRE**

Porque Paris não significa nada para você e sobretudo para ela. *(Martial olha para ele)* Ninguém pode dizer se a partida será possível amanhã. Você ignora o que terá acontecido na Convenção.

**MARTIAL**

Sim, eu caminhei pelas ruas à procura de Fabienne. E essas intrigas políticas me revoltam, só levam a cabeças decepadas... Não compreendo mais nada.

**LABUSSIÈRE**

Eu lhe explico tudo isso... Basta ter como certo que, às vezes, na Convenção a luta vai ser formidável e que há enormes vantagens em abandonar Paris antes do fim da reunião. *(ele se afasta de Martial para a direita)*

**MARTIAL**

Mas... e ela?

**LABUSSIÈRE**

Fabienne?

**MARTIAL**

Sim.

**LABUSSIÈRE** *(diante da mesa)*

Ora, ela vai embora com você! Sua mulher. É natural. Você se casa com ela em Bruxelas! Eu tinha pensado em casar vocês nesta tardinha, mas teria que dizer o nome dela.

**MARTIAL** *(de pé)*

Isso seria denunciá-la.

**LABUSSIÈRE**

Justamente. Você vai encontrar Carnot às onze horas. A sessão é ao meio-dia e é preciso a todo preço vê-lo antes. Você explique a ele a situação. Ele mandará liberar um passaporte para você e sua mulher, a cidadã Hugon. Nenhum outro nome!

**MARTIAL** *(caminhando para Labussière)*

Certo!

**LABUSSIÈRE**

Pourvoyer viu você com esse uniforme, você tem alguma roupa civil?

**MARTIAL**

Sim.

**LABUSSIÈRE**

Vista essa roupa civil, para maior segurança, e vá me pegar no meu escritório. Eu já terei reservado seus dois lugares na diligência para Lille, na rua des Victoires. Vamos passar pelo seu albergue, onde você vai pegar sua mala. Viremos jantar aqui em família, eu terei despachado Lupin antes disso com os víveres. Sou eu que os estou convidando. E, às três horas, munidos de seus documen-

tos, em ordem, vocês vão subir tranquilamente na diligência antes que as barreiras sejam fechadas, antes que sejamos decapitados nas ruas!

**MARTIAL**

Você acredita nisso!

**LABUSSIÈRE**

Absolutamente! A noite vai ser terrível!

**MARTIAL**

Mas... tudo isso supõe...

**LABUSSIÈRE**

O que?

**MARTIAL**

O consentimento dela com tudo isso.

**LABUSSIÈRE**

Nessa partida com você?

**MARTIAL**

E com o casamento.

**LABUSSIÈRE**

Você duvida disso tudo?

**MARTIAL**

Ah! não sei mais o que devo saber!

**LABUSSIÈRE**

Ah! vejamos de uma vez, você a ama, sim ou não?

**MARTIAL**

Não sei mais... a atitude dela foi tão estranha.

**LABUSSIÈRE**

Enfim, vocês falaram alguma vez em casamento?

**MARTIAL**

Que pedido!

**LABUSSIÈRE**

Então!



**MARTIAL**

Sim, mas depois!... e essa partida improvisada num minuto!... com tudo tão brusco assim, tenho medo de comprometer as coisas.!

**LABUSSIÈRE**

Mas arrisque isso, em vez de sua vida ou a dela.

**MARTIAL**

Ah! com certeza!

**LABUSSIÈRE**

Vamos, meu comandante! Imagine que você é Fleurus e tira isso de mim ao preço de uma acusação.

**MARTIAL**

Sim, sim! À moda húngara!... Ir embora com ela... você está sonhando!...

**LABUSSIÈRE**

Que seja! Vamos falar sério de novo e diga a ela de minha parte, é a última coisa que lhe digo: nesta noite a diligência, ou amanhã a carroça. (*Jacqueline abre a porta do fundo*)

**MARTIAL**

Fecha a boca! Ela está aí!

## Cena 9

Os mesmos, Fabienne, Jacqueline

*Fabienne entre numa toailete de burguesa bastante simples e desce para a esquerda com Jacqueline. A criada entra logo após pela porta do fundo, à direita, tira a toalha da mesa e sai por onde entrou, deixando sobre a mesa apenas as flores.*

**JACQUELINE**

Pronto, está feito!

**LABUSSIÈRE** (*olhando a toailete*)

E perfeito!

**JACQUELINE** (*tirando do vaso a flor, que dá para Fabienne*)

Só está faltando uma flor nesse corpete!

**FABIENNE**

Obrigado, senhora! *(para Labussière)* Escrevi um bilhete para a rua des Tournelles. Como fazer chegar lá?

**JACQUELINE** *(pegando a carta)*

Gaspard, meu aprendiz, vai levar lá bem depressa. *(ela sai pela porta do fundo, à esquerda. Fabienne pega uma rosa recém-desabrochada e a coloca no corpete)*

**LABUSSIÈRE**

Eu preciso ir! Martial vai me pegar no escritório e estaremos aqui entre uma hora e meia e duas horas para almoçar, combinado? *(para Fabienne)* E, até lá, proibido sair e até mesmo olhar pela janela. Até. *(para Martial)* Está bem claro pra você. Delegacia dos detidos, pavilhão da Igualdade, segundo andar, a partir do meio dia. *(pega seu chapéu sobre o móvel onde o depositou ao chegar)*

**MARTIAL**

Estarei lá.

**LABUSSIÈRE** *(voltando para Martial, à meia-voz)*

Dou-lhe um quarto de hora para ser dono do lugar ou você não é mais que um maricas. Vai! Em frente! *(sai pela direita)*

## Cena 10

Martial, Fabienne

**MARTIAL** *(indo até Fabienne, na ponta da mesa)*

E então, minha cara Fabienne, tudo aqui é perigoso para você! Não é amanhã que eu pretendia partir, é hoje mesmo, esta tarde, antes da noite.

**FABIENNE** *(à frente da mesa, sem olhar para ele)*

É da sua partida, Martial, que está falando?

**MARTIAL** *(descendo à esquerda, para perto dela, que recua um pouco, deixando a cadeira entre eles)*

E da sua! O que haveria de mais natural, Fabienne, do que seguir seu marido? Aqui nosso casamento é impossível; mas em Bruxelas... *(dá ainda um passo na direção dela)*

**FABIENNE** *(com esforço)*

Não, Martial, não!... você terá que partir sem mim! *(ela coloca sua mão, para se sustentar, sobre o dorso da cadeira)*

**MARTIAL**

E por que, meu Deus?... Está duvidando?...

**FABIENNE** (*alegremente*)

Oh! Meu Deus, não!

**MARTIAL**

Então, que dever obriga você a ficar sozinha num perigo tão grande quando tudo a convida a partir... Deve cuidar de sua segurança primeiro, penso. E sua afeição por mim? (*coloca sua mão sobre a de Fabienne, que a retira depressa*)

**FABIENNE** (*muito emocionada*)

Oh! Martial, que pena, ai!... que sofrimento vou lhe causar!

**MARTIAL** (*ansioso*)

Ah!

**FABIENNE**

Não posso partir com você, meu amigo, porque não posso ser sua mulher!

**MARTIAL**

Não pode?...

**FABIENNE**

Ai de mim, não!...

**MARTIAL** (*amargamente*)

Ah! eu pressentia isso, eu disse a Labussière há pouco: “Ela não é mais a mesma, não é mais ela!” Seu modo de ser, a frieza de suas palavras, tudo me anunciava um desastre. Essa separação tão longa foi fatal para nosso amor. Você me acreditava morto. Você acreditou tanto nisso que...

**FABIENNE** (*vivamente*)

Oh! Não! Não! Martial, não! Não tem nada disso!

**MARTIAL** (*tranquilizada*)

Então, se seu coração está livre, Fabienne, em que eu deixo de merecer seu amor?

**FABIENNE**

Eu disse isso, meu Deus?... não reprovo nada em você. Ah! decerto que não! E jamais você foi mais digno de ser amado.

**MARTIAL**

E então?

**FABIENNE**

Mas eu não posso mais amar você.

**MARTIAL**

Como?

**FABIENNE**

Não estou mais livre, Martial... Eu pronunciei meus votos. *(ela cai sentada na cadeira)*

**MARTIAL**

Você... você fez isso? *(Fabienne fica muda. Silêncio)* Sim! Sim! Compreendo... Aquelas mulheres atraíram você para roubarem você de mim!

**FABIENNE** *(entrecortada de lágrimas)*

Não as acuse, Martial. Eu chorei por você dia e noite, e nenhuma delas me reprovou ter abandonado a santa causa por você!... Mas eu estava tão infeliz!... Você morto... nada mais me ligava ao mundo.

**MARTIAL**

E então?

**FABIENNE**

Então, uma noite, um padre, um velho, nos entregou uma carta de uma de nossas irmãs refugiadas em Cambrai. E aquele santo homem, que suas roupas miseráveis nos fizeram pensar fosse o Monsenhor Bonneval, bispo de Lisieux, disfarçado de mendigo, que ia de cidade em cidade, como os primeiros apóstolos, levar a palavra divina, unir entre si os fieis, dizer a missa nos campos, nas granjas, afrontando em toda parte o cadafalso que o esperava em Strasbourg oito dias depois. Uma de nossas irmãs, que era noviça como eu, lhe exprimiu o desejo de entrar para o convento: “E você, me disse ele, você não gostaria de fazer a mesma coisa? Esse amor mundano que, por um tempo, a havia apartado de Deus, eis que ele foi rompido pela morte. É um sinal que a chama para ele. É também quando a religião é perseguida que convém a uma jovem cristã perseguida abandonar sua fé? Ao contrário, é o momento, para as grandes almas, de se unir mais estreitamente a essa mãe sagrada e de preencher os vazios que nosso martírio causa entre nós!”

**MARTIAL**

Ora, é com essas palavras capciosas que seduzem suas almas jovens.

**FABIENNE**

Naquela mesma noite, em nosso próprio quarto convertido em capela, ele nos consagrou a Deus, impondo-nos a obrigação de conservar nossos cabelos e nossos hábitos mundanos para não sermos reconhecidas pelos carrascos! Não é mais Fabienne que lhe fala, Martial, mas a irmã Marie-Madeleine, que, não mais podendo ser sua, não quer ser de mais ninguém, exceto Deus!

**MARTIAL** (*aproximando-se dela*)

Isso é tudo, Fabienne? Você me fez pensar em coisa pior que isso! E se não houver entre nós nada mais que esses votos clandestinos e sem qualquer valor...

**FABIENNE**

Ah! Martial!... aquelas promessas sagradas!

**MARTIAL**

Sagradas para quem?... Para os homens que as aboliram?... Para mim que lhes agradeço por isso?

**FABIENNE**

Para mim, pelo menos.

**MARTIAL**

Nem mesmo por você, minha cara Fabienne. Sem compartilhar suas crenças, eu as respeito, e reconheço para toda mulher o direito de dispor de uma vida de quem só ela é senhora; mas esse não é o seu caso... (*Fabienne olha para ele*) Não, Fabienne, não, você não era mais livre para dispor de sua liberdade. Você se acreditou desligada pela morte de tudo o que a unia a mim, e sozinha, sem apoio, a religião lhe oferecendo um refúgio, você o aceitou! Seja! Mas foi só a minha morte que lhe ditou aqueles seus votos imprudentes. Foi ela que o padre invocou, como uma marca infalível de que Deus a chamava para ele. Ela foi então a condição de seu pacto com o céu! Pois bem, eu estou aqui, aqui diante de você, e aquele pacto se anulou. Fortalecido por nossos juramentos que nada pôde romper, eu reivindico você e a quero de volta! Pois você era minha antes de ser de Deus! E, se você podia ceder a ele minha viúva, você não tinha o direito de lhe dar minha noiva.

**FABIENNE**

Se tudo isso fosse verdade, Martial, posso garantir que minha culpa não seja irreparável, que meus votos não sejam eternos?...

**MARTIAL**

Ora, minha cara Fabienne, não existem votos eternos. Isso era um abuso dos velhos tempos abolido pelas nossas leis. Toda aliança tem direito à ruptura; todo casamento, ao divórcio; todo ser que se dá deve poder recuperar sua posse.

**FABIENNE**

Conceda-me, então, esse direito, meu amigo.

**MARTIAL**

Imediatamente!... Diga que não mais me ama, e que é essa a única razão que nos separa! E me afastarei para sempre! Vamos, diga, diga!

**FABIENNE** (*dolorosamente*)

Como é que posso dizer isso?

**MARTIAL**

Você me ama, então?

**FABIENNE** (*dolorosamente*)

Não tenho mais esse direito!...

**MARTIAL**

E, entretanto, você me ama!... (*ela se cala, ocultando seu rosto entre as mãos*) Mas... se tivesse que ser feito de novo, você o faria?

**FABIENNE** (*vivamente*)

Ah! meu Deus, não!

**MARTIAL** (*bem perto dela, tomando suas mãos*)

Esse é o seu dever! Ele está nesse grito! Que valor tem esse seu juramento que seu coração repudia, que você não repetirá jamais, que você deplora? (*ele a faz se levantar, atraindo-a para si*) – A bela oferenda a Deus é a de uma criatura que só se dá a ele com pesar.

**FABIENNE** (*afastando-se dele e voltando pela esquerda para a mesa*)

Ai! Sim, mas sem poder me defender!

**MARTIAL** (*seguindo-a*)

Vamos, então! Você só tem que querer para ser livre.

**FABIENNE**

Ah! não! Não!

**MARTIAL**

E isso já estaria feito, se você tivesse boa-fé!

**FABIENNE**

Ah! Martial!

**MARTIAL**

Mas então seja franca! Admita a verdade! O retorno às práticas religiosas reacendeu sua devoção mal extinta, e, minha morte afastando-me de você, você a acolheu como uma libertação?

**FABIENNE**

Minha libertação... sua morte?

**MARTIAL**

Sim!

**FABIENNE**

Não diga isso, você não acredita nisso!

**MARTIAL**

Acredito sim!

**FABIENNE**

Não!... não, você não acredita. Não pode acreditar nisso. É muito injusto e muito cruel!

**MARTIAL**

Menos do que a dor que você me impõe!

**FABIENNE**

Sua dor? E a minha? Ah! infeliz! Veja só, então, como estou? Não tem piedade de mim? Não tenho de que me lamentar, então? Então não é horrível ter reencontrado você para ter que deixá-lo de novo? Neste momento, é por minha culpa que estou morta para você?

**MARTIAL**

Não, se você me amasse como eu a amo.

**FABIENNE**

Se eu o amasse! Desde que o reencontrei, eu me desolo em pensar na verdade que tive de lhe dizer!!! Fujo do seu olhar... me privo de lhe falar, de ouvi-lo, me faço de indiferente e gelada para esconder minha angústia e minhas lágrimas! Oxalá fosse verdade! Não vou mais implorar a Deus a resolução que ele me recusa. Por um instante de espanto que me atirou loucamente em seus braços, eu não estaria aí toda trêmula com seu beijo sacrílego que ainda queima meus lábios. *(ela vai para a esquerda diante da poltrona)* eu não estaria sofrendo como sofro, debatendo-me entre minha paixão e meu dever, infiel a uma, perjura quanto ao outro, amante desolada, religiosa indigna, e, em meu sofrimento, no qual

não ousou invocar o céu que estou ultrajando, a mais miserável criatura que existe no mundo!... *(ela cai sentada chorando na poltrona à esquerda)*

**MARTIAL** *(virando a poltrona e se inclinando sobre ela)*

E é esse coração tão cheio de amor por mim que você quer oferecer a Deus?

**FABIENNE** *(ela se levanta e ganha a direita, diante da mesa, onde Martial a segue e a faz parar, segurando seu braço)*

Vou rezar, vou lutar, mortificar minha carne e minha alma e, quando eu não o vir mais, vou triunfar sobre meu amor profano *(ela solta seu braço)* e o arranquei de meu coração. *(ela consegue fugir, pela direita)*

**MARTIAL** *(seguindo-a, com força)*

Não! Você vai querer rezar, mas minha lembrança vai obcecar sua prece. Você vai mortificar em vão sua alma indócil, sua carne rebelde!... *(ele a agarra pelas duas mãos e a puxa para si)* e, esse inferno que você teme, você vai senti-lo mais medonho em seu próprio coração, pelo castigo por seu crime contra mim!

**FABIENNE** *(dolorosamente, empurrando-o)*

Meu crime?

**MARTIAL** *(entre a mesa e Fabienne)*

Sim, seu crime pois é um crime me fazer viver uma vida miserável para você conquistar suas alegrias eternas!...

**FABIENNE** *(na direção de Martial)*

Ah! cale-se! Cale-se! Juro por Deus que nunca fiz esse cálculo tão horrível!

**MARTIAL**

É o que você fez!

**FABIENNE**

Jamais! Torturar sua alma pela salvação da minha!

**MARTIAL**

Sim!

**FABIENNE**

Eu! Que, para fazer sua felicidade neste mundo, eu daria minha eternidade num outro!

**MARTIAL** *(vivamente, tomando-a nos braços)*

Faça isso, então!



**FABIENNE** *(desolada)*

Ah! meu Deus, é por você que eu combato! Defenda-me! Ajude-me! Salve-me!  
*(ela cai sentada na poltrona, os braços sobre a mesa, ocultando seu rosto)*

**MARTIAL** *(puxando a cadeira para perto dela)*

Mas seu Deus está do meu lado! Ele não te ouve mais. Você vai ser uma cristã melhor e mais fiel às suas leis, esposa devotada e mãe terna, do que uma religiosa contra a vontade, com um outro amor no coração além do dele!

**FABIENNE** *(fracamente)*

Não! Não! cale-se!... Cale-se! Você é um demônio! *(ela fecha a boca dele com uma mão que ele pressiona contra seus lábios)*

**MARTIAL** *(erguendo suavemente a cabeça de Fabienne)*

Você, uma santa! Você, minha adorada, cuja mão treme sobre meu lábio, *(ele beija a mão de Fabienne)* cujo olhar se embriaga ao ver o meu! Mas eu a desafio! Você é muito mulher para isso. *(atraindo-a para seu peito)* E é a minha!... *(aproxima seus lábios dos de Fabienne)*

**FABIENNE** *(vencida, virando a cabeça e se protegendo com a mão do beijo de Martial)*

Ah! Deus vai me castigar!...

**MARTIAL**

Não!

**FABIENNE**

Sim! Sim! E, entretanto, me esforço muito para não amar você; ele bem sabe disso.

**MARTIAL**

Sim!

**FABIENNE** *(toda trêmula)*

Mas eu não posso, eu não posso!

**MARTIAL**

E então, agora?

**FABIENNE** *(baixando a voz, aconchegada contra ele)*

Ah! Se eu tivesse certeza de que ele tenha piedade de mim!

**MARTIAL**

Mas sim, sim!

**FABIENNE**

Diga! Diga que eu creia nele!

**MARTIAL**

Pois acredite nele!

**FABIENNE** *(a cabeça no ombro de Martial)*

E ele vai perdoar, não é!... Jure... Jure que ele vai me perdoar!

**MARTIAL**

Eu juro!

**FABIENNE** *(resoluta)*

E então! Depois de tudo! Perdoada ou não! O que importa! Eu amo você! *(ela passa seu braço direito pelo pescoço de Martial)*

**MARTIAL**

Ah! minha querida, meu amor, minha mulher bem-amada!

**JACQUELINE** *(fora, para a criada)*

Sim, eu vou vê-la!

**MARTIAL**

Estão chegando! *(ele se levanta sem precipitação e coloca sua cadeira tranquilamente perto da mesa; depois vai para a frente de Jacqueline)*

**JACQUELINE** *(entreabrindo a porta da esquerda, sem entrar)*

O aprendiz não trouxe a resposta da carta? *(Fabienne e se levanta e se afasta um pouco da poltrona, à direita)*

**MARTIAL**

Não!

**JACQUELINE** *(para a criada)*

Veja, então, se Gaspard está na loja. *(ela sai)*

## Cena 11

Os mesmos, Jacqueline

**JACQUELINE**

E o jantar? Devo me ocupar do jantar?

**MARTIAL**

Não! Não! Labussière está encarregado disso. (*vai pegar seu chapéu que está na secretária e desce*) Posso esperar que nos fará a gentileza de jantar conosco?

**JACQUELINE**

É uma grande honra para mim! (*ela empurra a poltrona da esquerda para a janela, de costas para o público*)

**MARTIAL**

Vou me encontrar com ele. (*desce; para Jacqueline*) Prezada senhora... Eu lhe confio minha mulher! Cuide bem dela!

**JACQUELINE**

Fique tranquilo!

**MARTIAL**

Estaremos aqui por volta das duas horas. (*para Fabienne, beijando-lhe as mãos*) Ah! minha querida, o dia lindo e estou feliz com minha vitória! Porque foi uma vitória! Admita! Até mais tarde! (*sai pela direita*)

## Cena 12

Fabienne, Jacqueline, depois Gaspard

**JACQUELINE** (*alegremente, para Fabienne*)

Deve ser muito bom ser tão amada!..

**GASPARD** (*fora*)

Patroa! Patroa! Onde a senhora está?

**JACQUELINE**

Aqui! (*para Fabienne*) é o aprendiz!

**GASPARD** (*abrindo vivamente a porta à esquerda da alcova*)

Patroa! A cidadã está aí? (*ele continua fora da visão de Fabienne, que se aproxima da mesa*)

**JACQUELINE**

Sim... você trouxe a carta?

**GASPARD**

Sim... mas...

**JACQUELINE**

O que? Mas...

**GASPARD**

É que...

**JACQUELINE**

Continua!

**GASPARD**

Ah! cidadã!...

**FABIENNE** (*inquieta*)

O que está acontecendo?

**JACQUELINE**

Fale, então!

**GASPARD**

Depois que entreguei a carta para aquela velhinha, que me agradeceu muito, eu ia descendo pela rua quando vi uma patrulha de gente da Seção, precedida de três ministros membros do comitê da dita cuja, aquele tal Bouchard na frente, com o patrão! (*rumores distantes que pouco a pouco se aproximam*)

**JACQUELINE**

Meu marido!

**GASPARD**

Eles entraram na casa de onde eu saí e ouvi os vizinhos na porta das casas deles gritando de uma loja para a outra: “Estão levando as religiosas!”

**FABIENNE**

Ah! meu Deus! Meu Deus!

**GASPARD**

Elas rezavam missas em segredo. E, cinco minutos depois, Bouchard, depois de requisitar a tapeçaria de um marceneiro, fez todas elas subirem na carroça para levar todas elas para a Força.

**FABIENNE**

Elas! Elas!

**JACQUELINE**

Ah! minha pobre senhorita, que infelicidade! (*ouvem-se os gritos, os choros, mais próximos*)

**GASPARD**

Estão ouvindo! Eles vão passar ali na rua Antoine, dá pra ver! Oh! Tem uma multidão gritando lá! (*ele entreabre a janela. Ouvem-se lá fora o Ça ira e a Carmagnole*)<sup>69</sup>

**FABIENNE**

Ah! (*de repente, do meio do choro e dos cantos da população, elevam-se as vozes das Ursulinas, que entoam um cântico. O choro e as canções revolucionárias cessam um instante, como que estupefatos*) Ah! escutem! Escutem! Elas cantam, aquelas moças corajosas! Elas cantam!

**JACQUELINE**

Um cântico.

**FABIENNE**

Não foram elas que traíram sua fé. (*O choro é retomado, mas o canto persiste sempre, aproximando-se apesar dos clamores e as reprises da Carmagnola*)

**GASPARD**

Eles vão passar! patroa, veja!

**FABIENNE** (*ela corre para a janela*)

Quero vê-las!

**JACQUELINE** (*que olha pela janela entreaberta*)

Toma cuidado!

---

69 *Carmagnole* aqui é a canção revolucionária criada em 1792 no momento da queda da monarquia (a jornada de 10 de agosto). Originária do Piemonte italiano, ganhou primeiramente a região de Marselha antes de atingir Paris, de onde se popularizou para toda a França após a queda do trono para se tornar um hino de todos os *sans-culottes*. A cada episódio revolucionário a canção era emendada com novos versos. Alguns deles: "A Senhora Veto [Antonieta] prometeu / degolar Paris aos borbotões / mas seu golpe falhou / com a força de nossos canhões // Antonieta resolveu / nos derrubar de bunda no chão / mas seu golpe falhou / e ela quebrou seu narigão. // Dancemos a carmanhola, / que som. Que som! / dancemos a carmanhola / viva o som do canhão!" – Madame Veto avait promis / de faire égorger tout Paris. / Mais son coup a manqué / grâce à non canonniers. // Antoinette avait résolu / de nous faire tomber sur le cul / mais le coup a manqué / et elle a cassez le né. // Dansons la carmagnole / vive le son, vive le son // dansons la Carmagnole / vive le son du cannon."

**FABIENNE**

Elas estão ali! Madre Angélique, minha querida mãe, é a senhora! E Marie-Thérèse! E a irmã Gabrielle... e minha irmãzinha Marthe, tão doce, tão frágil... Uma criança ainda!... E todas, calmas e orgulhosas, enfrentando os carrascos! Minhas irmãs bem-amadas, peçam a Deus que me perdoe por não seguir para o martírio com vocês! *(ela cai de joelhos, a cabeça sobre a poltrona, chorando. Os cantos e os clamores continuam, afastando-se. Ouvem-se passos precipitados e rumores de vozes e sons de batidas na porta do fundo, à direita)*

**GASPARD**

Estão chegando! Entrando pela loja!

**JACQUELINE** *(aterrorizada)*

Aqui!... Por quê?... *(A porta se abre violentamente e Bouchard aparece, com um outro membro do comitê e Bérillon confuso. Atrás deles, seis soldados da Seção e curiosos. A porta de entrada se abre igualmente dando passagem a um outro membro da Seção. Silêncio enquanto se ouvem os cânticos ao longe)*

**BOUCHARD** *(após uma conferida com o olhar pelo quarto, dirige-se a Fabienne e, pegando uma carta das mãos de Bérillon, coloca-se perto dela, atrás dela, e lhe apresenta a carta com a mão por cima do ombro dela)*

Escreveu essa carta contando que estava refugiada nesta casa?

**FABIENNE** *(resolutamente)*

Sim, senhor, fui eu que a escrevi.

**BOUCHARD**

Está assinada! *(Ele olha a assinatura)* Marie-Madeleine. Seu nome?

**FABIENNE**

Fabienne Lecoulteux. Nome religioso, irmã Marie-Madeleine, Ursulina como aquelas!... *(movimento. Jacqueline continua sentada)*

**BÉRILLON** *(trêmulo)*

Na minha casa?

**FABIENNE**

Madame ignorava quem eu sou! Que ela me perdoe por tê-la enganado!

**BOUCHARD** *(para um dos que o acompanham)*

Lecoulteux... é aquela do cidadão Héron! Vai chamá-lo! *(para Fabienne)* Vamos, sua história é boa... siga-nos... *(aos curiosos)* Abram caminho, vocês aí!... *(sai. Só se ouve o canto distante)*

**JACQUELINE** *(em lágrimas, aproximando-se de Fabienne, que ganha lentamente a porta, no proscênio)*  
Ah! minha pobre senhorita!

**FABIENNE**  
Não sou mais eu a pessoa digna de pena! *(dolorosamente)* É ele! *(ela se dirige para a porta. Silêncio de todos, enquanto o cântico vai morrendo à distância. Os soldados se afastam para deixá-la passar. E Bouchard a segue)*



**Figura 6.** Casa da cidadã Bérillon – Labussière, Martial e Fabienne, ato II



**Figura 7.** Um ensaio do ato III

## Ato III

*O escritório de Labussière nas Tulherias, pavilhão de Flore ou da Igualdade, é um antigo salão Louis XV, muito ricamente decorado, com teto pintado, tremós, bandeiras das portas, molduras douradas, etc. Sobre as portas pintadas, o distintivo royal foi raspado. No fundo, duas portas de frente para o público; entre as duas, toda a largura do tremó é ocupada por um grande armário de madeira branca, que sobe até a cornija e lotado pelos dossiês de capa cinza. Sobre o armário, pilhas de papelada e bustos em gesso bronzeado de Marat<sup>70</sup> e de Lepeletier Saint-Fargeau.<sup>71</sup> As portas abrem para um corredor que leva, à direita, para fora da cena, para uma grande janela bem visível, no prolongamento ao lado direito do cenário. Uma janela em tudo semelhante, com cortinas de seda, ocupa o terceiro plano do cenário. Do mesmo lado, entre a janela e o proscênio, um armário semelhante ao do centro. No fundo, fora da cena, o corredor se interrompe no ângulo direito e, a partir da janela, um outro corredor de frente para o espectador no eixo da porta e se perde na sombra, mal iluminado por um candeeiro. No lado esquerdo, uma porta no corredor faz face àquela que está do mesmo lado no palco: é o gabinete de Pillet. À esquerda, no palco, no primeiro plano, no vão de uma porta, uma mesa de madeira branca com pia, pote de água, jarra de toalete, sabão, toalhas. No segundo plano, uma lareira de mármore, com um espelho sobreposto sobre o qual está colado um grande cartaz da Constituição; sobre a lareira, um pêndulo, um tocheiro com três ramos um dos quais munido de uma vela que já escorreu. No terceiro plano, uma porta que abre para outro escritório. No meio da peça, uma mesa de madeira*

---

70 Jean-Paul Marat (1743-1793), médico, filósofo, teórico político, cientista, mais conhecido como jornalista radical e político da Revolução francesa. Sua persistente perseguição, através de seu jornal *L'Ami du peuple*, voz consistente de ódio aos grupos mais moderados, acusando-os de conspiração contra a revolução, o fizeram cair nas graças do povo e a principal ponte entre eles e o grupo radical dos jacobinos que chegara ao poder em Junho de 1793. Por meses liderando um movimento de derrubada do grupo dos girondinos, tornou-se uma das três figuras de destaque na França, juntamente com [Georges Danton](#) e [Maximilien Robespierre](#). Foi assassinado por Charlotte Corday, simpatizante dos girondinos, com uma punhalada numa banheira. Marat costumava citar os nomes dos “inimigos do povo” em seu jornal, convocando-os para sua execução.

71 Louis-Michel **Lepeletier, marquês de Saint-Fargeau** (1760-1793), político e jurista francês. Relator da comissão de jurisprudência criminal, em 30 de maio de 1791 apresenta um projeto de código penal no qual propõe a abolição da pena de morte, substituindo-a pela prisão. No dia 6 de outubro, a Assembleia Constituinte adota a lei penal, que interdita a tortura mas não mantém a proposta de abolição, ficando o artigo 3 com a seguinte redação: “Todo condenado [à morte] terá a cabeça cortada.” Ele afirma que aquele Código não atinge os “verdadeiros crimes”, mas apenas os “delitos factícios, criados pela superstição, a feudalidade, a fiscalidade e o despotismo”. A ausência da menção da sodomia, considerada até ali como um crime, ou qualquer outro termo designativo das relações homossexuais, funda assim a despenalização da homossexualidade na França.



*branca, com gavetas, de frente para o público; sobre essa mesa, tinteiro, penas, etc., inúmeros papéis e, à esquerda, uma trintena de dossiês numa pilha. Cadeiras e poltronas douradas, com guarnições de seda gastas, com tachas. Um escabelo de madeira branca diante do armário do fundo. Um tamborete sob a mesa do lado do público. Um outro, no segundo plano, diante do armário da direita. Uma cadeira de palha do mesmo lado no primeiro plano. Uma rica poltrona à direita da grande mesa, uma outra à esquerda entre a mesa e a chaminé. Uma cadeira no ângulo da chaminé, perto do toalete. O chapéu de Labussière está dependurado num gancho de bronze que flanqueia o espelho à esquerda. Pilhas de jornais na lareira, no tapete, sob a mesa.*

## Cena 1

Chateuil, Pierre, depois Vasselín, Bricard e Ribout.

*Quando a cortina se ergue, à esquerda,  
Pierre está sozinho em cena fazendo a toalete à esquerda.*

**CHATEUIL** *(vivamente, papéis na mão, saindo da sala de Pillet e entrando pela porta da esquerda, no fundo, que está aberta)*  
Labussière não está aí?

**PIERRE** *(sem se incomodar)*  
Não!

**CHATEUIL** *(descendo e indo se sentar na poltrona, à direita da mesa, onde deposita seu chapéu e os papéis)*  
Onde está ele, aquele imbecil?

**PIERRE**  
Na sala do cidadão Pillet.

**CHATEUIL** *(sentado e escrevendo)*  
Não! Vou sair! Vou à reunião e tenho duas palavras a dizer a ele.

**VASSELIN** *(abrindo a porta da direita, no fundo, e chamando sem entrar)*  
Eh! Labussière!...

**PIERRE** e **CHATEUIL** *(juntos)*  
Ausente! *(Vê-se no corredor, no fundo, Jumelot e Bricard descerem e seguem pelo corredor até à porta da esquerda, onde param)*

**VASSELIN** *(na soleira)*

Ora! Aquele imbecil, onde é que ele está?

**CHATEUIL** *(escrevendo sempre)*

Entra aí!

**VASSELIN** *(descendo)*

É que eu vou para a reunião...

**CHATEUIL** *(escrevendo)*

Eu também vou. Vamos juntos, então.

**BRICARD** *(no fundo, na soleira, com Jamelot)*

Vocês aí, digam, vocês vão à reunião da Convenção?

**CHATEUIL e VASSELIN**

Sim!

**BRICARD**

Pois bem, a caminho, então!

**CHATEUIL**

Temos tempo ainda.

**BRICARD**

Temos não, já deve estar começando!

**CHATEUIL**

Ah! Tem a ata anterior, os assuntos correntes, la la la!... Entra aí!

**BRICARD**

Vamos ficar sem lugares.

**CHATEUIL**

Vamos não! Courvol me prometeu guardar lugar.

**BRICARD**

No corredor?

**CHATEUIL** *(escrevendo sempre)*

Atrás dos deputados. Um segundo e já nos mandamos.

**BRICARD** (*entrando com Jumelot; desde ao longo da mesa colocando o chapéu à esquerda da porta, enquanto Vasselín pousa o seu na lareira, depois desce e se senta na poltrona à esquerda*)

Bom assim! Porque, nas tribunas...

**PIERRE**

Essas aí foram presas de assalto às cinco horas da manhã.

**CHATEUIL, BRICARD, VASSELIN**

Às cinco horas?

**PIERRE**

E precisava ver aquelas irmãzinhas com suas provisões! Às oito horas era já um cheiro maldito de salsichão com alho... (*vai até à janela e olha para fora; Bricard pega um jornal sobre a mesa e se senta para ler*)

**VASSELIN** (*sentado à direita, na cadeira perto dos dossiês, após ter pousado seu chapéu sobre o tamborete*)

Oh! Meus concidadãos! Vai ser quente o tempo na reunião hoje!

**CHATEUIL** (*escrevendo sempre*)

Sim... Robespierre lutando com o Comitê de Salvação Pública!...

**VASSELIN**

Deixa estar, amanhã a gente conta as cabeças...

**BRICARD**

Eu aposto no nosso grande homem! Ele fez sucesso ontem nos Jacobinos!...

**CHATEUIL**

Você esteve lá?

**VASSELIN**

E não! Robespierre é o ídolo desse aí!

**BRICARD**

Aquele Collot d'Herbois<sup>72</sup> e aquele Billaud-Varennes<sup>73</sup> tentaram replicar... quase

---

72 Jean-Marie Collot, dito **Collot d'Herbois** ou simplesmente **d'Herbois** (1749 -1796), foi um ator, dramaturgo, diretor de teatro, político e revolucionário francês, deputado *montagnard* de Paris na Convenção Nacional e membro do Comitê de Salvação Pública.

73 Jacques-Nicolas Billaud puis **Billaud-Varennes** (1756-1819) foi advogado, deputado *montagnard* na Convenção Nacional e membro do Comitê de Salvação Pública. Aliado a

foram retalhados!

**CHATEUIL** (*Deixando os papéis sobre a mesa, empurrando suavemente sua poltrona para trás de si e baixando a voz*)

E eu, eu vi o que veio depois!...

## TODOS

*Você? (Bricard desce à esquerda da mesa, Pierre desce atrás de Chateuil, Jumelot vai se sentar no tamborete diante da mesa, Vasselin aproxima de Chateuil a cadeira na qual se põe a cavalo)*

## CHATEUIL

Com esses meus olhos! Na hora de entrar em minha casa, constatei que tinha esquecido minha chave no escritório. Vim aqui pegá-la por volta das onze e meia, meia noite. A porta do Comitê, no corredor, estava aberta para ventilar numa corrente de ar e então vi, sentado à grande mesa do centro Robert Lindet,<sup>74</sup> Prieur<sup>75</sup> e Carnot,<sup>76</sup> trabalhando. Saint-Just escrevendo na frente deles, do outro lado da mesa. De repente a outra porta que dá para a escada se abriu violentamente, Billaud e Collot entram exasperados. “E então, disse Saint-Just num tom astuto, sabem qual a novidade dos Jacobinos?... Collot deu um pulo e ele, cerrando o punho: “Louco! É nossa acusação que está escrevendo aí?...” Saint-

---

d’Herbois, preparou a possível queda do “Tirano” na Convenção no 8 Termidor. À noite, nos Jacobinos, ambos são violentamente expulsos da tribuna e do clube pelos membros robespierristas. No dia seguinte, 9 Termidor, ele toma a palavra na tribuna depois de Saint-Just ter sido interrompido por Tallien. Ataca Robespierre como aspirante à ditadura, denuncia seus cúmplices e pede sua eliminação: “Não creio que exista aqui um só representante que queira viver debaixo de um tirano.” Mais tarde, após a insurreição da Comuna em favor dos robespierristas, orienta tomada de medidas para se organizar a defesa da Convenção. Foi, assim, um dos maiores agentes da queda do Incorruptível, que finalmente foi guilhotinado no dia seguinte, 10 Termidor (28 de julho de 1794).

74 Jean-Baptiste **Robert Lindet** (1746-1825) foi um revolucionário e político francês. Eleito em 1791 representante do povo na Assembleia Legislativa, reeleito em 1792 para a Convenção Nacional, foi designado em 1793 relator do projeto para criação do tribunal revolucionário. No mesmo ano, nomeado para o Comitê de Salvação Pública, ocupando-se das finanças, da manutenção e da correspondência. Nomeado em julho 1799 Ministro das Finanças, abandona a vida política após o golpe de Estado de 18 Brumário, que critica, e retoma a advocacia. Condenado ao exílio em 1816, voltará a Paris até sua morte.

75 Jean-Louis **Prieur** (1759-1795), pintor e desenhista francês. Membro da seção Faubourg-Poissonnière, foi julgado no tribunal revolucionário em setembro 1793 após a insurreição de 12 Germinal Ano III (um levante de *sans-culottes* em Paris), foi executado por Fouquier-Tinville.

76 **Lazare Carnot** (1753-1823) foi chefe das operações militares gerais no Comitê. A partir de maio 1794, tiveram início as dissensões na cúpula do CSN entre Carnot, Saint-Just e Robespierre, todos igualmente autoritários e de temperamento indócil. Carnot, basicamente um conservador, não aprovava os ideais igualitários da política social de Robespierre e seus seguidores. Se ele não representou um papel decisivo durante o golpe do 9 Termidor Ano II (27 julho 1794), que derrotou Robespierre e marcou o fim do Reino do Terror, Carnot deve ter pelo menos aprovado sua queda.

Just se recompôs friamente e replicou: “ Pode ser!...” Lá no fundo, uma explosão de gritos, xingamentos. Mas alguém fechou a porta, não entendi mais nada e me esquivei. *(ele se levanta e ganha o alto da mesa, à direita)*

**PIERRE**

Adivinhe o que vai acontecer depois!... *(sai pela direita. Jumelot se levanta, Bricard joga o jornal sobre a mesa)*

**BRICARD** *(esfregando as mãos)*

A vitória do Incorruptível!

**VASSELIN** *(olhando a hora em seu relógio e recolocando sua cadeira no armário)*

Ah! E aquele idiota do Labussière que não chega!

**PIERRE**

Esse abu...

**CHATEUIL** *(colocando o que escreveu debaixo de um peso de papel)*

Falando de outro modo: “Essa abusada”!<sup>77</sup>

**VASSELIN** *(indo para a poltrona perto de Chateuil)*

Ele é mesmo tão burro quanto parece?

**TODOS** *(surpresos)*

Oh!

**VASSELIN** *(à meia voz, inclinado, mãos sobre a mesa; todos ouvem inclinados e Jamelot com um joelho no tamborete)*

Oh! Ele tem um olho muito bom! Não se consegue encontrar os dossiês dos atores franceses. Eu apostaria que é esse pateta aí que dá um sumiço neles.

**CHATEUIL** *(à meia voz)*

Que ideia!

**VASSELIN** *(à meia voz, em confidência)*

Fouquier já pediu aqueles dossiês três vezes, ficou muito puto de raiva e mandou ontem pro Comitê de Segurança uma carta fulminante contra a desordem dos escritórios, disse ele, “povoados de aristocratas”! *(protestos e movimento de todos)*

---

77 No original **La Buse** (“espécie de coruja; imbecil), trocadilho no feminino com **Labussière**.

**BRICARD**

Nós!

**CHATEUIL**

Aquele animal ainda vai nos levar para a guilhotina.

**RIBOUT** *(entra vivamente pela porta do fundo, à direita, e desce, depositando papéis sobre a mesa, entre Vasselín e Chateuil)*

O Robespierre?... Pode contar com isso!

**CHATEUIL** *(vivamente, assustado)*

Ah! mas não!... não ele. Eu não o chamaria de animal.

**RIBOUT**

Feroz!... Por que não? *(movimento de estupor. Jumelot vai vivamente até Ribout para fazê-lo se calar)*

**BRICARD** *(estupefato, recuando para a esquerda)*

O grande cidadão! O puro dos puros! O pai do povo!

**RIBOUT**

Como Ugolin!<sup>78</sup> Ele come suas crianças! *(segundo movimento mais acentuado de surpresa e inquietação)*

**CHATEUIL** *(assustado, procurando acalmar Ribout)*

Você é doido!

**VASSELIN** *(à meia voz, diante da mesa)*

Mas se cale, agora!

**RIBOUT**

Por quê? Porque Bricard está aqui nos espionando!...

**BRICARD** *(amedrontado)*

Eu?

---

78 **Ugolino:** personagem de narrativa italiana do século XIII, o Conde Ugolino della Gherardesca foi acusado pelo arcebispo Ruggiero degli Ubaldini de ter traído a sua cidade natal. Ugolino, filhos e netos foram presos na Torre, onde todos morreram de fome. Antes de morrer, Ugolino teria se alimentado da carne dos próprios filhos, como narra o Canto 33 do Inferno da *Divina Comédia* de Dante.

### **RIBOUT**

Você! *(atira-se sobre Bricard que se esconde atrás da poltrona à esquerda e joga no chão a cadeira perto da lareira)* – Mas eu estaria muito errado em me envergonhar agora. Meu tio Lecointre me avisou esta manhã que eu estava com ele na lista do tirano!... *(Bricard desce vivamente e ganha a direita, diante da mesa, seguido por Ribout que Jumelot e Vasselín se esforçam em segurar e que continua a vociferar)* por zombarmos de seus ares de imperador e papa, na festa do Ser Supremo... e também do sacristão Couthon, que carregava a escova de garrafas atrás dele... e também do menino do coro Saint-Just, que leva o incensador. *(carrega atrás de si Chateuil e Jumelot, atrás de Bricard, que se atira pela porta do fundo, à direita, no corredor)*

### **CHATEUIL, VASSELIN, JUMELOT**

Oh! Ribout! Ribout!

### **RIBOUT** *(fora de si, sempre contido)*

Ora, tô cagando pro Maximilien e suas mosquinhas enxeridas, a gente vai mesmo quebrar o lombo de todos eles... Vou estar lá e descer o pau! *(enquanto fala, Bricard reaparece na porta do fundo, esquerda, com seu chapéu, postado à poltrona perto da porta, e foge. Ribout se libera com um movimento do ombro e o persegue, quando um funcionário do Comitê acorre pela porta direitas, vindo do fundo e grita na soleira)*

### **FUNCIONÁRIO**

Venham vocês aí, Saint-Just já está na tribuna. *(corre no corredor e desaparece à esquerda)*

### **RIBOUT**

Vamos começar com aquilo lá!... *(atira-se para fora pela porta da esquerda e desaparece; Chateuil, Vasselín e Jumelot se entreolham terrificados)*

### **CHATEUIL**

Ele está perdido! Vocês são minhas testemunhas de que não aprovei o que ele disse. *(os três apanham seus chapéus)*

### **VASSELIN, JUMELOT**

Nem eu também.

### **VASSELIN**

A Abusada não vem mais: vamos sumir! *(vão sair pela esquerda no momento em que Labussière entra)*

## Cena 2

Os mesmos, Labussière

*Ele chega do fundo pela direita e, durante toda a cena, conserva um ar confuso e ligeiramente gaguejante; está de óculos)*

**CHATEUIL** *(parado na soleira, à esquerda, com os dois outros)*

Ah! olha ele aí! Eh! Chegando tarde, o mandrião!

**LABUSSIÈRE**

O que? Quem? O que é que foi?

**VASSELIN** *(imitando-o)*

O que? Quem? O que é que foi? A gente tem tempo não... Não vai à sessão, não é?

**LABUSSIÈRE**

Que sessão?

**TODOS**

Da Convenção!

**LABUSSIÈRE**

Ah! Sim!...

**TODOS** *(surpresos)*

Sim?...

**LABUSSIÈRE**

Não! *(desce para a poltrona, à direita da mesa)*

**VASSELIN**

Lógico!

**CHATEUIL**

Naturalmente!

**LABUSSIÈRE**

Para fazer o quê? *(aproxima a poltrona da mesa sobre a qual deposita seus papéis e se senta)*

**CHATEUIL**

Vamos ficar bem sem você...



**TODOS**

Sim!

**CHATEUIL**

Mas vamos todos para lá.

**VASSELIN**

Cuide bem dos escritórios.

**LABUSSIÈRE**

Dos escri... tórios!

**CHATEUIL**

E despache minha correspondência às duas horas. Deixei um bilhete para você.  
*(aponta para a mesa)*

**LABUSSIÈRE**

Um bi...bilhete. Bom!

**VASSELIN** *(colocando uma chave na ponta da mesa, à esquerda)*

E guarde minha chave!

**LABUSSIÈRE**

A ch...chave". Certo.

**CHATEUIL**

Escrevi na minha porta com giz: "procurar na sala em frente". Você atende para mim. *(ganha a porta)*

**LABUSSIÈRE**

Por você... Certo!

**CHATEUIL**

Em troca, traremos as novidades para você!

**LABUSSIÈRE**

Por mim, tudo bem!

**VASSELIN**

Que idiota!

**CHATEUIL**

Vamos! Pé na estrada! *(saem correndo)*

**PIERRE** *(entra pela direita com duas garrafas de cerveja e dois copos, que coloca sobre a mesa)*

Cidadão, também vou para lá! Aqui estão as cervejas que você me pediu.

**LABUSSIÈRE**

A cerveja... bom! *(Pierre se atira para fora pela esquerda, no momento em que Martial surge no fundo do corredor à direita, descendo direto na sua direção)*

## Cena 3

Labussière, Martial

**MARTIAL** *(no corredor, de longe, para Pierre, que se distancia, sem ver Labussière)*  
Perdão, o cidadão Labussière?

**PIERRE** *(salvando-se)*

Labussière... Desconheço hein! *(desaparece)*

**LABUSSIÈRE** *(que se levanta colocando os óculos sobre a mesa)*

É aqui, Martial! Entre! Entre!... *(vai fechar a porta da esquerda, depois a da direita)*

**MARTIAL**

Estou atrasado, mas não foi fácil encontrar você nesses corredores mal iluminados por tocheiros, e ali não vi ninguém que pudesse me informar. *(desce à direita e coloca seu chapéu sobre a cadeira)*

**LABUSSIÈRE** *(subindo para ele)*

Sim, foram todos para a sessão. E então?

**MARTIAL** *(gaiatamente)*

E então, meu bom Labussière, está feito!

**LABUSSIÈRE** *(alegre)*

Ela consentiu?

**MARTIAL**

Consentiu.

**LABUSSIÈRE**

Eu lhe disse!...

**MARTIAL**

A reserva dela, sua frieza... tudo se explica!... acreditando-me morto, ela havia pronunciado seus votos.

**LABUSSIÈRE**

Ah!

**MARTIAL**

Também, não triunfei sem combate!... Mas finalmente ela é minha, meu amigo... e tão devotada, tão terna, tão...

**LABUSSIÈRE** (*interrompendo*)

Sim, sim, e você vai embora!... É importante!... Tenho suas passagens... E o cidadão Carnot?

**MARTIAL**

Ele fica por aqui!

**LABUSSIÈRE**

O passaporte?

**MARTIAL**

Aqui!

**LABUSSIÈRE** (*após ter examinado o passaporte em silêncio*)

Perfeito! (*devolve-o*) Já mandei o Lupin para a rua Beautreillis para entregar nosso jantar. Mas ele não deve demorar. Estou à espera dele, não posso me afastar antes da entrega desses dossiês ao meirinho do escritório de polícia, Marteau, que vem pegá-los a qualquer momento. (*passa diante da mesa e dá um tapinha nos dossiês depositados na esquerda*) Agora, vamos à cerveja, refresque-se... (*verte uma cerveja num copo*) enquanto termino minha medonha tarefa. (*sobe e se dirige à escada que rola diante do armário*)

**MARTIAL** (*após pegar novamente seu chapéu, olhando ao redor e passando diante da mesa*)

Ah! Sim. Esses aí são os dossiês de todos aqueles infelizes?

**LABUSSIÈRE**

Meus registros mortuários!... E aquela sala (*aponta a sala à esquerda, terceiro plano*) que ainda está cheia. (*ele abre a porta*) Aqui era a antiga sala da linge-rie da Maria Antonieta!...

**MARTIAL** *(olhando a peça)*

Meu Bom Deus! Tudo isso cheio de calcinha? E quantas salas tem?

**LABUSSIÈRE** *(fecha a porta e volta à escada, enquanto Martial coloca seu chapéu no canto da lareira)*

Centenas!... detentos e detentas. Você deve pensar que meu primeiro cuidado foi procurar entre esses dossiês o de Fabienne, encontrei três no nome Coûteux ou Lecoulteux. *(indica o arquivo à direita do palco)* Mas não o dela.

**MARTIAL** *(com alegria, indo à mesa)*

Ah!

**LABUSSIÈRE**

O que não deixa de ser tranquilizador. *(pega uma lista sobre a mesa e sobe na escada durante o que segue, procura nas caixas do fundo, falando sempre, os dossiês listados, que ele coloca sobre os que já estão na mesa)*

**MARTIAL** *(após pegar o copo de cerveja, olhando o último dossiê colocado sobre a pilha, sempre bebendo)*

Esses carimbos são de onde vieram?

**LABUSSIÈRE**

São da Comissão Popular e do Comitê de Segurança Geral.

**MARTIAL** *(na mesma)*

E esses memorandos?

**LABUSSIÈRE** *(indo e vindo, deslocando a escada para subir e fazer suas buscas)*

As conclusões do Comitê, o envio ao tribunal.

**MARTIAL**

E todos condenados de antemão?

**LABUSSIÈRE** – Ou quase todos. E, se você quiser saber por quais crimes, leia a nota escrita na capa. *(continua suas buscas)*

**MARTIAL** *(depositando seu copo e lendo a cobertura do dossiê)* Auberval Alexandre, setenta anos. Agora barão e marechal de campo. Intrigante; cem mil libras de renda. Acusa os sans-culottes de abandonar sua classe para se misturar na política." E por isso?...

**LABUSSIÈRE** *(que durante a leitura desceu da escada, que empurrou para a esquerda e jogando um dossiê sobre a mesa)*

Sim!... E esse aqui.

**MARTIAL** *(ganhando a direita, ao lado da mesa, para pegar o dossiê que Labussièrre depositou e lendo)*

Mauprou, Jean-Baptiste, comerciante; quarenta e seis anos. Negociantismo, aristocrata implacável, não acredita nos benefícios da Revolução, só frequenta pessoas certas! É tudo ?...

**LABUSSIÈRE** *(na escada, estendendo um dossiê para Martial)*

É demais isso! Quanto a este aqui... uma merceeira...

**MARTIAL** *(pegando o dossiê e lendo, enquanto Labussièrre desce da escada com dossiês)*

“Trinta e dois anos. Fanática!... Guardou moedas com a efígie do último tirano...”

**LABUSSIÈRE** *(repousando os dossiês sobre a pilha)*

E, por todos esses “crimes”, vão ser executados depois de amanhã; porque amanhã, décimo dia desta década de Termidor do calendário republicano, o cadafalso não funciona, a menos que hoje sejam salvos.

**MARTIAL** *(vivamente, indo na direção dele ao redor da mesa)*

Ah! Como?

**LABUSSIÈRE**

Carnot não te disse nada?

**MARTIAL**

Nada! Foram procurá-lo com muita pressa para ir para a sessão... *(Labussièrre tira o casaco e o coloca sobre a poltrona, desabotoa e dobra as mangas de sua camisa e vai à toailete para lavar as mãos)* Ele só pôde me dizer apertando minhas mãos: “Vai defender a República enquanto tratamos aqui de salvá-la.”

**LABUSSIÈRE** *(ele pega a jarra, verte a água na bacia, pousa a jarra e começa a lavar o rosto com a toalha e a lavar as mãos falando)*

Queira Deus! E por sua própria salvação; porque Robespierre não é homem de esquecer que Carnot o pegou um dia pela garganta, tratando-o de déspota ridículo, e que acabou de enviar à Bélgica três quartos de canhoneiros parisienses, todos dedicados à ditadura do Inocorrúptível.

**MARTIAL** *(escutando-o, sentado à borda da mesa)*

Sua ditadura!...

## LABUSSIÈRE

Claro!... Agora que ele ceifou tudo o que o separa dele: girondinos, dantonistas, hebertistas, republicanos, democratas, demagogos... e que ele mantém a Convenção curvada de terror, ele só tem que vencer um obstáculo: o Comitê de Salvação Pública. Então ele tentou virar!... Há um mês, sua alma maldita, o apocalíptico Saint-Just, veio propor aos dois comitês republicanos a criação de uma magistratura suprema, onipotente, que seria naturalmente referida a Robespierre, que se dignou a aceitá-la por devoção. Os comitês gritaram alto. Vencido pelo voto e furioso por ter se desmascarado tão mal, ele prometeu acabar rapidamente com aqueles “perversos, como os chama, que não querem ter feito 89 em proveito de um Maximilien qualquer. *(joga a toalha sobre a toalete, depois reabotoa suas mangas)* Donde sua escaramuça ontem contra o Comitê e hoje a batalha feroz que vai decidir a sorte de vinte milhões de homens, incluindo o nosso. *(esvazia a bacia no balde)*

## MARTIAL

É por isso que, há seis semanas, me disseram, ele não é visto no Comitê?

**LABUSSIÈRE** *(volta para a mesa, serve-se de água para beber e bebe, enquanto Martial se senta no tamborete diante da mesa)*

Ah! Ele não precisa aparecer lá. Através dos seus agentes, de longe, ele conduz tudo. A delegacia de polícia geral chefiada por Herman, sua criatura, que coloca nas mãos dele o sistema policial e judiciário por completo: júri, acusador público; tudo aquilo que mata! Toda manhã os presidentes do tribunal, Dumas e Coffinhal,<sup>79</sup> vão para sua casa para ouvir suas ordens. E as listas de proscricção que ele não assina, é ele quem as dita. *(esvazia seu copo, que pousa na mesa)*

## MARTIAL

E você acredita possível o sucesso de um homem como esse?

**LABUSSIÈRE** *(recolocando o casaco)*

Ah! a imbecilidade humana!

**MARTIAL** *(de pé)*

Mas, é assustador!

**LABUSSIÈRE** *(indo para perto dele)*

Ah! meu bom Martial, enquanto estamos sozinhos, nesses escritórios desertos, que tragédia se representa ali, no antigo teatro do Palácio!... *(ele se senta no*

---

79 Presidente e Vice-presidente do Tribunal: René-François **Dumas** (1753-1794) e Pierre-André **Coffinhal**- Dubail, dito Jean-Baptiste Coffinhal (1762-1794).

*tamborete deixado livre por Martial e limpando suas unhas com um raspador que pegou sobre a mesa)* Eu vi a sala antes do espetáculo. As tribunas estavam cheias de gente, toda a bancada da cabala robespierriste, devotos e devotas, fofoqueiros e dedos-duros, reunidos para aclamar seu ator favorito e cobrir de vaias toda voz que se elevasse contra ele. Os deputados chegavam insultados, ameaçados e tomavam seu lugar nos bancos, em pequenos grupos, ansiosos, cabeça baixa, se falando baixinho, sabendo que iam jogar o jogo supremo. A peça começa. Numa longa aclamação do auditório, o glacial Saint-Just sobe à tribuna, impassível, à maneira de um coro antigo, expondo o argumento do drama, que vai desenrolar suas peripécias desconhecidas, até o desfecho, feliz ou fatal, que ninguém consegue prever!... E, naquela sala super abafada, onde todas as testas destilam um suor que azeda o ar, todos os espíritos super excitados pela tempestade, uma outra tempestade humana se prepara, que logo explodirá, fulminando golpe a golpe muitas cabeças... mas quais delas? *(atira o raspador sobre a mesa)*

### MARTIAL

Ah! meu bom Deus! De que depende o destino de um povo? Mas o que é preciso para abater esse tirano?

### LABUSSIÈRE

Só um homem de coração que ouse dizer à tribuna aquela palavra que cada um tem nos lábios, e é feito de Sylla<sup>80</sup> e de suas prescrições; pois, por sua abominável lei de Prairial, o massacre permanente, sistemático, a frio, do Terror, é ele! Se ele cair, o cadafalso desmorona! Nas prisões, nas ruas, Paris, a França inteira, é um clamor de liberdade. A indignação, comprimida pelo medo, explode tão violenta que se os terroristas dos comitês: se Barrère,<sup>81</sup> Collot e Billaud,

---

80 Sylla: [Escolhos](#) perigosos localizados no [Estreito de Messina](#), ou seja, dois grandes perigos para a navegação, muito próximos um do outro, Cila é um rochedo e Caríbdis (ou Caribdes) é um redemoinho, um sorvedouro. Cila era um monstro marinho que devorou seis dos companheiros de Ulisses; Caríbdis, filha da Terra e de [Poseidon](#), foi fulminada por Zeus e lançada no mar, transformando-a em monstro que tudo devorava. Ultrapassar Cila e Caríbdis simboliza a coragem para ultrapassar qualquer dificuldade. Na [Odisseia](#), de [Homero](#), Ulisses só consegue retornar a Ítaca depois de passar Cila e Caríbdis.

81 Bertrand **Barère**, dito Barère de Vieuzac (1755-1841), político da Revolução francesa e jurista. Advogado sulista, eleito para a Constituinte e depois para a Convenção, onde era uma das cabeças políticas da *Plaine* (Planície), a maioria dos deputados, antes de se ligar – como ela, até o 9 Termidor – à *Montagne* (Montanha), conduzida por Robespierre, Barère é um dos oradores mais importantes da Revolução: o enunciado de suas moções e seus relatórios ocupam mais de 12 colunas do MONITEUR, contra 8 para Robespierre e 2 para Danton. Relator titular do CSP (onde detém o *record* de longevidade, 17 meses), seus discursos lhe valem um sucesso prodigioso na Convenção: é o aedo dos soldados do Ano II com suas *carmagnoles* e propicia uma face afável, com sua verve, para as medidas terroristas do governo revolucionário, donde a alcunha de “Anacreonte da guilhotina” que foi dado por um de seus pares da Convenção.

quisessem manter o carrasco, ele só trabalharia às suas custas. E tenha ela ou não consciência disso, não é contra Robespierre que a Convenção se bate neste momento, é contra o cadafalso!

## Cena 4

Os mesmos, Lupin, entrando vivamente pelo fundo à direita

**LABUSSIÈRE** *(de pé, indo até ele)*  
Ah! finalmente! O que me diz?

**LUPIN**  
Ah! cidadãos!

**MARTIAL** *(vivamente, inquieto, acorrendo)*  
O que, O que houve?

**LABUSSIÈRE** *(do mesmo modo)*  
Vamos, fale!

**LUPIN**  
Creio que há um desastre...

**LABUSSIÈRE E MARTIAL**  
Um desastre?

**LUPIN** *(estendendo-lhe uma carta)*  
Esta carta da senhora Bérillon...

**LABUSSIÈRE**  
Eh! Me dá essa carta!... *(abre vivamente a carta e lê)* “Presas”.

**MARTIAL**  
Fabienne?

**LABUSSIÈRE** *(estendendo-lhe a carta; para Lupin)*  
Para onde a levaram?

**LUPIN**  
Não se sabe de nada.

**MARTIAL**  
Mas é preciso saber, e depressa! *(prepara-se para sair)*



**LABUSSIÈRE** (*segurando-o*)

Vejamos! Não podemos perder a cabeça. Vamos saber onde ela está.

**MARTIAL**

Ah! meu Deus! Presa... e eu não estava lá!

**LABUSSIÈRE**

Vamos!... tenha calma!... eu lhe peço! Veremos com o tempo, vamos agir!... mas não há nada a fazer neste momento! Tudo depende do que acontece ali. (*para Lupin, que se dirigiu para a esquerda do palco*) Corra à Convenção e nos traga notícias.

**LUPIN** (*correndo para a porta do fundo, à esquerda*)

Sim, chefe!

**LABUSSIÈRE**

Volte depressa! (*Lupin sai*)

**LUPIN** (*já fora*)

Num instante.

**MARTIAL**

Que fatalidade!... Nós íamos embora!... Ela escaparia a todo perigo!... (*passa vivamente para a esquerda para pegar seu chapéu na lareira*)

## Cena 5

Martial, Labussière

**LABUSSIÈRE** (*parando Martial, perto da poltrona*)

Senta, eu lhe peço! E acalme essa febre. Não há perigo imediato, ela foi levada para alguma prisão, provavelmente para a Force.<sup>82</sup> Mas ainda restam meses in-

---

82 Prison de la Force: um *hôtel particulier* que serviu de prisão em Paris, no Marais, entre os anos 1780 e 1845. Durante o Ancien Régime foi uma prisão modelo, metade para os homens e metade para as mulheres. As cartas-patentes atestam uma vontade do poder de melhorar a situação completamente deplorável dos prisioneiros, introduzindo 'mais comodidade e salubridade'. Em 14 de julho os parisienses libertaram os prisioneiros por dívidas; a Force se esvaziou dos prisioneiros encarcerados pelo arbítrio do poder. Os registros de polícia a partir de 1790 indicam que ali se prendia principalmente por roubo, perturbação da ordem pública, vagabundagem, mendicância e prostituição, mas em 1791 ali se encontrava também Claude Nicolas Ledoux, arquiteto da Ferme Générale [companhia privada criada em 1726 para gerir a cobrança dos impostos indiretos], abolida em 1790, tornada símbolo da opressão fiscal do Ancien Régime. As coisas mudaram radicalmente a partir da jornada de 10 de agosto: ela se

teiros! Ela nem tem dossiê ainda. Nada a temer por hoje. Amanhã é feriado – o tribunal folga – na pior das previsões, são quarenta e oito horas de trégua! E, em quarenta e oito horas...

**MARTIAL**

Que seja! Mas o que estamos esperando aqui, em vez de irmos nós mesmos?...

**LABUSSIÈRE**

Lá na sessão?

**MARTIAL**

Eu vou lá gritar esse grito de raiva que todo o mundo espera!

**LABUSSIÈRE**

É bem isso que eu temo; você vai lá, grita, nos prendem e Fabienne fica privada de qualquer socorro. *(Marteau aparece no fundo, à direita, pela porta que Lupin deixou aberta quando entrou)*

**MARTIAL**

Aí vem!...

**LABUSSIÈRE** *(vivamente)*

É Marteau, que veio pegar os processos. *(Volta para a mesa e parece ocupado com sua papelada)*

## Cena 6

Os mesmos, Marteau, e os *sans-culottes*: Carmagnole, Bonnet e Gourdin, um dossiê na mão, cachimbo na boca.

**MARTEAU** *(entra pelo fundo à direita e fecha a porta após entrar, desce até Labussière e chama sua atenção batendo amigavelmente no seu braço com o cassetete)*

Bom dia, embaralhado! Você, pelo menos, está no seu posto.

---

tornou um lugar de detenção política para onde eram levados os acusados e os suspeitos de oposição ao governo que aguardavam seus processos. Ela foi um dos palcos mais ativos nos massacres de setembro de 1792. Em 6 de junho de 1793 eram 354 os homens ali presos e 129 as mulheres. Em 1 de agosto eram respectivamente 329 e 142. A situação evoluiu com a votação da 'Lei dos suspeitos', de 17 de setembro. As prisões se multiplicaram, obrigando à abertura de novos lugares de detenção provisória. O afluxo de detidos desenvolveu uma economia lucrativa nas prisões parisienses: uma testemunha afirma que, na Force, os prisioneiros que ocupavam os quartos com 8 lugares pagavam 22 libras por mês por esse privilégio.

**LABUSSIÈRE** *(retomando seu ar abobado e a gagueira da primeira cena)*  
Os outros estão na sessão. *(Marteau percebe Martial encostado à lareira, passa ao largo de Labussière e bate no ombro dele com o dossiê que tem na mão apontando Martial)* Um de meus amigos!

**MARTEAU** *(olhando Martial imóvel)*  
E dos amigos de Carnot!... Eu conheço esse aí. Era melhor ele ir ver Robespierre trabalhar quando o chefe dele não vê. *(coloca seu cassetete na poltrona e se vira para Labussière)* Você tem os dossiês para depois de amanhã?

**LABUSSIÈRE** *(indicando a pilha ao recolocar seus óculos)*  
Estão aí! E me deu uma pena, é uma bagunça... Em todas essas pilhas!

**MARTEAU** *(à esquerda da mesa, tira seu boné, colocando-o na poltrona e enxuga a testa)*  
Lá vai ficar tudo claro! As prisões estão muito cheias, nós vamos deixá-las vazias. *(limpa o cachimbo com um estilete e esvazia a cinza sobre a mesa)* Hoje, Fouquier pediu sete carroças; com seis cabeças por veículo, dá quarenta e duas. Na próxima semana, vamos chegar na centena. Não misture este dossiê com os outros e o coloque em cima da pilha. *(pousa o dossiê que trouxe consigo)*

**LABUSSIÈRE** *(sentado à direita, em sua poltrona)*  
O que é esse dossiê?

**MARTEAU** *(perto da mesa, servindo cerveja no copo de Martial)*  
Um dossiê suplementar para hoje que o Héron acabou de preparar às pressas... E foi recomendado esse aí! Um caso particular que acabou de ser preso... *(movimento de Labussière e Martial)* e que recentemente o quis assassinar! *(ele surpreende o movimento e para no momento de beber)*

**LABUSSIÈRE** *(com um tom de indiferença)*  
Ah!

**MARTEAU** *(bebendo)*  
Isso lhe interessa?

**LABUSSIÈRE** *(reassumindo seu ar abobado)*  
Eu? Oh! De modo algum!

**MARTEAU** *(ele enche seu cachimbo e o acende)*  
Héron quer que façamos seu negócio hoje. Amanhã o cadafalso descansa! Ela está na Conciergerie, pronta para estar às cinco horas na carroça nacional. É o que tenho para lhe dizer no momento. *(olhando a hora no seu relógio)* A audi-

ência no tribunal é só às quatro horas, tenho tempo de dar uma olhada na sessão. *(pega seu boné e o cassetete)* Volto em meia hora para verificar e expedir os dossiês para Fouquier antes da sessão. E trate de fazer que a conta esteja lá, ou a sua é que vai ser paga! *(dá uma batidinha na pilha com seu cassetete)*

**LABUSSIÈRE**

Vão me prender?

MARTEAU *(cassetete sob o braço, acende novamente seu cachimbo)*  
Conte com isso! Fouquier me disse ontem: “Aquele idiota lá me irrita! No primeiro dossiê que faltar, pode preparar o dele!”

**LABUSSIÈRE**

Mas não é minha culpa. Tem centenas aí... e numa desordem!...

MARTEAU *(imitando a gagueira de Labussière)*  
Se vire! Você está avisado! Não colocou em ordem ainda por quê? *(abre a porta da esquerda com um golpe de cassetete; para Martial)* Espero que possamos acabar com esses raivosinhos moderados! *(sai resmungando pela esquerda)*

## Cena 7

Labussière, Martial

*Assim que Marteau sai, Martial corre para fechar a porta do fundo à esquerda; Labussière fecha a do fundo da direita; aproximam-se vivamente da mesa. Labussière pega o dossiê deixado por Marteau, abre-o precipitadamente e cai sentado sobre o tamborete perto da mesa; Martial chegou perto dele e de pé, inclinado, olha)*

**MARTIAL**

Ah! Deus misericordioso! Tudo está contra nós.

**LABUSSIÈRE** *(olhando os dossiês)* É bem isso! É bem o que ele disse! É tudo uma acusação daquele miserável Héron! *(eles acreditam ouvir alguém chegando e lançam um olhar para a porta do fundo esquerda)* Duas páginas!... *(continua lendo)* Ela quis assassiná-lo!... Uma fanática!... Charlotte Corday,<sup>83</sup> Cécile

---

83 Marie-Anne **Charlotte Corday** d'Harmont era natural de Saint-Saturnin-des-Lignerles, na Normandia, descendente de uma família da aristocracia local, 27 de julho de 1768, guilhotinada em Paris 17 de julho de 1793. Entrou para a história ao assassinar, de maneira premeditada, um dos mais importantes defensores da Revolução francesa, [Jean-Paul Marat](#), instaurada na França

Renault,<sup>84</sup> naturalmente!... *(vira uma página)* E com testemunhas! *(Martial lhe faz um sinal para abaixar a voz, mais baixo)* Ele tem testemunhas: Mallet, seu doméstico e seus subespões: Coulangeon, Guesneau, Duchesne... que viram a acusada fugir depois de jogar seu punhal na escada!

**MARTIAL**

Oh! Bandidos!...

**LABUSSIÈRE**

E tem tanto medo que sua presa lhe escape amanhã que insiste numa condenação de urgência, imediata. *(coloca o dossiê sobre a mesa)* Direto para o tribunal, logo ela vai ser morta!

**MARTIAL** *(pausa; depois, tocando as peças do dossiê)*

Mas aquelas peças destruídas por você, como as outras?

**LABUSSIÈRE**

Você não entendeu? Ele vai voltar e conferir a lista. Verificar!... E se não o encontrar?

**MARTIAL**

Você estará perdido!

**LABUSSIÈRE**

Comigo, tudo bem! Eu não espero e me salvo! Mas depois? Marteau vai ver claramente que o dossiê que vai estar faltando será o de Fabienne. E, avisado a tempo, Héron corre para o tribunal, informa o roubo, depõe contra ela. Aí ela com toda certeza vai ser condenada!...

**MARTIAL**

Então, suprimimos sua acusação, os documentos anexos, o papel em branco

---

pelos jacobinos de quem ele era um dos principais instigadores. Após duas tentativas frustradas, às vésperas do 4º aniversário da [Tomada da Bastilha](#), mais precisamente sábado a noite, 13 de julho, Corday bate à porta de número 30 da rue des Cordeliers (atualmente 22 rue de l'École de Médecine), residência de [Jean-Paul Marat](#), Deputado da Convenção. Como Marat sofria de uma doença de pele cujos ardores somente se aliviavam com prolongados banhos de imersão, não recebia visitas com muita frequência. Charlotte tinha em mãos o que dizia ser uma lista de nomes daqueles que discordavam da Revolução, provavelmente com os nomes de amigos e parentes. Pegando uma faca, cravou-a no coração de Marat, que antes de morrer implorou *Aidez, ma chère amie!* ('Ajude-me, cara amiga!')

84 **Cécile-Aimée Renault** (1774-1794) foi uma jovem royalista guilhotinada sob o Terror Acusada de ter querido assassinar [Robespierre](#), foi executada com os membros de sua família NO 29 Prairial Ano II (17 junho 1794).

sob o envelope; Marteau, enganado, expede o dossiê para Fouquier alertando-o que não há nada ali. Sem provas, ele adia e Fabienne lhe escapa!

**LABUSSIÈRE**

Mas, já tentei por três vezes o que você disse, e três vezes ele condenou com base apenas na existência do envelope, no qual as acusações são resumidas em três palavras.

**MARTIAL**

Ah! meu Deus! É possível?

**LABUSSIÈRE**

Ah!... Você não o conhece.

**MARTIAL** *(ouvindo)*

Cale-se! Já é ele?... voltando?...

## Cena 8

Os mesmos, Lupin

**LABUSSIÈRE**

Não!... Lupin!... E então? *(corre para ele)*

**LUPIN** *(sem fôlego, rapidamente, perto da mesa)*

Oh! Que calor! Que quente!

**MARTIAL**

Ah!

**LUPIN**

Tallien cortou a palavra do Saint-Just e tomou a ofensiva! *(Labussière empurra-o para a poltrona e o faz se sentar e se mantém de pé perto dele; Martial vem se sentar no tamborete diante da mesa)*

**LUPIN**

A gente luta, a gente cria! É assustador!

**LABUSSIÈRE**

Quem está presidindo?

**LUPIN**

Thuriot.<sup>85</sup>

**LABUSSIÈRE** (*ansioso*)

E a Montanha?

**LUPIN**

Oh! A Montanha vai bem, é atrevida a Montanha! Ela gritou “Abaixo o tirano!”

**LABUSSIÈRE**

Bom!... E a Planície!

**LUPIN**

Oh! Os capôs do pântano!... Impassíveis!

**LABUSSIÈRE**

Os preguiçosos!... E as tribunas?

**LUPIN**

Curiosas, as tribunas!... Confusas de verem seus ídolos atacados tão vivamente! Elas não vacilam.

**LABUSSIÈRE**

E o ídolo?

**LUPIN**

Oh! Ele, ele vocifera, chama-os de preguiçosos, briguentos, está enferrujado e rouco. Louco de raiva, tentou três vezes escalar a tribuna gritando com sua voz azeda: “Eu peço a palavra!” “Ela não é sua”, grita Thuriot tocando a campainha. E Tallien<sup>86</sup> se desdobrando. Robespierre luta, grita consigo mesmo, sob os ru-

---

85 Jacques Alexis **Thuriot** de la Rozière, cavaleiro do Império, 1753-1829, foi um político francês deputado do Marne Para a Convenção Nacional. Graças ao apoio de Danton, foi eleito presidente da Convenção para um mandato de 27 de junho a 11 de julho de 1793. Em 10 de julho ingressa no CSP, no qual é o único dantonista. Opõe-se rapidamente ao Terror, entrando em desentendimento com Robespierre. Com efeito, espantosamente, considera-o “moderado”. Cada vez mais mimoritário, demite-se do “Grande Comitê” em 20 setembro 1793.

86 Jean-Lambert **Tallien**, 1767-1820, foi um revolucionário e jornalista francês. Entusiasmado pelos inícios da Revolução, participa da agitação popular das elites parisienses. Abandonando seu emprego num cartório, torna-se secretário de um deputado. Começa a frequentar o clube dos jacobinos e se aproxima dos chefes populares, particularmente de Danton. Participou da jornada de 10 de agosto de 1792 e integra a Comuna Insurrecional de Paris como secretário. Nesse posto demonstra uma atividade febril e comparece com frequência à Assembleia em nome da Comuna. Em setembro defende as matanças perpetradas nas prisões de Paris e elogia os agentes dos massacres. Apresenta-se para as eleições à convenção, mas Marat se opõe a

mores crescentes e sempre a campainha tocando, cobrindo seus gritos de chocal desorientado.

**LABUSSIÈRE**

Em suma! Sua impressão? O resultado?

**LUPIN** *(se levantando)*

Impossível dizer!... Tudo depende da Planície. *(Martial se leva e empurra o tamborete sob a mesa e volta para Labussière)*

**LABUSSIÈRE**

Quem está falando neste momento?

**LUPIN**

Tallien! Sua segunda carga a toda velocidade.

**LABUSSIÈRE**

Deus queira que seja a última!...

**LUPIN** *(ganhando a porta)*

Eu vou sair! *(Labussière o segue)* É apaixonante!

**LABUSSIÈRE**

Você volta?

**LUPIN** *(saindo)*

Sim, sim... se tiver alguma novidade.

## Cena 9

Martial, Labussière

**LABUSSIÈRE** *(fechando a porta)*

E pensar que, abatido aquele monstro, só haverá cadafalso para ele e os seus.

**MARTIAL**

Fabienne vai ser morta!

---

ele chamando-o de intrigante invejoso. Derrotado na eleição, termina por se eleger pelo departamento de Seine-e-Oise. Detestado por Robespierre, passa a navegar no círculo de Danton... Na Convenção, senta-se nos bancos da Montagne. Em outubro, é eleito membro do Comitê de Segurança Geral. Em 1793 participa da queda dos girondinos.



**LABUSSIÈRE** (*ganhando a esquerda para ir olhar a hora no pêndulo*) – Duas horas e cinco!... em uma hora o tribunal entra em sessão para terminar às cinco horas. (*ele se senta no braço da poltrona*) Três horas de trégua. Fabienne vai ser salva.

**MARTIAL** (*perto dele*)

Ah! Labussièrè!... É preciso!... isso tem que ser feito!...

**LABUSSIÈRE**

E como?

**MARTIAL**

Ah! Eu não tenho a mínima ideia! Você que salvou tanta gente, conhece algum jeito?

**LABUSSIÈRE**

Nenhum!

**MARTIAL**

Oh! Sim, sim! Oh! Procure direito! Deve existir algum jeito! Pensa!

**LABUSSIÈRE**

Mas o que você quer que eu encontre? Não tem nada! Se eu suprimir o dossiê ou deixa-lo aí, a sorte dela é a mesma! Não tem nada, lhe digo, nada, nada! (*um silêncio*)

**MARTIAL**

Sim!

**LABUSSIÈRE**

O que?

**MARTIAL** (*após um olhar aos dossiês*)

um dossiê falso no nome dela.

**LABUSSIÈRE** (*de pé*)

É infantil, isso! Marteau vai perceber a fraude! E as notas, as assinaturas, os carimbos, como colocar isso tudo no seu dossiê?

**MARTIAL**

É verdade!

**LABUSSIÈRE** (*dirigindo-se aos dossiês*)

Deixe-o confundir dois pacotes assim, verdadeiros... Ah! isso acontece todo instante!... Condena-se diariamente um detento que uma semelhança de nome faz tomar por outro: Pérès por Peyret! Mayet por Maillé! E, ainda hoje, Vermandois, militar, por Vermantois, monge! Mas mandar prender um dossiê falso como verdadeiro... é loucura! (*ganha a direita perto da mesa*)

**MARTIAL**

Então!... um verdadeiro!

**LABUSSIÈRE** (*virando-se*)

Um verdadeiro?

**MARTIAL**

Sim!... Você fala de nomes iguais ou parecidos... (*apontando o armário à direita*) Você tem desses nomes aí?

**LABUSSIÈRE** (*à direita da mesa*)

Sim.

**MARTIAL**

Escolhe o mais capaz de enganá-lo!... Marteau leva esse dossiê lá; Fabienne não está mais em causa, esqueçamos e está feito.

**LABUSSIÈRE**

E a outra?

**MARTIAL**

A outra?...

**LABUSSIÈRE**

Sim!... Ela está perdida, a outra!...

**MARTIAL**

Mas não!

**LABUSSIÈRE**

Mas sim! Você manda uma Lecoulteux para Fouquier... ele pega sem mesmo desconfiar a troca e, se tivesse notado, o que lhe importava? Aquela lá ou uma outra, é sempre uma cabeça e desde que sua conta e suas carroças estejam cheias?...

**MARTIAL** (*diante da mesa*)

Mas essa outra não está à mão, como Fabienne! Ela está em alguma prisão, longe dela.

## LABUSSIÈRE

De carroça a vinte minutos do Palácio!... Estivesse ela no Luxembourg<sup>87</sup> ou nos Carmes.<sup>88</sup> Uma hora para ir e voltar. E três minutos de interrogatório, no máximo; antes das cinco horas, e acabou! (*à mesa, apoiado em suas mãos, de frente para o público*) E, para Fabienne, vai ser mais rápido ainda!

## LABUSSIÈRE

Ai! Sim!

**MARTIAL** (*lentamente, pensando, sem olhar para Labussière, a meia voz*)

E não há certeza de que Fouquier mande você procurar a outra!... Ao passo que, quanto a Fabienne, é fatal, inevitável... Ela está lá... à mão dele!...

## LABUSSIÈRE

Seguramente!

**MARTIAL** (*quase sem voz, como se não ousasse falar*)

E eu oscilava entre a morte certa de minha mulher e o fim... duvidoso... e até certo... de uma criatura que não é nada para mim!...a primeira que conheci... que não conheço mais!...

**LABUSSIÈRE** (*apoiado sobre o dossiê da poltrona*)

Oh! Você!... Compreendo bem!... você!...

**MARTIAL** (*indo até ele até o ângulo da mesa*)

Mas, você também!... meu amigo... o amigo de Fabienne... seu salvador!... (*bruscamente*) Finalmente, nós não temos como escolher os meios, não é?

**LABUSSIÈRE** (*igual*)

Não!...

**MARTIAL**

Ele é o único?

---

87 O palácio do Luxembourg foi construído no terreno de um *hôtel particulier* do século XVI que pertencia a François de Piney, duque de Luxembourg. A regente Marie de Médicis comprou o *hôtel* e todo o domínio dito "de Luxembourg". Em 1791 o palácio foi declarado propriedade nacional. " Tornou-se prisão em 1793 durante o Terror.

88 **Carmes:** Em 1610, o papa Paulo V enviou a Henri IV dois religiosos da ordem reformada de Notre-Dame du Mont-Carmel. Os carmelitas chegaram a Paris logo após o assassinato do rei e Marie de Médicis os acolheu e os autorizou a se instalar não longe do palácio do Luxembourg onde ela havia estabelecido sua corte. Os carmelitas instalaram seu convento em 1611, numa mansão situada na esquina da rua Cassette com o caminho de Vaugirard cedida por Nicolas Vivien, seu primeiro benfeitor. A **prison des Carmes** foi ali instalada durante a Revolução.

**LABUSSIÈRE**

O único!...

**MARTIAL** *(resoluto)*

E eu não o aceitaria? Para salvá-la da água, do fogo, eu atravessaria um corpo!... eu estrangularia aquele que se agarrasse a mim!... E eu hesitaria?... E, no meu lugar, você hesitaria?

**LABUSSIÈRE**

No seu lugar... não, talvez!... Mas... *(quer se distanciar; Martial passa vivamente entre a mesa e a poltrona e o interrompe)*

**MARTIAL**

Mas, no seu, você se recusa?

**LABUSSIÈRE**

Ah! não digo isso! O que sei eu? *(cai sentado em sua poltrona)* Não sei mais onde estou! Você me apressa aí, com medo... em pânico... sem me dar tempo de pensar nisso!

**MARTIAL**

Mas essas coisas, a gente não pensa nelas, a gente faz! Sem reflexão, por instinto!... É muito natural e verdade!... Sua salvação, primeiro, o resto depois!

**LABUSSIÈRE** *(abalado)*

Ah! sem dúvida!... E entretanto!...

**MARTIAL**

Enfim, você já empregou esse meio!...

**LABUSSIÈRE** *(de pé, protestando)*

Jamais!... Oh! Isso, jamais!...

**MARTIAL** *(suplicando)*

É que Fabienne não está em causa!...

**LABUSSIÈRE**

Ah! certo! Tem que ser por ela!... E por você! *(ele abre a gaveta da mesa e ali atira o dossiê de Fabienne)*

**MARTIAL**

Vamos, depressa! Ele pode voltar! Rápido! Onde estão os dossiês com os mesmos nomes? *(Ele parece ir para o armário, à direita, atrás de Labussière, que o*

*interrompe estendendo um braço. Um longo tempo. Labussière se dirige pensativamente em direção ao armário, pega seu lenço, enxuga a testa e chega na banqueta, na qual sobe com a ajuda de Martial; tudo em silêncio, depois procura numa pilha)*

**LABUSSIÈRE**

Aqui!... este dossiê!... Não! É com M... Mais acima!... *(desce da banqueta e procura na pilha mais acima)* Sim! Aqui, o L... Lavauguyon... Laverly... Não, um pouco depois!... Ah! aqui... *(tira um dossiê)* Le Coûteux!... Vamos ver esse primeiro!... *(passa o dossiê para Martial)*

**MARTIAL** *(olhando as notas na capa)*  
Le Coûteux, em duas palavras!...

**LABUSSIÈRE** *(procurando outros dossiês)*  
Marteau não vai pegar isso!...

**MARTIAL** *(lendo)*  
“Alexandre, Eusèbe... notário... noventa e um anos”... *(interrompendo)* Oh! A idade! E além disso, um homem!...

**LABUSSIÈRE** *(pegando um outro dossiê)*  
Sim, é muito perigoso. Se bem que tenham condenado Claude Dixe como sendo um homem, e era uma mulher! Deixa esse aí. *(Martial atira o dossiê sobre a mesa)* Esse aqui vai servir melhor! *(estende-lhe um outro dossiê)*

**MARTIAL**  
Uma mulher?

**LABUSSIÈRE**  
Sim, eu procuro um terceiro. Leial!...

**MARTIAL** *(lendo)*  
“Jeanne-Octavie Lecoutteux!...” *(se interrompendo)* Dois T, em vez de LT...

**LABUSSIÈRE** *(continuando sua busca)*  
Pouco importa!...

**MARTIAL**  
Sim, mas tem “esposa” Lecoutteux.

**LABUSSIÈRE** *(vai procurando)*  
Com todas as letras?

**MARTIAL**

Não, abreviado: ESP.

**LABUSSIÈRE**

Mas isso pode ser “especial”. Não seria um modo de garantir alguma parte da herança do marido?

**MARTIAL**

Sim!... *(lendo)* “Quarenta e dois anos, aristocrata rígido.”

**LABUSSIÈRE** *(pegando um outro dossiê)*

Coloca aí de lado!... vamos ver depois!... Pega este terceiro... Sim!... *(senta-se na cadeira e lê)* “Lecoulteux”, exatamente a mesma ortografia, “Marie-Clotilde”. E Fabienne é?...

**MARTIAL**

Marie-Fabienne!

**LABUSSIÈRE**

Bom!...

**MARTIAL**

Sim!

**LABUSSIÈRE**

Fanática. Planta lírios no seu jardim. Vinte e seis anos”.

**MARTIAL**

É esse. Marteau vai se enganar fácil...

**LABUSSIÈRE**

Sim.

**MARTIAL**

Então, rápido!... Ele pode chegar!... *(quer pegar o dossiê que Labussière está segurando)*

**LABUSSIÈRE**

Ainda não!... Espere!...

**MARTIAL**

O que foi?...

**LABUSSIÈRE**

Ah! meu Deus, espere!... Não tão depressa!... Ele não vem já!... *(silêncio)*

**MARTIAL**

No que está pensando??

**LABUSSIÈRE** *(para si mesmo)*

Vinte e seis anos!...

**MARTIAL**

Fabienne tem vinte e dois!

**LABUSSIÈRE** *(indicando o primeiro dossiê sobre a mesa)*

Esse outro aqui: oitenta anos!... Seus dias estão contados!... não deve viver mais do que seis meses!... Mas vinte e seis!... Pense, esta infeliz! Vinte e seis anos!!

**MARTIAL**

Ah! Deus, se pensarmos nisso não vamos fazer nada! Depressa, eu lhe suplico!...

**LABUSSIÈRE** *(levantando-se e depositando o dossiê na cadeira)*

Não! essa não! Melhor a primeira...

**MARTIAL**

A especial Lecoutteux?

**LABUSSIÈRE** *(pegando o dossiê colocado por Martial sobre a poltrona e ganhando um pouco a esquerda, no centro. Martial chega até ele)*

Sim! Quarenta e dois anos! *(abrindo o dossiê)* Viúva de Stanislas Savinien... *(parando)* Ah!

**MARTIAL**

O que foi?

**LABUSSIÈRE** *(colocando o dossiê sob os olhos de Martial)*

Dois filhos!...

**MARTIAL** *(vivamente)*

Ah! não! então!...

**LABUSSIÈRE** *(recoloca o dossiê no canto da mesa; Martial pega de novo aquela que colocara na cadeira e o repassa a Labussièrre)*

Oh! Não! Não! Vamos voltar pro outro!

**MARTIAL**

Só tem ela, eu lhe digo que só tem ela.

**LABUSSIÈRE** *(abrindo o dossiê)*

Pelo menos, ela não tem filhos!

**MARTIAL** *(inclinado para ler)*

Casada?

**LABUSSIÈRE** *(lendo)*

Não, e sem profissão.

**MARTIAL** *(vivamente)*

Epa!

**LABUSSIÈRE**

Bem provavelmente... *(lendo)* Sim!...

**MARTIAL** *(satisfeito)*

Ah!

**LABUSSIÈRE** *(vivamente)*

Uma puta!

**MARTIAL**

Lê aí!

**LABUSSIÈRE** *(lendo)*

“Amante do general Byron”.

**MARTIAL**

Uma criatura qualquer!...

**LABUSSIÈRE**

Uma criatura humana!... Enfim! *(passa pela esquerda para ir colocar o dossiê sobre os outros)*

**MARTIAL** *(passando à esquerda, perto da mesa)*

Sim, não vamos perder mais tempo!

**LABUSSIÈRE** *(vai colocar na pilha o dossiê que tem na mão, aí para)*

Mas, é horrível isso que fazemos!...



**MARTIAL**

Ah! meu Deus, sei disso muito bem, por que me dizer?

**LABUSSIÈRE**

Nós a matamos tão seguramente quanto vomitamos com nossas mãos.

**MARTIAL**

Seja! Mas por um instante você estava resolvido a fazê-lo.

**LABUSSIÈRE**

Ah! por uma desconhecida que há pouco não existia! Mas uma criatura real, viva, que tenho nas mãos e que vai passar pela guilhotina, não posso fazer isso, nem mesmo por Fabienne e por você! Vejamos, posso fazer isso? Compreenda que não posso. *(ganha a direita e atira o dossiê na poltrona)*

**MARTIAL**

Ah! Eu compreendo que, se ficarmos aqui discutindo, tudo estará perdido!

**LABUSSIÈRE**

Vejamos!... Essa infeliz, esquecida na prisão... que, em dois dias, vai ser salva... somos nós que gritamos ao carrasco: "Pega esta, aquela lá, esqueça-a!" Mas é horrível, é hediondo! *(os dois estão separados pela mesa, Labussière à direita, Martial à esquerda, perto da mesa, no meio)*

**MARTIAL**

Tem coisa mais terrível de dizer "Ali está aquela que amo. Um amigo podia salvá-la e é ele que a dá para você!"

**LABUSSIÈRE**

Oh! Você pode?

**MARTIAL**

Pois é isso que você está fazendo!

**LABUSSIÈRE**

Eu!

**MARTIAL** *(indo para Labussière, que recua para a direita)*

Você! Menos preocupado com minha salvação do que a da primeira garota que apareceu, menos comovido com uma garota honesta do que com essa menina. *(mostra o dossiê colocado por Labussière sobre a poltrona)*

**LABUSSIÈRE**

Mais inocente!...

**MARTIAL**

Fabienne também!...

**LABUSSIÈRE**

E esquecida!...

**MARTIAL** (*entre a mesa e a poltrona*)

Ah! Aí está o crime de Fabienne! Não é?... É porque não a esquecemos!... é necessário entregá-la ao Fouquier, já que ele a exige!...

**LABUSSIÈRE**

Ah! infeliz, eu disse isso? Mas uma outra deve pagar por ela? E aquela designada para a morte, temos o direito de substituí-la por aquela que não o foi?

**MARTIAL** (*descendo para perto da mesa*)

Ah! ah! Ah! o direito! Ah! bom, então, vamos falar o que seja certo!... Trata-se de salvar Fabienne a todo custo, a todo custo, a todo custo! É isso!

**LABUSSIÈRE** (*dando um passo na direção de Martial*)

Mesmo ao preço de um crime.

**MARTIAL** (*protestando*)

Oh!

**LABUSSIÈRE**

Mesmo ao preço de um crime!

**MARTIAL** (*protestando*)

Oh!

**LABUSSIÈRE**

Essa é a palavra!... Então sejamos francos conosco mesmos e, se sacrificarmos essa pobre mulher ao egoísmo do seu amor e da minha amizade, que fique claro que isso é um assassinato!

**MARTIAL**

Pois então, que seja – um assassinato! Eu me responsabilizo por ele. Não é você que a está assassinando, sou eu. (*estendendo a mão e indicando o dossiê sobre a poltrona*) Me dê esse dossiê.

**LABUSSIÈRE**

Oh! Você ou eu, o que importa?... Nós dois a matamos!

**MARTIAL** (*fora de si*)

Mas nós mataremos sempre... seja o que fizermos! Nós somos forçosamente assassinos de uma ou de outra: Fabienne ou essa mulher. Vamos, decida e escolha: Qual das duas vamos matar?... Decididamente. Qual delas?

**LABUSSIÈRE**

Ah! Deus!

**MARTIAL**

É a outra? Diga! É Fabienne? (*abrindo violentamente a gaveta*) Vai, tira o dossiê dela dessa gaveta e coloque nessa pilha, se você ousa fazer isso!

**LABUSSIÈRE** (*recuando*)

Ah! você sabe muito bem que eu não farei isso.

**MARTIAL**

E o que importa. Já que ela está igualmente perdida, seja lá o que for!

**LABUSSIÈRE**

Isso é verdade!...

**MARTIAL**

E se você não colocar ninguém no lugar dela!...

**LABUSSIÈRE** (*olhando o dossiê*)

É verdade! Tem que ser feito!

**MARTIAL**

Vem alguém! Em nome do céu! Eu imploro a você!...

**LABUSSIÈRE**

Vamos matá-la então! (*vai colocar o dossiê sobre a pilha quando se ouve no lado de fora uma explosão de risos e ruídos de passos precipitados; ao longe, tambores soam para indicar o final da sessão e a saída do presidente*) Escute! Espere! É o fim da sessão!...

**LUPIN** (*fora*)

Vitória! Vitória!

**LABUSSIÈRE** e **MARTIAL**

Vitória?...

## Cena 10

Os mesmos, Lupin, Chateuil, Jumelot, Vasselin, Ribout, Pierre, depois Bricard, deputados, empregados, espectadores das tribunas etc.

*Chegam todos correndo, muito excitados e alegres, abanando-se, enxugando-se a testa, indo, vindo, falando, gesticulando e bebendo a cerveja servida pelos garçons do café durante o que segue no corredor e no fundo do palco.*

**LUPIN** *(abrindo a porta bruscamente e primeiro a se lançar no palco)*  
Vitória! Está feito! Ele caiu!

**LABUSSIÈRE E MARTIAL**

Robespierre?

**TODOS** *(acorendo pelas duas portas)*

Sim, sim!

**RIBOUT** *(triumfante)*

Quando eu disse a ele que lhe quebraríamos a espinha!

**LABUSSIÈRE** *(alegre)*

Finalmente!

**LUPIN** *(diante da mesa, cercado)*

Ah! não foi fácil! Quando entrei, ele ainda insistia: “Presidente de assassinos, eu peço a palavra!” Mas sua voz cansada se quebrou num soluço ridículo, riram dele e uma voz terrível gritou: “Foi o sangue de Danton que fez ele se engasgar!” Lá atrás, nas tribunas, nos corredores, em todos os bancos: “A acusação! A prisão!” votamos, e pronto!

**LABUSSIÈRE**

Preso?

**LUPIN**

Com o irmão dele, Couthon, Saint-Just e três ou quatro fanáticos que vociferavam nos corredores. Entre outros: Lasne e Marteau!

**LABUSSIÈRE E MARTIAL**

Marteau. Preso?

**LUPIN**

Na mesma hora! *(vai abrir a janela à direita e todos se precipitam para ver lá fora, alguns sobem em cadeiras)*

**LABUSSIÈRE** *(colocando sob a mesa o dossiê de Marie-Clotilde e todos os outros da pilha)*

Salva! E os outros também!... *(abre vivamente a gaveta e dali tira o dossiê de Fabienne)*

**MARTIAL**

Ah! que felicidade!

**LABUSSIÈRE**

Pega este dossiê, esconda-o! Vamos correndo para a Conciergerie! Vamos destruí-lo no caminho!

**MARTIAL**

Ela está fora de perigo, não é?

**LABUSSIÈRE**

Ainda não! Mas temos que correr. Depressa para a Conciergerie! *(corre com Martial, à esquerda, pegam seus chapéus. Ouve-se um clamor ao longe e gritos)* “Abaixo o tirano! Abaixo Robespierre”

**LUPIN** *(à janela)*

Estão levando os presos para o Comitê de Segurança! Estão passando pelo pátio das Máquinas. *(no fundo, os assistentes correm para a janela do corredor, que abrem, e unem seus gritos aos de fora)*

**TODOS** *(nas duas janelas, agitando seus chapéus)*

Abaixo Robespierre! Abaixo o tirano!

**BRICARD** *(lançando-se pela porta da esquerda para o palco e correndo para a janela)*

Morte para Robespierre! Morte! Morte!

**LABUSSIÈRE**

Você também? *(os clamores continuam lá fora)* Três vezes idiota! *(vai para fora com Martial)*

**BRICARD** *(agarrado)*

Ele está quietinho agora, não gagueja mais!

**TODOS** *(no palco, nas janelas)*

Viva a República!



**Figura 8.** Em cena, Martial e Labussière, ato III.

## Ato IV

*O pequeno pátio de entrada da Conciergerie tal como ela é ainda hoje; à direita da grande escadaria do Palais de Justice, no pátio de Mai. À esquerda, segundo plano, a arcada, a grade e os degraus pelos quais se sobe do pequeno pátio para o grande. – À direita, primeiro plano, a janela da guarita do concierge, com vasos de flores e capuchinhas trepadeiras; na frente, um banco de madeira encostado na parede, uma mesa e três cadeiras grosseiras. No segundo plano, a entrada da Conciergerie. Além, fazendo simetria com a janela da guarita, a do cartório, que está aberta. No fundo, de frente para o público, porta do corpo da guarda, cartazes na parede, bancos de madeira etc. Acima ergue-se a parede baixa que se liga à arcada da esquerda e flanqueia a grande escadaria. Além, percebe-se à direita, a colunata do pavilhão central e, face a ele, acima da ala do Palais que dá retorno para a praça, a Sainte-Chapelle sem sua flecha. À esquerda, bancos escabelos. No fundo, diante do corpo da guarda, cadeiras, bancos; à direita do palco, no proscênio, uma mesa e assentos.*



Figura 9. Um ensaio do ato IV.

## Cena 1

Brault, Simonet, Lécrivain, Tavernier, Debusne, Srta Brault, Rivière, Bouchard, Gauthier, Olivon, ajudantes de carcereiro, guardas nacionais, policiais, empregados da Conciergerie,<sup>89</sup> auxiliares do carrasco, etc.

---

<sup>89</sup> **Conciergerie:** É o vestígio principal do antigo *Palais de la Cité* (Palácio da Cidade), que foi residência e sede do poder francês da realeza dos séculos X ao XIV e se estendia sobre o local em que hoje está o Palácio de Justiça de Paris. Atualmente, o edifício estende-se pelo Cais do Relógio, sobre a Ilha da Cité, no *arrondissement* 1 de Paris. Foi convertido em prisão do Estado em 1392, após o abandono do palácio por Carlos V e seus sucessores. A prisão da Conciergerie era considerada a antessala da morte, durante a época do Terror. Poucos dela saíam livres. A rainha Maria Antonieta foi ali em 1793, saindo daí para morrer na guilhotina. Em 6 de Abril de 1793, o Tribunal Revolucionário instalou-se no primeiro andar do prédio, na antiga grande sala do Parlamento de Paris, no andar superior. O promotor público Fouquier-Tinville organizou seus escritórios no mesmo andar, entre as Torres Cesar e do Dinheiro. A partir daí, todos os prisioneiros detidos nas diferentes prisões de Paris, assim como em algumas prisões das províncias, e que deveriam comparecer perante o tribunal, foram progressivamente transferidos para a Conciergerie. Seu número não parou de aumentar, sobretudo após a votação da “*Lei dos Suspeitos*”, em 17 de Setembro. Os detentos que tivessem comparecido perante o Tribunal Revolucionário, que acontecia no Palácio de Justiça de Paris, adjacente à Conciergerie, e tivessem sido condenados à morte não eram levados de volta para suas celas. Eram imediatamente separados dos outros prisioneiros e conduzidos, os homens para o anexo traseiro ao prédio, as mulheres para pequenas células situadas no corredor central. Assim que o carrasco e seus ajudantes chegavam, todos eram reagrupados num vestíbulo batizado de “*sala de toilette*” para serem despojados de seus pertences pessoais, terem seus cabelos cortados e serem amarrados. Enquadrados por poli-

*Quando a cortina sobe, a Srta Brault, à direita em sua janela, rega suas capuchinhas com a ajuda de Debusne, tenente de polícia. À esquerda, no fundo, os três policiais acabam de comer ao redor de uma mesa colocada no canto. Diante do corpo da guarda, dois guardas nacionais sentados, um lendo um jornal, o outro lustrando seu sabre. Uma sentinela no alto da escada. No muro de apoio de cima, na parte que fica na frente dos espectadores, dois jovens sans-coulottes<sup>90</sup> agachados jogam cartas; um outro dorme estendido; um quarto, as pernas pendentes, come salsichão; diante da janela do cartório. No baixo da escada, e no meio do palco, três grupos cercam Brault, Simonet e Tavernier: empregados da prisão, ajudantes de carcereiro, escriturários, etc. guardas nacionais e curiosos vindos do grande pátio. Muito agitados, os grupos se formam, se refazem. Mais gente desce a todo instante pela escada correndo, enquanto outros saem pelo mesmo caminho. Uma mesma ida e vinda à direita, do pátio para a prisão. Os empregados do cartório conversam pela janela aberta com os de fora.*

**BRAULT** *(para Olivon, que está contando a sessão para o grupo do centro)*  
E então, o povo da sessão da Convenção?

**OLIVON**

Agora saíram para almoçar!...

**VOZ**

Como assim?

**OLIVON**

Assim mesmo! E contentes, devia ver! Eles se jogavam e passavam por cima dos bancos, rindo e falando ao mesmo tempo, como colegas de folga.

**BRAULT**

Em vez de ficarem lá quietos...

**OLIVON**

Ah! meu saco, eles mereceram o almoço deles. Vão retornar para a sessão às sete da noite!

**BRAULT**

E durante esse tempo todo, o Robespierre?...

---

ciais, os condenados - algumas vezes às dezenas - atravessavam a sala do guichê e ganhavam o Pátio de Maio, que dava para a rua de la Barillerie. Era ali que os detentos aguardavam as carroças que os conduzi-riam até a guilhotina.

90 F. nota 35.



**OLIVON**

Foi levado lá pro Carmo.<sup>91</sup> (*vai subir*)

**TAVERNIER** (*que o ouviu; num outro grupo, elevando a voz*)

Mas não, está no hotel de Brionne, no Comitê de Segurança Geral.<sup>92</sup> (*as cabeças se voltam para ele. Os grupos se dividem e se reorganizam ao seu redor.*)

**OLIVON**

Não, no Carmo.

**TAVERNIER** (*descendo*)

Pergunta ao Bouchard que vem vindo aí! Não é mesmo, Bouchard, que você viu Robespierre passar junto com os outros?

**BOUCHARD** (*lá no fundo, num grupo, se virando*)

Sim, no pátio das Máquinas.

**SIMONET**

Presos?

**BOUCHARD**

Pelos policiais!

**TAVERNIER**

Esses aí é que devem estar envergonhados! Nunca sabem de que lado estão os traidores! (*para Debusne*) Eh! Debusne, como é que você reconhece os conspiradores?

---

91 **Carmo** (*Carmes*): o convento dos carmelitas descalços foi fundado em 1611. Durante a Revolução, os religiosos foram perseguidos e o convento foi transformado em prisão. Nos Massacres de Setembro de 1792, 191 religiosos católicos romanos ditos refratários (três bispos, 127 padres seculares, 56 monges e freiras e 5 leigos) foram executados na igreja porque se recusaram a prestar juramento à nova Constituição Civil do Clero (foram chamados *Saints Martyrs de Septembre* ou *Bienheureux Martyrs des Carmes*).

92 **Comitê de Sûreté générale**: Órgão criado pela Convenção para conter a oposição interna ao governo, durante a Revolução francesa. Instalado em 1792, era encarregado da vigilância e detenção dos suspeitos, e do controle dos ministros da Justiça e do Interior. Responsável pela política de repressão ao terror, o Comitê aprovou a chamada *Lei dos Suspeitos*, segundo a qual o suspeito de traição poderia ser preso. Se condenado, teria os bens confiscados, divididos e vendidos. As terras eram divididas para ficarem mais ba-ratas e serem vendidas para as classes mais pobres. Foi um dos principais órgãos de repressão durante o chamado período do [Terror Jacobino](#). Através dele, do [Comitê de Salvação Pública](#) e do [Tribunal Revolucionário](#), os suspeitos de serem contra os ideais [jacobinos](#) e antirrevolucionários eram julgados e decapitados na [guilhotina](#), o que se tornou corriqueiro na época.

**DEBUSNE** (*sem se voltar, à janela de Brault, conversando com a Srta Brault, que rega suas flores*)

Os conspiradores são esses que estão prendendo aí. (*riem*)

**TAVERENIER**

Com esse raciocínio aí, entende, vão acabar prendendo tanto Robespierre por conta da Convenção quanto a Convenção por conta de Robespierre! Só depende do primeiro que mandar prender o outro.

**LÉCRIVAIN** (*saindo da Conciergerie*)

Eh! Tavernier, tão te chamando no tribunal,<sup>93</sup> primeira seção!

**TAVERNIER**

Já vou lá. (*entra rapidamente na Conciergerie*)

**OLIVON** (*para Tavernier*)

Quer dizer que o tribunal tá reunido, então? (*são cercados*)

---

93 O **Tribunal Revolucionário** (ou não-oficialmente **Tribunal Popular**) foi uma corte instituída em Paris pela [Convenção Nacional](#) durante a [Revolução francesa](#) para os julgamentos de políticos infratores. Tornou-se um dos mais potentes motores do Terror. Esse Tribunal foi estabelecido em 17 de agosto de 1792 em resposta à Tomada das Tulherias no dia 10. Para garantir que houvesse algum processo legal adequado para lidar com suspeitos acusados de crimes políticos e traição, em vez de assassinatos arbitrários por comitês locais, [Maximilien Robespierre](#) propôs a criação de um novo Tribunal, com poderes extraordinários para impor a pena de morte. O Tribunal foi abolido em novembro de 1792, no início do julgamento de Luís XVI, e durante esse tempo havia condenado 28 pessoas à morte. Em sua maioria, eram criminosos comuns, e não prisioneiros políticos. A Convenção finalmente concordou que deveria ser estabelecido em Paris o *Tribunal Penal Extraordinário* (*Tribunal criminel extraordinaire*), que recebeu o nome oficial de *Tribunal Revolucionário* por decreto de 29 de outubro. Em 5 de setembro, a Convenção declarou que “o terror é a ordem do dia” e dividiu o Tribunal Revolucionário em quatro câmaras/seções concorrentes, de modo que o número de casos com que lidaria pudesse aumentar consideravelmente. Durante os meses em que Montané foi seu presidente, o Tribunal lidou com 178 acusados. Destes, 53% foram libertados após exame inicial por um juiz, sem julgamento completo, enquanto outros 17% foram julgados e absolvidos por um júri. 5% foram condenados e sentenciados à prisão ou deportação e 25% foram condenados à morte. De sua formação até setembro de 1793, o Tribunal ouviu 260 casos e proferiu 66 penas de morte. Como resultado, foi criticado como ineficaz por alguns jacobinos. A [Lei dos Suspeitos](#) (17 de setembro de 1793) aumentou muito o número de prisioneiros que estavam presos e poderiam ser levados a julgamento. Entre outubro e o final de 1793, o Tribunal emitiu 177 sentenças de morte.

## LÉCRIVAIN

Em duas partes, sim. Uma é presidida por Dumas,<sup>94</sup> a outra por Scellier.<sup>95</sup> Por que não se reuniria?

## OLIVON

Por causa dos acontecimentos. Todo mundo se pergunta isso em Paris.

## LÉCRIVAIN *(olhando seu relógio)*

Já está chegando no fim. Aliás, as carroças vão sair em meia hora.

## OLIVON

Tem pelo menos sete ali no pátio. Parece que você ainda tem uma fornada bem cheia.

## LÉCRIVAIN

Quarenta e cinco ou quarenta e seis, não menos.

## OLIVON

Tá sabendo assim adiantado?

## LÉCRIVAIN

Bom, o Fouquier fez as contas ontem, errou por uma cabeça

## BOUCHARD *(descendo para o meio deles)*

É verdade que os jacobinos se declararam em reunião permanente?...

## SIMONET

Ah! você acha que isso vai acontecer sem quebra-quebra?

---

94 René-François **Dumas** (1757-1794), revolucionário francês, justificado na guilhotina. Defensor da Revolução, foi próximo de Robespierre, sendo um de seus agentes mais fieis. Presidiu o tribunal revolucionário, a partir de 8 de abril de 1794, substituindo Martial Joseph Armand Herman. Foi tão desapiedado no cargo como Fouquier-Tinville. Em 27 de julho de 1794 (9 Thermidor), uniu-se à Comuna insurrecional de Paris para solicitar a liberação de [Maximilien Robespierre](#), Saint-Just, [Georges Couthon](#), [Philippe-François-Jo-seph Le Bas](#) y [Augustin Robespierre](#). Detido na Comuna com muitos de seus companheiros, em 28 de julho (10 Thermidor), compareceu diante do tribunal revolucionário, sendo guilhotinado ao final do dia na praça da Revolução, atual [Place de la Concorde](#), com outros 21 revolucionários do Terror: Robespierre, Saint-Just, Couthon y [François Hanriot](#), entre otros.

95 Gabriel-Toussaint **Scellier** (1756-1795), [revolucionário francês](#), juiz no [Tribunal revolucionário](#). Senta-va-se ao lado de [Dumas](#) na manhã de 9 Thermidor an II ([27 julho 1794](#)) quando o prenderam; imediatamente tomou o lugar do colega e, sem pestanejar, “emendou” o interrogatório, momentaneamente interrompido, dos acusados. Implicado no processo de Fouquier-Tinville, foi guilhotinado com outros 16 coacusados em 18 [Floreal](#) ano III na [place de Grève](#) (7 maio 1795, defronte o Hôtel de Ville).

## LÉCRIVAIN

Só vai! Robespierre tem Hanriot<sup>96</sup> do lado dele, e Hanriot toda a força armada.

## OLIVON

Você devia ter visto esse cara agora há pouco correndo a cavalo pelo faubourg Antoine convocando os cidadãos armados para resgatar o Robespierre e explodir a Convenção!

## BOUCHARD

Um general perdido bom pra estourar rolhas de garrafas! Ele já estava bêbado às onze horas da manhã! Se não cair do cavalo, periga ter uma chance.

## UM GUARDA NACIONAL

E foi ele que libertou Payan<sup>97</sup> quando estava sendo levado para a Force e que acabou de marchar sobre as Tulherias com uma quarentena de policiais. (*movimento de curiosidade ao redor dele*)

## BRAULT

Você viu ele?

## O GUARDA NACIONAL

Na rua Honoré. O Courtois, na janela de um restaurante, gritava para o povo: "Peguem ele! Prendam!" mas não foi preso não.

## UM JOVEM SANS-COULOTTE (*chegando pelo muro do fundo*)

Fala aí, ô! Vocês aí embaixo! Fiquem sabendo que o Robespierre foi declarado fora da lei! (*todos se viram para ele*)

## VOZ

Não!

## O SANS-CULOTTE

Sim, é o que tão gritando aí nas ruas! (*ouvem-se gritos ao longe e pouco depois o apelo*)

---

96 François **Henriot** (1759-1794) foi um líder dos *cordeliers*, orador de rua e comandante da Guarda Nacional durante a Revolução francesa. Desempenhou um papel vital na Insurreição de 31 de maio a 2 de junho de 1793 e, posteriormente, na queda dos girondinos. Em 27 de julho de 1794, tentou libertar Maximilien Robespierre, que fora preso pela Convenção. Ele foi executado no dia seguinte - junto com Robespierre, Saint-Just e Couthon.

97 Claude-François de **Payan** (1766-1794), figura política da Revolução francesa. Guillhotinado em 28 de julho com outros 21 durante a Reação Termidoriana, incluindo Saint-Just e Robespierre.

**TAVERNIER** (*para Gauthier, que desce rapidamente os degraus*)  
Olha aí o Gauthier que vem chegando da Grève!<sup>98</sup> (*todo mundo rodeia Gauthier*)

**SIMONET, TAVERNIER, OLIVON**  
E aí?

**GAUTHIER**  
Então, um puta cheiro de pólvora lá na prefeitura!

**TODOS**  
Ah!

**GAUTHIER**  
O conselho da comuna deu ordem de fechar as barreiras e soar o sinal de alarme em Saint-Paul e Saint-Gervais.<sup>99</sup> (*tambores distantes tocam o apelo. Depois o toque geral.*)

**BOUCHARD**  
Escutem!

**VOZ**  
É o sinal!

**GAUTHIER**  
Sim, vão ter que tocar o alarme por toda parte para chamar os simpatizantes para a Grève, de onde se vai marchar contra a Convenção. Já estão chegando

---

98 **Place de Grève:** A **Place de l'Hôtel-de-Ville**, antiga **Place de Grève** até **1803**, é uma praça de **Paris**, às margens do rio Sena, de onde se origina seu antigo nome (Grève : terreno plano composto por cascalho ou areia às margens do mar ou de um curso de água). O local era ocupado antigamente por uma velha praia feita de cascalho e areia, por onde era fácil descarregar as mercadorias que chegavam a Paris pelo Sena. Os operários desempregados se habituaram a se reunirem na praça ao amanhecer em busca de um empregador. Tratava-se de mão-de-obra desqualificada e instável que escapava ao sistema dos empregos regularizados. Assim, a *Place de Grève* está na origem da palavra “**grevista**”, apesar do contrassenso: tratava-se realmente de uma concentração de operários que não trabalhavam, mas que estavam à procura de um trabalho. Sob o **Antigo Regime**, a praça servia também para as execuções e suplícios públicos, que incluíam o esquite-jamento. Em **25 de abril de 1792**, teve lugar ali a primeira execução através de **guilhotina**. O condenado, **Nicolas Jacques Pelletier**, era um simples ladrão. A multidão, acostumada desde a **Idade Média** com suplícios mais «refinados», mostrou-se decepcionada com a rapidez do processo. A guilhotina é novamente montada na Praça de Grève de Novembro de 1794 até Maio de 1795. Entre as últimas cabeças cortadas foram as do deputado da **Convenção Nacional Jean-Baptiste Carrier** (cg. A peça *Cadio*) e do promotor público **Fouquier-Tinville**. O Hôtel-de-Ville é a sede da prefeitura da cidade de Paris.

99 **Saint-Paul e Saint-Gervais:** duas paróquias situadas entre o Hôtel-de-Ville e o bairro do Marais, a poucas centenas de metros do local da cena.

de todos os lados, e, na praça, tem uma bateria de mais de vinte canhões! (*si-nos distantes*) Ouve aí, o sinal de alarme!

**OLIVON**

A noite vai ser quente... (*sobem um pouco, continuando a falar em grupos. As vozes dos gritadores se aproximam, misturadas ao som distante dos sinos e dos tambores*)

**PRIMEIRO GAZETEIRO** (*ao longe*)

É a grande conspiração de Catilina Robespierre e seus cúmplices, vejam as notícias!

**OUTRO GAZETEIRO, GAROTO**

Peçam a prisão e a proscrição do cidadão Robespierre e de seus cúmplices, peçam a prisão do homem. Olha o ARRESTO, quentinho, acabou de sair... (*um pequeno vendedor de jornais entra pela grade e desce os degraus. Correm para ele. Ele atravessa o palco rodeado de compradores.*)

## Cena 2

Os mesmos, Labussière, Martial

**LABUSSIÈRE** (*descendo os degraus com Martial*)

Sobretudo, não faça essa cara de estar vindo aqui pela primeira vez.

**MARTIAL** (*à meia voz, observando*)

Dá pra dizer que isso aqui é uma cova de bestas selvagens.

**LABUSSIÈRE**

É bem isso, mesmo. Me dê a carta. (*Martial lhe entrega uma carta*) Tenho espias na praça. Tavernier, oficial de justiça, ex-ator. E aquele gordo, Brault, o concierge, cuja mulher é doida por teatro. E sobretudo a filha dele, que você vê lá adiante azarando o policial. Conquistei a família toda com ingressos de espetáculos. (*indo até Brault, que lê seu jornal, dando uma batidinha em seu ombro.*) Boa tarde, Cérbero!

**BRAULT** (*virando-se e dobrando o jornal, que coloca no bolso do casaco*)

Eh! Labu! Bom dia, filhote! Ninguém te vê mais. Abandonou o teatro?

**LABUSSIÈRE**

Desta vez, sim. Me aposentei!

**BRAULT**

Morando no campo, então?

**LABUSSIÈRE**

Num lugarzinho maravilhoso.

**BRAULT**

Eh, tem novidade aí, hein? *(Olivon e Gauthier vêm do fundo, com jornais que acabam de comprar; são cercados para ouvir a leitura)*

**LABUSSIÈRE**

Merda! Tinha que acabar nisso.

**BRAULT**

Sim... mas não terminou ainda!

**LABUSSIÈRE**

Bom! Tem uma tempestade no ar! Vai chover essa noite, e, por causa da chuva, não vai ter manifestações. *(fazendo-o descer para o proscênio)* Me faça um favor.

**BRAULT**

Diz aí!

**LABUSSIÈRE**

Tiveram que trazer nesta manhã uma jovem, noiva do meu amigo ali, o Martial. *(mos-tra-o)* Um bravo soldado do exército de Sambre-et-Meuse.<sup>100</sup> Era preciso entregar este recado para ela, para tranquilizá-la, contando o que está acontecendo.

**BRAULT**

Ela se chama?

**LABUSSIÈRE**

Fabienne Lecoulteux.

**BRAULT**

Espera, vou me informar no cartório. *(ele vai para a janela aberta do cartório e, inclinando-se para o interior, fala ao funcionário. Martial e Labussièrre não*

---

100 **L'Armée de Sambre-et-Meuse:** Um exército da Revolução francesa. Formado a 29 junho 1794 (11 Mêsidor ano II) com o exército das Ardenes reforçado com a ala esquerda do exército de Moselle e a ala direita do exército do Norte. Em 1797 foi chamado a Paris para proteger o Diretório. Possui hino bastante apreciado: "O Regimento de Sambre-e-Mosa / marcha sempre ao grito de liberdade / buscando a rota gloriosa / que o conduz à imortalidade."

*o perdem de vista. Durante toda esta cena e a seguinte, ouve-se de longe o apelo, sons de sinoa e a voz dos gazeteiros que se afastam.)*

**MARTIAL**

É a entrada da Conciergerie, aquela porta?

**LABUSSIÈRE**

Sim, guichê duplo!... Depois dali, grandes corredores sinistros e masmorras!

**MARTIAL**

E é ali que ela está presa?

**LABUSSIÈRE**

Mas pelo menos está em segurança lá dentro. Ela só seria denunciada a Fouquier por seu dossiê, e até o momento ele não o recebeu! *(para Brault, que desce)* E então?

**BRAULT** *(descendo)*

Ela está aqui! Me dê a carta. O Rivière vai entregar. *(chamando)* Rivière! *(Rivière desce)* Entregue isto depressa. *(para Labussière)* Tem resposta?

**MARTIAL**

Com certeza!

**BRAULT** *(para Rivière)*

Ouviu? *(Rivière entra na Conciergerie)*

**LABUSSIÈRE**

Obrigado!

**BRAULT**

Sempre às ordens!

**LABUSSIÈRE**

Por que toda essa gente? O tribunal continua funcionando, com tudo o que está acontecendo?

**BRAULT**

Como de costume! Mas logo vai terminar, por hoje! Vinte e dois acusados por seção, vai dar só uma hora, com três minutos de interrogatório por cabeça.

**LABUSSIÈRE**

E, aliás! Você por acaso viu o Héron passar?



**BRAULT**

Não... veja, vem ali minha Emérance! *(ele sobe, enquanto Emérance sai da Conciergerie com uma gaiola com um canário)*

**LABUSSIÈRE** *(para Martial)*

Tá tudo bem. Só devemos ter medo desse Héron, mas hoje ele tem muita coisa para fazer *(para Emérance)* Cidadã!

**EMÉRANCE** *(colocando a gaiola sobre a mesa)*

Veja só, é você, Bubu! Ninguém mais te vê!

**LABUSSIÈRE**

O trabalho! E mamãe Brault, como ela está?

**EMÉRANCE** *(olhando Debusne que, de pé sobre o banco, enfia um prego no muro para dependurar a gaiola, enquanto Martial volta para o guichê para olhar para dentro)*

Nada mal. A gente veio aqui por causa da Sra. De Maillé, que teve um ataque no tribunal por estar no lugar em que antes de ontem condenaram o filho dela. *(Indiferentemente)* Foi preciso tirar ela daqui.

**LABUSSIÈRE**

Pobre mulher!

**EMÉRANCE** *(com atenção no trabalho de Debusne)*

Já faz tempo que você não me dá ingressos pro teatro...

**LABUSSIÈRE**

Você deve mesmo ter necessidade de distrações. Não é alegre o que você vê todos os dias?

**EMÉRANCE**

O quê?

**LABUSSIÈRE**

Essa pobre gente que levam para a morte! *(durante toda a cena, Martial espreita a volta de Rivière)*

**EMÉRANCE**

Oh! A gente se acostuma... a força do hábito! *(para Debusne, passando-lhe a gaiola)* enrosca direito esse troço aí, ontem um vento derrubou a gaiola e o canário morreu com a queda! Pobre bichinho! Me deu uma pena! Tadinho! *(em pé no banco, colocando água na gaiola; para Debusne)* Merci, tenente! *(Debusne)*

*vai se juntar aos seus homens; para Labussière, sem se voltar)* O que é que tem hoje no teatro da República?

**LABUSSIÈRE**

Nero, do cidadão Legouvê.<sup>101</sup> Tem muitas alusões diretas.

**EMÉRANCE** (*ela desce*)

Vai me ajudar a ver isso

**LABUSSIÈRE**

Com prazer.

**EMÉRANCE**

Fui ontem ao teatro da Cidade,<sup>102</sup> com ingressos que nos deu o cabeleireiro do teatro, o Jolibon (*vê-se Jolibon chegar, com dois de seus auxiliares*), que, por sinal, vem descendo a escadaria, veja!... Oh! Vi uma peça bem interessante, bastante comovente.

**LABUSSIÈRE**

Qual foi?

**EMÉRANCE**

Se chama D’Olbau ou o grito da natureza. A gente chorou muito, mamãe e eu. (*ela entra*)

**LABUSSIÈRE** (*para Martial, que torna a descer, mal ouvindo-o*)

Não é admirável uma criatura que se enternece com infelicidades imaginárias e que permanece fria diante da mais real das tragédias! (*durante a cena, pouco a pouco, o alto do muro se enche de mulheres e de homens da escória do povo*)

**MARTIAL**

Esse cara não volta nunca.

---

101 Gabriel Marie Jean Baptiste **Legouvê** [ou Le Gouvê],(1764-1812), poeta e dramaturgo francês. Seu *Néron* teve expressivo sucesso de público, que nele encontrou alusões a figuras da época. Segundo o *MAGASIN PITTORESQUE* de 01.01.1886, “seu quinto ato, em que o tirano expia seus crimes com seus ter-rores, seus remorsos, seu suicídio, foi considerado um dos mais emocionantes já vistos no teatro. Foi um dos melhores papéis de Talma.” Casado com Élisabeth-Adelaïde Sauvan, que fora noiva de Pierre-Vic-turnien Vergniaud, advogado dos girondinos (cf. a peça *Charlotte Corday*, a ser publicada), e divorciada do cirurgião Jean-Joseph Sue.

102 **Théâtre de la Cité**, edificado no espaço em que se situava a Igreja Saint-Barethélemy, parcialmente demolida em 1791, da qual se conservou a fachada. Aberto ao público em 1792, uma das maiores salas de seu tempo, com mais de dois mil lugares; fechada definitivamente em 1807, tornou-se um salão de danças muito famoso e mal-afamado onde se dançava a *polka*, até ser definitivamente demolido em 1858 para a construção do Tribunal do Comércio.

**LABUSSIÈRE**

Paciência.

**JOLIBON** (*muito sorridente, deixando seus auxiliares para trás e colocando sua maletinha sobre a mesa à direita*)

Bom dia, cidadão Labussière! Não está me reconhecendo?...Jolibon, cabeleireiro, rua da Calandre.

**LABUSSIÈRE**

Ah! Muito bem!

**JOLIBON**

Eu vi você no Mareux,<sup>103</sup> onde meu cunhado penteia os atores. Eu, é no teatro da Cidade que eu atendo.

**LABUSSIÈRE**

E aqui também!

**JOLIBON**

E aqui, também, com meus dois rapazes. Deixo pra eles o trabalho de cuidar dos homens e eu raspo os cabelos das mulheres com o respeito que o sexo sempre merece.

**LABUSSIÈRE**

O Fouquier arranja trabalho pra você. É o Estado que te paga?

**JOLIBON**

Não, é de grátis mas me deixam levar os cabelos.

**LABUSSIÈRE**

Qualquer lucro é bem vindo.

**JOLIBON** (*arrumando a frasqueira*)

Nos primeiros tempos, sim! Tinha cabeleiras magníficas, que eu revendia a dois escudos cada libra. Mas, depois daquelas grandes fornadas, teve uma baixa de

---

103 Toussaint **Mareux**, pertencente a família da burguesia parisiense durante a Revolução francesa, membro da Comuna de 1792 e diretor do Théâtre Saint-Antoine, 'teatro de sociedade' construído em 1786 no 46 da rua Saint-Antoine, com cerca de 400 lugares, qualificado de "teatro burguês" pela sociedade de seus 39 membros, autorizado pelo tenente general da polícia Thiroux de Crosne, em meio a protestos veementes do dito 'teatro de privilégio royal', como a Comédie-française. Nomeado Théâtre Thalie em 1792, Théâtre des Élèves Dramatiques et Lyriques em 1802. Extinto em 1807 por decreto imperial.

quantidade e de qualidade tremenda! Aquilo que antes, no Messidor,<sup>104</sup> valia trinta escudos agora não vale mais de quinze. Se continuar desse jeito, a boneca aqui vai pagar pra trabalhar, sem falar daquelas que nos deixam frustrados!... aquela antes princesa de Mônaco, por exemplo, você acredita que ontem depois que foi condenada, foi declarada grávida? Tu sabe que, em casos assim dessa natureza, dão um sursis para a execução até o tal reconhecimento legal. Ela ainda queria aproveitar a ocasião para cortar os cabelos com um pedaço de vidro e mandar as mechas para os filhos! Hm cabelos admiráveis! Hoje de manhã ela voltou atrás em sua declaração e vai ser levada a qualquer momento! Vai ficar sem a cabeça. Ah! mas de qualquer modo eu me sinto trapaceado.

**BRAULT** (*chamando-o*)

Eh! Jolibon! Já tá terminado lá em cima. Tão chamando seus meninos!

**JOLIBON**

Certo, certo, já vou. (*vai procurar seus rapazes e mais tarde entra na Conciergerie*)

## Cena 4

Os mesmos, Tavernier

**LABUSSIÈRE** (*vendo Tavernier, que sai da Conciergerie*)

Ah! Tavernier!

**TAVERNIER** (*confuso, sem vê-lo, para os outros*)

Pois então, trabalho pra fazer!

**TODOS**

O que foi? (*rodeiam-no*) O que é que há? Que trabalho?

**TAVERNIER**

O presidente Dumas acabou de ser preso em pleno tribunal, lá na cadeira dele!

**VOZ**

Mas não! Impossível!

---

104 **Messidor**: décimo mês do [Calendário Revolucionário Francês](#) que esteve em vigor de [22 de setembro](#) de 1792 a [31 de dezembro](#) de 1805. Correspondia geralmente ao período compreendido entre [19 de junho](#) e [18 de julho](#) do [calendário gregoriano](#); recobrando, aproximadamente, o período durante o qual o sol atravessa a [constelação zodiacal](#) de [Câncer](#).

**TAVERNIER**

Eu tava lá! O Dumas interrogava uma jovem que queria dar uma de Charlotte Corday.<sup>105</sup>

**MARTIAL** (*sozinho com Labussière à parte*)

Ah!

**LABUSSIÈRE** (*baixo*)

Fabienne! (*Martial e Labussière, chocados, se entreolham, e sua ansiedade vai crescendo*)

**TAVERNIER**

Por falta de peças de acusação que tinham ficado nas mãos de Marteau, preso com os outros, ele começou a ler uma carta de Héron denunciando a acusada (*movimento de Martial, espantado*)

**LABUSSIÈRE** (*apertando-lhe a mão*)

Espera!

**TAVERNIER**

Foi quando a porta se abriu e, seguido de dois policiais, um agente do Comitê chegou perto dele e lhe disse: “Cidadão presidente, em nome da Convenção, siga-me!” (*exclamações diversas*) A assistência estava terrificada! Dumas, pálido, juntou seus papéis resmungando sei lá o quê e saiu entre os dois policiais! Todos saíram de lá comentando o que aconteceu.

**LABUSSIÈRE** (*para Tavernier*)

E a acusada, salva?

**TAVERNIER** (*reconhecendo-o e apertando sua mão*)

Ora, é você?

**LABUSSIÈRE** (*vivamente*)

Mas salva, diga logo? Não haverá mais julgamento, a acusada salvou-se?...

**TAVERNIER**

Não, a sessão continuou.

---

105 **Charlotte Corday**: a jovem normanda que assassinou Georges Marat, um dos líderes da Revolução francesa. Cf. a peça com seu nome, a ser publicada no próximo número.

**LABUSSIÈRE**

Sem dossiê, sem testemunha, sem prova! Só com uma carta...

**TAVERNIER**

Não sei de nada! Saí da sala no momento em que o prefeito reassumia a presidência.

## Cena 5

Os mesmos, depois Rivière saindo da Conciergerie,  
com uma rosa e uma carta na mão

**MARTIAL**

Ah! a resposta!

**RIVIÈRE**

Sim, escrita a lápis, com o que ela lhe envia descendo do tribunal. *(entrega-lhe com a carta a rosa branca que Fabienne tinha em seu corpete. Martial abre o bilhete)*

**LABUSSIÈRE**

Do tribunal!

**MARTIAL** *(lendo)*

“Adeus, meu bem-amado Martial. Teu amor terá sido a única alegria de minha vida, guarda essa lembrança da pobre Fabienne que lá no céu vai rogar a Deus por ti.” Condenada! Ah! aqueles monstros! *(as mulheres surgem no parapeito)*

**LABUSSIÈRE**

O que fazer agora?

**MARTIAL**

Vamos agitar a multidão para impedir a partida.

**LABUSSIÈRE**

Na rua, talvez! Mas aqui! *(ele aponta o alto do muro completamente lotado de homens e mulheres da multidão, entre os quais Françoise e Mariotte, todos conversando, comendo, bebendo, as mulheres em pé ou agachadas, sentadas; os homens com as pernas dependuradas sobre o palco, dois moleques trepados nas colunas)*

**FRANÇOISE** (*percebendo o carrasco Sanson, que desce os degraus, seguido por três ajudantes*)

Hei! Olha lá o carrasco Sanson!

**VOZ**

Viva o Sanson! (*aplaudem. Sanson vai se sentar à esquerda no proscênio; os três ajudantes ficam sentados nos degraus*)

**LABUSSIÈRE**

Olhaí, a multidão! Os cães de quarenta centavos por dia, a claque da guilhotina!... Eles aplaudem o carrasco!... Espera!... (*chama*) Tavernier !

**TAVERNIER** (*descendo*)

O que foi?

**LABUSSIÈRE**

É você que vai dar ordem de partida para as carroças?

**TAVERNIER** (*enfadado*)

É o que me toca! Saco!

**LABUSSIÈRE** (*elevando a voz*)

Isso é uma loucura!

**TAVERNIER**

Por quê? (*Lécrivain e Simonet ouvem com outros que se agrupam ao redor deles*)

**LABUSSIÈRE**

E você que manda pessoas para o suplício que foram condenadas por um presidente que a Convenção mandou prender em plena sessão do tribunal?

**TAVERNIER**

Olha, eu nem pensei nisso!

**SIMONET**

É verdade, por falar nisso. (*aprovações*)

**LABUSSIÈRE**

Mas é monstruoso. Parecem estar tomando partido contra ela, a favor de Dumas. (*aprovações*)

**LÉCRIVAIN**

Mas não!

## VOZ

Sim! Sim! Ele tem razão!

**LÉCRIVAIN** (*elevando a voz e se acalorando*)

Não foi o presidente que prenderam, foi o amigo de Robespierre.

**LABUSSIÈRE** (*do mesmo modo*)

É a mesma coisa, o mesmo cara.

**LÉCRIVAIN**

A Convenção não eliminou o tribunal. Ela não disse que era o fechamento, disse? E então?

**LABUSSIÈRE**

Então, os moderados que triunfam não ficarão agradecidos aos “raivosinhos”<sup>106</sup> que vocês são. E, se a execução acontece contra a vontade de toda Paris que acredita que o cadafalso acabou, eu não dou um mês para subirem nessas mesmas carroças o presidente, o júri, os oficiais, os cartorários, e até o Fouquier-Tinville, todos, e você em primeiro lugar.

**VOZES NUMEROSAS**

Sim! Sim! Ele tem razão!

**LABUSSIÈRE** (*baixo, para Martial*)

Coragem! Eles vêm vindo aí. (*Explosões de rumores na praça além do pátio*)

**LÉCRIVAIN**

E, se forem mais fortes, vão nos condenar como indulgentes por não termos feito as carroças partirem com os condenados.

**VOZ**

Sim! Sim! É verdade! (*rumores crescentes dos espectadores que se impacientam*)

**LABUSSIÈRE**

Você vai dizer que estavam dando o alarme, que estavam soando o sinal e que

---

106 Os *enragés*: No contexto da [Revolução francesa](#), os *raivosos* eram um grupo de revolucionários radicais cujo representante mais notório foi o [padre constitucional Jacques Roux](#). Reivindicavam não só a igualdade civil e política, mas também a social, preconizando a taxaço dos gêneros alimentícios, a requisição dos grãos e o pagamento de tributos pelos ricos. Pode-se situá-los à esquerda do grupo dos ‘[montanheses](#)’. Foram combatidos tanto por [Robespierre](#) quanto por [Danton](#), [Marat](#) e os hebertistas.



não é hora de se aventurar pelo bairro que não quer mais o cadafalso, porque não o querem mais em lugar algum! (*rumor de protestos*)

**LÉCRIVAIN**

Vamos, então! O povo tá rosnando aí porque não começamos a chamada!

**VOZ** (*do alto do parapeito*)

Vai, vai! Começa!

**LABUSSIÈRE**

É o povo falando aí? (*gritos do alto*) o povo verdadeiro já gritou... obrigado!...

Alertem o Sanson!

**SANSON**

Isso aí, com certeza, tamos aqui. (*silêncio profundo de todos; virando-se para ele*)

**LABUSSIÈRE**

Você está ouvindo?

**SANSON**

Gente apressadinha. Eu vi a hora ontem, na praça da Bastilha, que a gente ia ter de voltar no nosso rastro. Por pouco não jogaram pedras nos meus homens. (*ele se levanta*)

**LABUSSIÈRE**

Escuta lá, escuta a chamada!

**SANSON**

Sem contar que hoje, onde o bairro está em ebulição, reduziram nossa escolta!

**LÉCRIVAIN**

Quem fez isso?

**SANSON**

A Convenção, que já convocou a metade dos policiais do Palais. Só sobraram o Debusne com outros doze ou quinze para escoltarem sete carroças!... Se nos atacarem no bairro, tá aí uma bela defesa!

**DEBUSNE** (*do alto dos degraus*)

Bah! A gente que se foda, ora!

**SANSON**

Você responde pela minha pele, você?

**DEBUSNE**

Assim como pela minha.

**SANSON**

Sim, não mais que isso?

**LÉCRIVAIN** (*contrariado*)

Ah! bom, o carrasco vai querer entra em greve agora!

**SANSON** (*com repugnância*)

Ah! pra mim chega, viu! Eu bem queria te ver lá no batente, com o trabalho todo que a gente tem tido esse mês inteiro.

**SIMONET**

Enfim, a gente não pode assumir a responsabilidade de ir ou não ir, não é?

**TAVERNIER**

Só tem um homem que pode decidir isso.

**LÉCRIVAIN**

Fouquier.

**TODOS**

Sim, sim, Fouquier.

**GAUTHIER**

Ele já foi embora, jantar com seu amigo Vergne no Pont Rouge.<sup>107</sup>

**OLIVON**

Não! Eu acabei de ver ele no pé da escadaria, conversando com um criado do Fleuriot Lescot.<sup>108</sup>

---

107 **Pont Rouge:** Ponte francesa situada em Paris que atravessa o rio Sena na altura do Louvre. No século XVIII foi um lugar de predileção para todo tipo de festas e diversões parisienses; daí a instalação de restaurantes e *points* para todo tipo de recreação nas redondezas da ponte.

108 Jean Baptiste Edmond **Fleuriot-Lescot** ou Lescot-Floriot (1761-1794), arquiteto, escultor e revolucionário belga. Em 1793 foi eleito para substituir Fouquier-Tinville como promotor público do Tribunal Revo-lucionário. No dia 9 de Termidor, ele publicou (com Hanriot e Payan, ver notas 96 e 97 ) uma proclamação, na qual animava o povo “a se levantar em massa para defender seus verdadeiros amigos”. Reuniu apres-sadamente o conselho da Comuna, já que Robespierre fora encerrado no [Palácio de Luxemburgo](#). Ele e ou-tros 50 foram presos às duas horas da manhã pelos gendarmes, que permaneceram fiéis à Convenção, liderados por [Leonard Bourdon](#). Compareceu perante o [Tribunal Revolucionário](#) em 10 Thermidor. Foi condenado à guilhotina; entre 21 outros condenados, estavam Robespierre, Saint-Just e Couthon.

**SIMONET**

Vou correndo lá.

**TODOS**

Sim, vai, vai.

**OLIVON**

Não!... já perguntei a ele o que é preciso fazer. *(rumores de impaciência no muro)*

**FRANÇOISE** *(lá de cima)*

Ah! essas lesmas!... É pra hoje isso aí! Mexam essas bundas! *(risos, assobios)*

**LABUSSIÈRE** *(ansioso)*

E então?...

**OLIVON**

O Fouquier me respondeu: “Fica na tua! A justiça deve seguir seu curso!”

**LÉCRIVAIN** *(voltando)*

Tá resolvido, vamos! Eu faço a chamada. *(gritos da populaça. Os policiais se reúnem no fundo. Sanson e seus ajudantes escalam os degraus e saem do lado de lá da arcada, onde ficam à vista)*

**GAUTHIER** *(voltando)*

Tem razão o Fouquier.

**OLIVON** *(também)*

A justiça antes de tudo! *(Debusne sobe para o alto dos degraus sob a arcada para reunir seus homens)*

**MARTIAL** *(fora de si)*

A justiça! É assassinato!

**LABUSSIÈRE** *(fazendo-o descer e segurando-o)*

Cale a boca! Quer que te moam de pancadas? *(durante o diálogo seguinte: movimento geral para a saída dos condenados. Os policiais e alguns guardas nacionais descem os degraus conduzidos por Debusne e aplaudidos pela populaça. Eles se acomodam em duas linhas entre a escadaria e a porta da Conciergerie de modo a formar um corredor para a passagem dos condenados. Todas as personagens em cena, e outros saídos do corpo de guarda ou que desceram com os guardas nacionais, se acotovelam atrás das duas linhas, os mais próximos da rampa de costas para ela, bem como os policiais; algumas sobem*

nas cadeiras, nos bancos, nas mesas para ver melhor, em meio ao rumor surdo da multidão. Emérance, que sai da Conciergerie com um rapazola, sobe com ele a um banco. Na altura do primeiro degrau, um homem do povo colocou seu filho a cavalo em seu pescoço. Todos os bancos da esquerda entre o proscênio e a escadaria estão cheios de curiosos, de curiosas sobretudo.

**MARTIAL** (*para Labussière*)  
vão sair!... Eles vão levá-la embora!...

**LABUSSIÈRE** (*segurando-o*)  
Ainda não! Ainda nos resta uma chance!

**MARTIAL**  
De salvação?

**LABUSSIÈRE**  
A última.

**MARTIAL**  
Qual?

**LABUSSIÈRE**  
E Tavernier vai nos ajudar.

**MARTIAL**  
Mas qual, qual?

**LABUSSIÈRE**  
A única que pode conseguir um sursis para as mulheres, para a constatação legal. Aquela que, em oito dias, salvou as Senhoras de Saint-Pern, Malicorne e Saint-Aignan, e que fez adiar a execução da princesa de Mônaco.

**MARTIAL**  
Ah! sim, sim; mas e Fabienne?

**LABUSSIÈRE**  
Ela não vai saber de nada! Você é o amante dela: você faz a declaração. Tavernier nos obtém o sursis. Antes de avisarmos a parteira e o médico, as carroças já estarão longe. Esta noite é nossa, e amanhã virá a salvação! Deixe por minha conta e se contenha! Tavernier! (*caminha vivamente até Tavernier, pega-o pelo braço e lhe fala baixo, à parte, durante o que segue*)

**LÉCRIVAIN**  
Vamos! Nos seus lugares! Tragam as carroças!

**A MULTIDÃO** *(alto, aplaudindo e gritando)*

Bravo! Finalmente!

**LÉCRIVAIN**

E, ansiosamente, esperemos que não haja motim nas ruas. *(ele entra na Conciergerie. Entrevê-se, no alto dos degraus a traseira de uma carroça que vem recuando até a grade. Os ajudantes de Sanson colocam a escadinha, depois esperam; atrás deles, curiosos. Tudo isso em meio aos aplausos da população, de pé sobre o muro e colada nas colunas. Ouve-se confusamente no interior da Conciergerie a voz de Lécrivain, que chama sucessivamente os condenados. Eles são vistos saindo do guichê. Têm as mãos amarradas e os cabelos cortados e ficam um momento agrupados na soleira; depois, a um gesto de Simonet e enquanto continua a chamada, eles atravessam o palco. O desfile continua sem interrupção durante o que segue, acolhido pelos assobios da população)*

**TAVERNIER** *(descendo para o proscênio com Labussière, onde ficam sozinhos os três, depois de ter conversado baixinho com Labussière)*

Bah! Essa agora! Todas elas fazem essa mesma declaração para ganhar tempo.

**LABUSSIÈRE**

Não ela... Eu te juro que é verdade. Tavernier, ajude-nos, eu lhe suplico, faça isso por um velho camarada.

**TAVERNIER**

Que seja; verdade ou não, por você bem posso tentar.

**LABUSSIÈRE**

Obrigado!

**TAVERNIER**

É aquela mulher para quem enviaram uma carta, não é

**LABUSSIÈRE**

É, é ela mesma.

**TAVERNIER** *(consultando sua lista)*

Uma religiosa?

**LABUSSIÈRE**

Sim.

**TAVERNIER** *(tomando notas gaiatamente)*

Assim é mais picante. E pela beleza do fato, vocês acabam tendo mais chances.

**LABUSSIÈRE**

Não é então?

**TAVERNIER**

E o pai da criança? É quem?

**LABUSSIÈRE**

Ele!

**MARTIAL**

Martial Hugon.

**LABUSSIÈRE**

Ajudante de campo de Jourdan.

**TAVERNIER** *(tira da cintura um tinteiro de chifre que coloca sobre a mesa, com uma pena curta plantada no tinteiro)* Um militar! Fechou! Felizmente para vocês, Fouquier não está mais lá. *(escreve sobre a mesa e passa o papel para Labussière)*

**LABUSSIÈRE**

Ah! Obrigado, obrigado! *(ouve-se a chamada que continua no interior e o nome Lecoulteux!)*

**MARTIAL** *(tremendo e apertando a mão de Labussière)*

Ela!... é ela!... *(Fabienne franqueia a soleira, as mãos atadas, cabelos cortados e surge diante do guichê, seguida de outros condenados)*

## Cena 6

Os mesmos, Fabienne

**TAVERNIER** *(vivamente)*

Esperem! Há um sursis para aquela ali! *(murmúrios. Tudo para e separam Fabienne, a quem ele faz sinal para descer para o proscênio, para a direita)*

**FABIENNE** *(percebendo Martial)*

Martial! Ah! meu Deus!... *(Martial vai falar, Labussière o interrompe)*

**TAVERNIER** *(aos ajudantes)*

Podem ir embora vocês aí! *(durante o que segue, os ajudantes retiram a escadinha e a carroça parte, saudada pelos clamores do pátio; uma outra carroça*

*logo ocupa o lugar. Mais adivinhada do que vista, os ajudantes colocam a escadinha)*

**SIMONET**

Mas por que esse sursis?

**TAVERNIER**

Dá um tempo! Deixa eles conversarem!... Mas vamos depressa! A chamada já está no fim! *(ele volta. Durante o que precede e que segue, a chamada continua, a rodinha de curiosos fica mais cerrada ocultando dos espectadores os condenados. As carroças se sucedem com o mesmo jogo de cena, em meio a risos e apóstrofes a cada partida de carroça. Num intervalo do diálogo, Martial faz Fabienne descer, à esquerda da mesa para o proscênio)*

**FABIENNE**

Ah! Martial! Por que está aí? Eu tinha feito o sacrifício de minha vida e me achava tão forte! Você me rouba toda minha coragem!

**MARTIAL**

Não! Não, vai ficar tudo bem.

**FABIENNE**

Vá embora, eu lhe suplico...

**MARTIAL** *(desatando as mãos dela e jogando longe a corda)*

Não depois de salvar você, minha querida.

**FABIENNE**

Salvar? *(Martial a faz sentar-se numa cadeira)*

**LABUSSIÈRE** *(para Fabienne, colocando sobre a mesa o papel que Tavernier lhe entregue lhe oferecendo a pena para sua assinatura)*

Sim, sim! Depressa, assine aqui!

**FABIENNE**

Minha assinatura?

**LABUSSIÈRE**

Sim, neste lugar, depressa, a carroça já vai sair!

**FABIENNE**

Mas o que é isso?

**LABUSSIÈRE** *(cobrindo o papel com a mão com a intenção de o manter sobre a mesa para que Fabienne não o leia)*  
Sua salvação! *(aqui termina a chamada)* Uma simples formalidade!

**SIMONET** *(gritando da soleira da Conciergerie)*  
Pronto aí?

**LÉCRIVAIN** *(de fora)*  
Sim!

**TAVERNIER**  
A chamada terminou?

**LÉCRIVAIN**  
Sim. *(murmúrios e protestos da multidão)*

**FRANÇOISE**  
Tem uma ainda!

**AS MULHERES**  
Sim... ainda tem uma ali adiante!

**SIMONET**  
A religiosa!

**TAVERNIER** *(impaciente, para Labussière e Martial)*  
E aí, vamos!

**MARTIAL** *(para Fabienne)*  
Ah! meu Deus! Assine aí, Fabienne.

**MARIOTTE** *(no alto)*  
E então, vai ser pra quando essa aí? *(movimento, de impaciência de todos)*

**SIMONET** *(caminhando para eles)*  
E aí, tá tudo terminado aí com a freirinha?

**LABUSSIÈRE** *(intervindo)*  
Paciência, paciência, um segundo! *(Fabienne pega o papel e começa a ler; eles se olham, ansiosos)*

**FABIENNE** *(após ter lido de pé)*  
Oh! Que vergonha! Eu assinar isto! Eu! Eu!



**LABUSSIÈRE**

Mas, mocinha infeliz, a morte está chegando para você!

**FABIENNE**

E eu a evitaria com essa covardia; minha desonra?

**MARTIAL E LABUSSIÈRE**

Mas não! Não! (*rumores maiores nos degraus do fundo*)

**A MULTIDÃO**

A freirinha! A freirinha!

**LABUSSIÈRE**

Ah! A tigrada, estão caindo em cima de sua presa!... (*para Simonet*) Paciência, paciência, é isso mesmo!

**MARTIAL** (*só, com Fabienne*)

Você está ouvindo! Por piedade!

**FABIENNE** (*desolada, rejeitando a pena que ele colocou em sua mão*)

Mas não posso assinar isso! Martial, você bem sabe que não posso.

**SIMONET** (*que desceu*)

Ela se recusa, é?

**FABIENNE**

Ah! Deus, sim, eu me recuso! (*movimento desesperado de Martial e de Labussièrre, que desceu com Simonet e Tavernier*)

**SIMONET**

Mas então se ela não concorda consigo mesma, acabemos com isso! Vamos lá, pé na estrada! (*movimento para a partida de Fabienne*)

**MARTIAL** (*atirando-se e barrando a passagem*)

Parem! Não deem ouvidos a ela e, já que ela me obriga, eu atesto que sou o amante dessa mulher e pai do filho dela!

**FABIENNE** (*protestando*)

Não! Não!

**MARTIAL**

É a vergonha, apenas a vergonha que a impede de confessar.

**FABIENNE**

Isso é falso! Ele está mentindo! Oh! Infeliz, desonrando assim quem você ama!

**MARTIAL**

Por tua salvação!...

**FABIENNE**

A esse preço, nunca!

**MARTIAL**

Eu vou salvar você mesmo que você não queira. (para a multidão) eu juro que eu disse a verdade.

**FABIENNE**

E eu, eu atesto que ele mentiu! Acham que eu condenaria meu filho a morrer junto comigo? (*movimento entre os homens*)

**FRANÇOISE** (*reconhecendo-a*)

Ah! é aquela freirinha de hoje de manhã!

**MARIOTTE**

Com o amante dela!

**OUTRAS VOZES**

Sim, sim!

**LABUSSIÈRE** (*triunfante*)

Ah! você ouviu: “amante dela”!

**FABIENNE**

Ah! meu Deus! (*ela cai sentada, cobrindo o rosto com as mãos*)

**LABUSSIÈRE** (*para Françoise*)

Você tá reconhecendo ela, não tá não?

**FRANÇOISE**

Escarradinha! E o militar ali também! Abraçadinho nela. Ela toda desmaiada nos braços dele. (*risos da multidão*)

**LABUSSIÈRE**

Você está ouvindo! Você está ouvindo!

**MARTIAL**

Ela insiste em negar!

**LABUSSIÈRE**

Mas ali estão nossas testemunhas!

**FRANÇOISE**

Por que ela nega? Vergonha de quê?

**LABUSSIÈRE**

Sim!

**FRANÇOISE**

Por causa do soldadinho que ficou de pé!... *(risos, gritos de alegria)*

**LABUSSIÈRE** *(para Martial)*

Elas riem, podem nos ajudar! Hei, vocês aí em cima! As cidadãs corajosas! Deem um empurrãozinho! Ajudem-nos a salvar o filho, apesar da mãe! O filho ainda não é culpado de nada, esse garotinho!!

**FRANÇOISE**

Ha ha! Sempre com uma gracinha, esse aí!

**TODAS** *(aplaudindo e rindo)*

Sim, sim!

**MARIOTTE**

Vamos, filha, concorda aí!

**FRANÇOISE**

Não tem mal nenhum nisso!

**MARIOTTE**

Ao contrário.

**FRANÇOISE**

Taí um bom exemplo e todas as religiosas deveria fazer como você. *(risos, aprovações)*

**MARIOTTE**

Com todos os militares! *(risos)*

**FABIENNE** *(indignada e em lágrimas)*

Ah! escutem isso, me escutem, é uma religiosa que estão insultando, com essa alegria impiedosa de achar que sou culpada!

**MARTIAL**

Ninguém está se importando! Condenam e pronto!

**FABIENNE** *(do mesmo modo)*

Eu proíbo que acreditem nisso! *(para Simonet)* Vamos, senhor, faça seu serviço e não me prive do martírio a que tenho direito! *(aprovação das mulheres, no alto, enquanto embaixo se afastam para dar passagem a Fabienne)*

**FRANÇOISE**

Bravo, freirinha!

**TODOS**

Bravo, freirinha! Bravo!

**FRANÇOISE**

Vamos! Vamos salvar essa aí! *(todo mundo se associa ao movimento do alto rodeando Fabienne para fechar seu caminho para a escada)*

**TODOS**

Sim, sim! Vamos salvar a freirinha!

**LÉCRIVAIN E VÁRIOS HOMENS**

Assina, assina aí então!

**FRANÇOISE**

Verdade ou não, isso vai te salvar!

**TODOS**

Nós vamos te salvar.

**MARTIAL** *(suplicante)*

Fabienne!...

**LABUSSIÈRE** *(apresentando-lhe o papel)*

Vamos.

**SIMONET, TAVERNIER**

Rápido, vamos liberar a carroça!...

## TODOS

Assina, assina então!

**FABIENNE** *(rasgando o papel)*

Jamais. *(gritos de decepção e lamento)*

## MARTIAL

Ah! maluca! Insensata! Acabou de se matar! *(Brault, Tavernier e Lécrivain a levam para a direita, onde ela cai sentada no banco, choramingando, enquanto Simonet amarra as mãos de Fabienne. Depois, num grande silêncio, os últimos policiais precedidos de Debusne escalam a escadaria. Os assistentes se afastam com respeito e se descobrem, dando lugar para Fabienne chegar aos degraus)*

**FABIENNE** *(no meio dos degraus para Labussière, que está no pé da escadaria)*

Adeus, e obrigada! *(ela sobe os outros degraus e comovida, com um último olhar para Martial)* Ah! meu caro, meu caro Martial! Agora vou poder te amar sem crime algum! *(ela sobe à carroça, que parte sob os rumores da praça)*

**MARTIAL** *(de pé, perturbado)*

Ah! Bandidos!... o povo vai me ouvir... vou conclamar a multidão... que vai tirar ela de lá!

**LABUSSIÈRE** *(tentando detê-lo)*

Você vai acabar se matando!

## MARTIAL

Pior pra mim! *(atira-se para os degraus)* Gente imunda, seus carrascos!... Me deixem passar!

**DEBUSNE** *(aos policiais que estão no alto dos degraus)*

Prendam esse louco.

**MARTIAL** *(debatendo-se para passar)*

Assassinos, assassinos, me deixem passar!

**DEBUSNE** *(pistola na mão)*

Ah! um monarquista, está nos insultando agora! *(ele atira. Martial dá um grito, cambaleia e cai no palco nos últimos degraus; ao tiro responde ao longe a voz de Fabienne: "Martial")*

**LABUSSIÈRE** *(precipitando-se para ele)*

Martial, meu amigo, Martial! Ah! Deus, acudam, socorro! *(ele se levanta)* Martial, está me vendo, você me ouviu, Martial!

**MARTIAL**

Fabienne! (*ele morre*)

**LABUSSIÈRE** (*deixa cair a cabeça*)

Acabou!... estou morrendo também... Ah! seus carrascos, ter arrancado tanta gente de suas mãos e não ter conseguido salvar esses dois! (*remexe no casaco de Martial e dali tira a rosa branca manchada de sangue*)

**VOZ DO GAZETEIRO** (*ao longe*)

Extra! Extra! “Catilina Robespierre declarado fora da lei junto com seus cúmplices”. Extra! Olha o ARRESTO da tarde!

**Fim.**



**Figura 10.** *Sala dos Passos Perdidos e entrada do Tribunal Revolucionário em 1793, de Louis Léopold Boilly, 1895.*



Figura 11. Um *sans-culotte* típico



Figura 12. A Conciergerie